Anexo 2 – Transcrição da Audiência Pública

Licenciamento do Projeto Caldeira

Número do Processo: 00911/2024

Empreendimento: Meteoric Caldeira Mineração Ltda.

Data da Audiência Pública: 09/11/2024

Horário de Início: 9h

Local: Caldas Tênis Clube | Praça Paulino Figueiredo, s/nº, Centro, Caldas/MG

AUDIÊNCIA PÚBLICA | PROJETO CALDEIRA

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Bom dia a todos e a todas aqui presentes e a todos que nos acompanham pela plataforma do YouTube. Sou Frederico Augusto Massote Bonifácio, chefe regional da Unidade de Regularização Ambiental do Sul de Minas e hoje estarei aqui presidindo esta reunião. Eu agradeço novamente a presença de todos e vamos dar início à presente audiência Pública com a execução do Hino Nacional Brasileiro, motivo pelo qual eu peço a todos os presentes para ficarmos de pé.

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas

De um povo heroico, o brado retumbante

E o Sol da liberdade, em raios fúlgidos

Brilhou no céu da pátria nesse instante

Se o penhor dessa igualdade

Conseguimos conquistar com braço forte

Em teu seio, ó liberdade

Desafia o nosso peito a própria morte

Ó Pátria amada

Idolatrada

Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido

De amor e de esperança à terra desce

Se em teu formoso céu, risonho e límpido

A imagem do Cruzeiro resplandece

Gigante pela própria natureza

És belo, és forte, impávido colosso

E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada

Entre outras mil

És tu, Brasil

Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo, és mãe gentil

Pátria amada, Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido

Ao som do mar e à luz do céu profundo

Fulguras, ó Brasil, florão da América

Iluminado ao Sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida

Teus risonhos, lindos campos têm mais flores

Nossos bosques têm mais vida

Nossa vida, no teu seio, mais amores

Ó Pátria amada

Idolatrada

Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo

O lábaro que ostentas estrelado

E diga o verde-louro dessa flâmula

Paz no futuro e glória no passado

Mas se ergues da justiça a clava forte

Verás que um filho teu não foge à luta

Nem teme, quem te adora, a própria morte

Terra adorada

Entre outras mil

És tu, Brasil

Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo, és mãe gentil

Pátria amada, Brasil!

Confesso que o hino nacional *a capella* ficou até melhor do que a gravação.

Pessoal. A gente está num ambiente de debate sobre um licenciamento ambiental importante. Eu sei que isso causa uma ansiedade já natural de todos os envolvidos, seja pela empresa, seja pela consultoria, seja pelos munícipes. Contudo, eu gostaria de, na condição de chefe regional aqui de Regularização Ambiental, externalizar a vocês que nós vamos conduzir essa reunião com muita tranquilidade, com muita calma, garantindo que a DM 225, que é o Regimento da Audiência Pública, seja cumprida, devidamente cumprido. Para isso, eu tenho aqui o meu assessor regimental, Dr. Anderson Siqueira, que é o coordenador de Controle Processual da Unidade e tem também o coordenador técnico Eridano Valim do Santos Maia e mais componentes da nossa equipe de análise que estão espalhados por aqui, captando inclusive as percepções da população para que, de fato, a gente tenha uma reunião profícua

Nesse sentido ainda, eu quero dizer que a gente está num espaço que comporta muitas pessoas, mas talvez não comporte de maneira tão confortável o número de pessoas interessadas nesse processo. E isso, por si só, também vai gerar ansiedade, vai gerar, em alguns momentos, desconforto. Então eu peço a colaboração de vocês para que a gente tenha uma reunião tranquila, que a gente consiga aqui deliberar tecnicamente e entender e compreender todas as dúvidas que nós temos envolvidas com esse processo.

Bom. Então eu repito a vocês que existe um rito para que essa reunião ocorra. Esse rito ele é. Ele está instruído através de uma norma, que é a Deliberação Normativa 225 do COPAM. É uma norma que foi tramitada inclusive perante o COPAM, que é um órgão paritário, democrático, representativo. Não foi o Estado, através do governo, que

simplesmente elaborou essa norma. Essa norma passou por discussões de representatividade dentro de um ambiente representativo. Então, inclusive os prazos que foram ali estabelecidos, eles passaram por essas análises. E a gente aqui, na condição de condutor dessa reunião de mediador, deve cumpri-los.

Ok. Então, dito isso, eu vou dar sequência aqui no nosso rito. A gente já fez a abertura e eu vou, eu vou iniciar a presente. Ah, bom, peraí. Bom. Já passei essa parte aqui. Bom, com relação à participação popular e mediante os inscritos, esta audiência, ela comporta um número de 36 inscritos para poder fazerem uso da palavra. Eu vou abrir nesse momento são nove. 09h10. Confere aí para mim. 09h11. Eu vou abrir por 01h00 as inscrições. Eu peço a vocês que tenham calma, tranquilidade para poder se inscreverem. A gente vai, eu vou chamar a representante do empreendimento que está na organização, a Caroline. Ela vai explicar para vocês aonde será feita essas inscrições e durante 01h00 a gente vai ter esse tempo para fazer as inscrições dos 36 interessados acabar. Terminada essa 01h00, aí a gente vai passar a de fato a fazer os debates. Bom, Caroline, você quer explicar para o pessoal?

Caroline Coutinho (Meteoric): Oi, pessoal, bom dia! As inscrições vão ser feitas no local, sinalizado desde o início da abertura das entradas. Está localizado do lado direito do salão. Está sinalizado e a representante da HP vai receber as inscrições e peço para quem for chamado, por gentileza, utilizar a entrada à direita tem uma placa entrada ao púlpito para quando for chamado vir ao púlpito e se sentar. Aqui os três representantes para a gente ter uma melhor mobilidade aqui dentro do salão. Então, utilizar a passagem externa para chegar até aqui quando for chamado. Obrigada.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, Caroline. Bom. Dando sequência. Pessoal, antes ainda de fazer de fato a abertura, compor a mesa e passar a palavra aos interessados, eu gostaria de deixar aqui registrado que a audiência pública não tem um cunho decisório. Naturalmente, nós não vamos sair daqui hoje com uma decisão se a empresa pode ou não operar. Esse é um rito dentro do processo administrativo, de oitiva, de captação de percepções. Então estejam tranquilos com relação a isso e não criem essa expectativa nesse sentido, até para que vocês não esperem que a gente nesse momento diga olha, a empresa está apta a operar ou não está apta a operar, porque não é esta fase ainda que a gente está discutindo. Eu gostaria de deixar isso claro, externalizado, que este é um momento ainda inicial do processo de licenciamento ambiental. Nós vamos fazer essa oitiva aqui hoje. Nós vamos captar todas as informações. Nós vamos depois reduzir isso a termo. Isso vai para o processo para dar sequência à análise. Naturalmente, este é um ato extremamente importante dentro do processo. Contudo, eu repito, não é aqui, não é a equipe nossa que vai, nesse momento, dizer olha, esse empreendimento vai ou não poder operar. Eu deixo isso registrado até para que a gente tenha as expectativas alinhadas, ok? Este é um momento de fato, de oitiva da

população, de captação de informações para que a gente possa formar as nossas opiniões, os nossos apontamentos, dentro do deslinde da análise do processo.

É... bom, esta reunião foi requerida pelas seguintes entidades: ONG Planeta Solidário; Aliança em prol da APA Pedra Branca; Central das Associações de Produtores Orgânicos do Sul de Minas; Meteoric Caldeira Mineração Limitada; Associação Poço Sustentável e através de um coletivo de pessoas representadas pelo senhor Anderson Tadeu de Oliveira. Então eu vou. Eu gostaria de chamar essas pessoas que eu listei, os representantes dessas entidades que eu listei para comporem a mesa junto conosco aqui, e a gente dá andamento aos trabalhos.

Fizemos uma solicitação. Chamei. Pode se sentar.

Composta a mesa pessoal. Bom. Uma vez então composta a mesa e essa audiência é relativa à licença prévia do empreendimento Meteoric Caldeira Mineração Limitada. O tipo de regularização e licença ambiental trifásica na fase de licença prévia, cujas atividades estão listadas na DN 217, sob os códigos A02070: Lavra a céu aberto de minerais não metálicos, exceto rochas ornamentais e de revestimento; A05020: Unidade de Tratamento de Minerais UTM com tratamento a úmido; A05045: pilhas de rejeito estéril; A05062: Disposição de estéril ou rejeito, inerte e não inerte da mineração em cava de mina em caráter temporário, sem necessidade de construção de barramento para construção, para contenção. Perdão; F06017: Postos Revendedores Postos ou Pontos de Abastecimento, Instalações de Sistemas Retalhistas, Postos flutuantes de combustíveis e Postos Revendedores de combustíveis de aviação. A audiência foi publicada na imprensa oficial na sexta-feira, dia 4 de outubro de 2024, na página 11.

Bom, vamos a algumas regras do nosso rito. Aqui solicitamos a todos que mantenham os celulares desligados ou no modo silencioso. Quem não assinou aquela lista geral de presença, a gente solicita que assine logo na entrada do evento que a equipe está disponível. As inscrições de manifestação poderão ser realizadas até 60 minutos da abertura dessa sessão, como eu já explanei anteriormente. Portanto, até as 10:11 limitadas a 36 inscritos, de acordo com as regras do artigo 15 da DN 225. Informamos, ainda, que a lista para inscrição consta, onde a Caroline nos informou. E o EIA Rima está disponível para consulta, naturalmente durante a sessão também.

A equipe técnica da Unidade Regional Ambiental do Sul de Minas está presente e tem a função, nessa audiência, de perceber todos os pontos levantados que serão tratados posteriormente na análise do processo. Ela não se pronuncia e, portanto, caso existam dúvidas pertinentes ao licenciamento ou protocolos a serem realizados, os interessados poderão fazê-los formalmente até cinco dias úteis via Sistema SEI.

Aqui, eu já nomeei os assessoria e posso convidar. O plenário ele é composto por todos vocês e todos os convidados. Conforme o artigo décimo parágrafo segundo da DN

225. A Tribuna é o espaço físico destinado aos oradores aqui à direita e devidamente inscritos e identificados, para fazer o uso da palavra conforme o artigo décimo parágrafo terceiro, também da DN 225. É válido explicar que, nesse momento, as regras que regem essa audiência estão em consonância com a Deliberação 225 de 2018 do COPAM,

Conforme o artigo primeiro da referida, da referida DN, a Audiência Pública é uma reunião destinada a expor à comunidade as informações sobre obra ou atividade potencialmente causadora de significativo impacto ambiental e o respectivo estudo de impacto ambiental, dirimindo dúvidas e recolhendo críticas e sugestões a respeito para subsidiar a decisão quanto ao licenciamento.

Ela é composta por cinco partes. Vamos a elas.

A 1º (primeira) é esta que eu estou expondo as normas, as regras segundo os quais essa audiência vai se processar.

Já 2º (segunda), refere a exposição, é um momento importante em que a empresa apresentará o empreendimento à sociedade. A empresa terá 45 minutos nesse sentido, a Meteoric Mineração, através do seu representante, que contará com 45 minutos. Os solicitantes através do seu representante, contarão com 50 minutos, sendo reservado dez minutos para cada solicitante, nesse sentido.

A princípio, a gente... É importante eu tecer essa consideração porque o artigo 200 a 225 traz que na fala dos solicitantes serão destinados 30 minutos para que eles utilizem entre si. Contudo, em deliberação nossa, a gente achou um tempo extremamente encurtado e resolvemos dilatar esse prazo para dez minutos para cada solicitante. Isso foi alvo, inclusive de solicitação de vocês, via e-mail, o qual a gente faz a resposta nesse momento e trata dessa temática. Então vocês terão, ao invés de cinco minutos pela divisão do tempo, de 30 regulamentar. Pelo número de inscritos, vocês terão um tempo de dez minutos. Eu também vou conceder a empresa Meteoric, que é a solicitante junto com vocês, o prazo de cinco minutos para uma fala institucional.

Na 3º (terceira) parte chamaremos os inscritos para a manifestação, que se dividirá em 12 blocos de perguntas e respostas com cada bloco composto por três falas. Pessoal, isso é que é importante. Então serão 36 inscritos. Nós vamos dividir os blocos em três falas e de até três minutos, seguidos de resposta única pelo empreendimento de até seis minutos. Ok, então isso tem que totalizar no máximo de 180 minutos. É importante que todos nós respeitemos os prazos regimentais, a fim de que não haja corte nas nossas falas, enfim.

A 4º (quarta) parte consiste nas considerações finais, cabendo ao representante do empreendimento e/ou à sua equipe técnica, dez minutos para a manifestação. Ao solicitante será concedido dez minutos para a manifestação

E, finalmente chegaremos à parte para onde eu farei o encerramento. Então, nesse primeiro momento, eu gostaria de passar a palavra à equipe técnica ou representante do empreendimento Meteoric Caldeira Limitada para que ele faça o uso da palavra. Éder, fique à vontade. Aliás, todos vocês que compõem a mesa podem ou utilizar o púlpito ou também fazer daqui, enfim, de onde vocês se sentirem mais confortáveis. É, os 45 minutos.

Éder Santo (Meteoric): Bom dia a todos, pessoal. A todos e a todas. Meu nome é Éder Santo. Sou representante da Meteoric. Eu é que estou encarregado de fazer a apresentação do Projeto Caldeira para vocês, junto com a Ana, representante da Alger, e a Mariana, representante da CERN, que são as duas empresas de consultoria responsáveis pelo estudo de Impacto Ambiental.

Primeiro gostaria de falar sobre a Meteoric. A Meteoric está atuando no projeto Caldeira desde o início de 2023. Nós temos o escritório, hoje, em Poços de Caldas. São aproximadamente 60 empregados, todos eles brasileiros, que atuam no projeto Caldeira.

É importante a gente ressaltar o que é Terras Raras, né? Eu acho que tem dúvida ainda sobre o que é ou o que são terras raras e para que eles servem. Terras raras hoje são considerados um grupo de elementos que são fundamentais para a transição energética e, também, para utilização em equipamentos de tecnologia que a gente usa no dia a dia, como celulares e computadores. Talvez os principais produtos que são fabricados com terras raras são os ímãs de alta potência. Esses ímãs são utilizados, por exemplo, em geradores de energia elétrica. São muito mais eficientes do que os ímãs que são feitos de liga de ferro e, portanto, elementos de terras raras estão vinculados à transição energética de a gente deixar de utilizar uma energia que é poluente, não é renovável e passar a utilizar uma energia que é renovável.

E é importante a gente salientar que a questão da transição energética está vinculada com a redução da emissão de gases do efeito estufa, que leva à questão das mudanças climáticas. E a gente tem visto muito ultimamente no Brasil, inclusive. A gente teve recentemente um sério problema de inundação no Rio Grande do Sul, que é em função de mudanças climáticas. A gente tem e está atravessando ainda uma seca terrível na Amazônia, que também em função das mudanças climáticas.

Projeto Caldeira. Aonde que ele se localiza? Em Caldas, completamente em Caldas. Existe essa dúvida que às vezes me perguntam "Ah, mas está em Poços? Está em Andradas?" Não. Ele fica em Caldas e ele vai ser realizado aqui se passar pelo rito do licenciamento. Obviamente está localizado a cerca de nove quilômetros e meio de

distância da sede do município. Eu gostaria de passar para vocês, pessoal, um pequeno filme. Um filme curto que mostra como que é o processamento para a separação dos elementos de terras raras, da argila, do solo, da terra aonde esse material se encontra na natureza.

Filme: "Projeto Caldeira O projeto de Terras raras em argila iônica de mais alto teor do mundo, localizado no estado de Minas Gerais, Brasil. Uma região tradicional de mineração no país, com excelente infraestrutura e disponibilidade de água. Nas proximidades são previstas instalações para acesso à energia elétrica 100% renovável. O projeto tem o potencial para ser uma das fontes de terras raras de mais baixo custo do mundo, com uma operação simples e sustentável de processamento e capacidade para processar até 5 milhões de toneladas por ano. Método de mineração sustentável sem o uso de explosivos. Abertura de cavas rasas, normalmente com cerca de 30 metros de profundidade acima da zona de transição para a rocha matriz. As cavas facilitam a drenagem em uma reabilitação rápida e progressiva. Mais de 99% da argila extraída irá retornar para as cavas após processamento. Após separadas as terras raras, a argila será lavada e filtrada antes de retornar para dentro das cavas. A planta de processamento do Projeto Caldeira estará localizada em terras agrícolas sem vegetação nativa. A operação também ocorre em circuito fechado, sem descarte de efluentes. A construção se iniciará após o recebimento da licença de instalação e da decisão final de investimento, prevista para o final de 2025.

Visão geral da planta: *imagens*

O processamento na área de preparação da alimentação da planta inclui remoção de material grosseiro, adição de água para a formação da polpa de minério e transferência para o circuito de lixiviação. Após o processamento na área de preparação da alimentação, a polpa resultante é lavada em espaçadores para recuperação do sulfato de amônia. A argila lavada então segue para o circuito de desabamento, enquanto a solução rica em terras raras, é enviada para a etapa de remoção de impurezas. A solução passa então pelo circuito de precipitação de impurezas. Uma vez livre de impurezas, ela segue para o circuito de precipitação de carbonato de terras raras. A argila lavada e a polpa de impurezas são alimentadas no circuito de desabamento. Após o desabamento, os sólidos secos são transportados e depositados nas pilhas temporárias de argila lavada. Assim que houver espaço disponível, a argila voltará para o preenchimento das mesmas cavas. Após a filtragem, o carbonato será alimentado em um sistema de secagem. O carbonato seco é

então embalado e despachado em contêineres para ser entregue aos consumidores."

Éder Santo (Meteoric): Então, esse é o processo que vai ser aplicado para se fazer a separação de terras raras da argila que contém esse material.

Eu trouxe aqui para vocês um fluxograma que é o que representa como que vai ser o processo desde a extração até o fechamento ou o encerramento das atividades. Então, importante pontuar que existem dois tipos de mineração. Uma mineração que é em rocha, que não é o nosso caso, é uma mineração que é em argila, em material mole, que é o nosso caso, é a extração de argila iônica. Nesse caso, de extração de argila, o que se utiliza? O método mais simples possível. Escavadeira uma escavadeira hidráulica, escava, carrega o caminhão, leva esse material para a planta de processamento, que é o que vocês viram no filme.

Esse processo na planta de tratamento ele passa por vários tanques. Essa argila ela passa por vários tanques onde se adiciona produto químico e esses produtos químicos. Eles são responsáveis por fazer essa separação. No final, a gente tem duas saídas dessa planta. A gente tem o carbonato de terras raras, carbonato de terras raras. A aparência dele é como cal virgem, que a gente utiliza para material de construção, utiliza para pintar paredes ou muros de casa e ele e o outro. A outra saída é a argila. A argila antes de voltar para as cavas, para poder ser feita a recuperação dessa cava ou das cavas. Ela passa por um processo de tríplice lavagem.

Quando vocês viram o filme, vocês observaram três tanques grandes, redondos, que são os tanques responsáveis por fazer a lavagem dessa argila. Saindo desse tanque, essa argila passa por um processo de filtragem e ela retorna para as cavas com uma umidade de cerca de 25%. O que que é essa umidade? É a água que fica preso dentro dela que não é possível de ser extraída. Essa umidade é muito parecida com a argila natural no terreno. No terreno, a argila tem por volta de 22%. Carrega se essa argila nos caminhões. Retorna para dentro das cavas. Esse material é despejado dentro das cavas. Ele passa por um processo de compactação e de reposição em camadas até que se atinja o nível de superfície, atingindo o nível de superfície. O solo que havia sido armazenado ao lado dessas cavas. Ele recobre esse material. Ele é utilizado para recobrir esse material e a partir daí se faz a vegetação ou se retoma a atividade que era realizada anteriormente. Isso vai depender de como os proprietários de terra eles enxergam a necessidade de retomada do terreno dele.

É importante que a gente tenha ali a reciclagem da água. Então eu comentei com vocês que 25% da água retorna com essa argila para dentro das cavas. 75% da água ela fica circulando. Tem um sistema de tratamento dentro da planta para tratar a água.

A osmose reversa que vocês veem ainda, nesse fluxograma, é um sistema de tratamento de água extremamente eficiente. Ele é utilizado, por exemplo, para tratar a água do mar e tornar essa água para consumo humano. Isso é importante porque a gente vai ver alguns pontos que a gente coloca como diferenciais desse projeto para vocês.

A recuperação da área, a gente trouxe aqui um exemplo de um processo que já é utilizado hoje aqui na região. A gente fala do processo da bauxita. Hoje ela é extraída, né? E essa primeira foto aqui do lado do lado esquerdo, existe o processo de extração da argila, o início do processo de recuperação e como que fica a área após ela ser recuperada. Então é um processo similar ao que a gente vai adotar no projeto Caldeira.

O que tem de diferente esse projeto? Eu já trabalhei, pessoal, e conheço mais de 70 projetos de mineração no mundo todo. Chile, Argentina, Peru, Colômbia, México, Estados Unidos, Canadá, Japão. E nesses 70 projetos eu não conheci nenhum que faça essa forma de recuperação, que retorne o material para dentro da cava. Esse é o material... esse é um ponto de diferencial desse projeto.

Não utiliza explosivo. Vocês têm experiências dentro do município de minerações que utilizam explosivo ou utilizaram no passado. Consumo de energia baixo? Por quê? Dois dos principais processos de mineração, que é a britagem e a moagem, não vão acontecer por conta do material, que é um material suave, mole. Britagem e moagem são os dois sistemas em um processamento de minério que mais consome energia. Se eu tenho uma emissão de energia baixa, eu tenho uma menor emissão de gases do efeito estufa. Fizemos uma comparação com projetos similares desenvolvidos na Austrália e a emissão de gases do efeito estufa desse projeto Caldeira. Ele é cinco vezes menor do que a emissão de um projeto similar desenvolvido na Austrália. A recirculação da água que eu comentei com vocês. O preenchimento e fechamento dessas cavas é a questão da barragem. Não existe barragem no projeto Caldeira.

Geração de empregos. Na construção o pico das obras vai gerar 800 empregos na operação gera em torno de 520 com 2500 empregos indiretos. A gente vai fornecer para a população em Caldas cursos de capacitação gratuitamente para que as pessoas tenham oportunidade de trabalhar na empresa. Geração de renda somente para pagamento de CFEM, que é um imposto específico da mineração, serão arrecadados no município de Caldas R$15 milhões /anuais. Em termos de quantidade de dinheiro pago em salário, R$50 milhões. Só uma observação o que arrecada a Caldas hoje, anualmente a R$70 milhões. Obrigado. Ana, por favor.

Ana Luiza de Almeida Gonçalves (Alger): Bom dia a todos. Vou continuar a apresentação apresentando um pouco dos resultados dos estudos ambientais que foram elaborados.

Começando então falando um pouco do fluxo do processo de licenciamento. O Frederico já apresentou alguns pontos que eu gostaria de trazer aqui, mas o Projeto Caldeira é um projeto que foi classificado como Classe (6) seis e na modalidade de licenciamento trifásico. Isso significa que as licenças prévias de instalação e operação, elas são concedidas em fases diferentes.

Então tudo começa, em um projeto dessa magnitude, começa com a etapa da pesquisa mineral. A pesquisa mineral é quando são feitos os furos de sondagem para conhecer, ter uma noção das concentrações do material das terras raras que estão ali naquele subsolo. Então, a partir desse conhecimento, são feitos os primeiros estudos de engenharia. Isso para traçar, para avaliar a viabilidade técnica e comercial desse projeto. A partir desses primeiros estudos são feitos, então, os estudos ambientais. No caso do projeto Caldeira, foi elaborado o EIA Rima, que é o Estudo de Impacto Ambiental e o respectivo Relatório de Impacto Ambiental. Foi feito pela ALGER e pela CERN.

Finalizado o Estudo de Impacto Ambiental, o projeto foi formalizado junto à FEAM (Fundação Estadual do Meio Ambiente) em março de 2024, quando foi aberto o prazo para solicitação de audiência pública. Então, como o projeto foi solicitado por diversos solicitantes, estamos aqui hoje realizando a audiência pública para apresentar o projeto, tirar a dúvida dos interessados. Então, após a audiência pública, como o Frederico comentou, o projeto continua em análise pelo órgão ambiental que, ao final dessa análise, vai emitir um parecer técnico opinativo que vai subsidiar a análise de uma câmara, um comitê técnico que vai avaliar a viabilidade desse empreendimento, concedendo então a licença prévia.

Lembrando que a licença prévia é uma licença de viabilidade. A empresa não vai estar autorizada após a LP a fazer nenhum tipo de intervenção ambiental nesse momento. A intervenção ambiental ela só é autorizada depois da concessão da licença de instalação para a licença de instalação. O empreendedor vai ter que solicitar também a partir da formalização de novos estudos ambientais. Estudos ambientais em fase executiva, que também vai ser avaliado pela equipe da FEAM, que vai emitir um parecer que vai ser julgado pela mesma equipe técnica, pelo mesmo comitê técnico. Após a construção do empreendimento. Removida a cobertura vegetal da área, a empresa solicita então a licença de operação, que vai ser também avaliada pela equipe da FEAM e só então é concedida a licença de operação e a empresa pode começar a operar a produção de terras raras.

Então, como vocês podem observar, é um fluxo extenso, complexo. A empresa vem cumprindo todas as fases desse processo e vai continuar cumprindo até a obtenção da licença de operação para início da operação dos processos. Então, o estudo que subsidiou, que vem subsidiando, esse processo de análise da equipe é o EIA Rima. O Rima é um estudo complexo, extenso, que envolve mais de 20 profissionais

multidisciplinares qualificados, mais de 4000 horas de trabalho, trabalho de campo que foi feito, pesquisas de campo, pesquisas em laboratório. Então o resultado desse estudo é realmente um resultado muito robusto. Um dos pontos que é estudado nesse estudo de impacto ambiental é o estudo de alternativas vocacionais projetos de mineração. Eles têm uma característica que a gente chama de rigidez locacional. O que é rigidez locacional? E por que as cavas de minério só podem ser implantadas em determinadas áreas, que são as áreas onde ocorre essa concentração ideal de material? Então, assim, o que o que a gente avaliou como alternativa locacional foram as alternativas das pilhas temporárias e alternativa da planta de beneficiamento, que aí sim, foram avaliados melhores parâmetros ambientais. A proximidade dessas pilhas em relação à cava para se ter o menor impacto ambiental, mas as cavas não. A possibilidade de escolha da localização dessas cavas.

Então, foram traçadas áreas de estudo para elaboração do diagnóstico ambiental. Foram coletadas informações em campo. Foram feitas mais de 20 horas de 20.000 horas de campo e não foi possível. A partir da caracterização desse empreendimento e da delimitação do diagnóstico da área da caracterização da área, traçar a avaliação e a classificação desses impactos ambientais. Foram traçados e classificados os impactos positivos e os impactos negativos. Para os impactos negativos foram propostas medidas de mitigação, controle e minimização desses impactos. Para os impactos positivos foram traçados programas para potencializar esses impactos positivos para eles serem percebidos de uma forma mais abrangente. Então, foi feito também um prognóstico ambiental com e sem o empreendimento, e o estudo conclui pela viabilidade ambiental desse projeto.

Então, aqui a gente tem um arranjo geral do Projeto Caldeira. A gente consegue perceber que ele é basicamente formado pelas estruturas de cava e pelas pilhas, pelas pilhas temporárias, além dos acessos entre essas estruturas, a planta de processamento. E lembrando também que essas cavas, elas não vão ser abertas todas ao mesmo tempo. É um processo contínuo que, à medida que uma cava for aberta, fechada, as outras vão sendo abertas. Esse projeto ele não vai acontecer todo ao mesmo tempo.

Foram delimitadas as áreas de influência do projeto, então as áreas de influência são delimitadas de mais restritivas para as mais abrangentes. A área de influência diretamente afetada e onde são sentidos efetivamente os impactos desse projeto e onde é necessária a remoção da cobertura vegetal na remoção das árvores para implantação do projeto. A área de influência direta é onde são sentidos os impactos diretos. É uma área que fica no entorno imediato da área diretamente afetada. E a área de influência indireta. É uma área mais abrangente, onde são os sentidos impactos indiretos.

Então, de forma mais visual, temos aqui que as áreas de influência dos meios físico e biótico são as mesmas áreas de influência. A gente tem em vermelho a área diretamente afetada, que é onde o empreendimento vai ser instalado no seu entorno imediato, a área de influência direta é foram considerados a característica da bacia hidrográfica, foi considerada a cabeceira de duas microbacias hidrográficas para delimitação dessa área de influência direta e a área de influência indireta um pouco mais abrangente, contemplando também a cabeceira do Ribeirão da Anta. Então a gente tem que... É uma área um pouco mais abrangente, mas ainda bem restrita ao município de Caldas e a zona rural pega uma parte da zona rural do município de Andradas.

Em relação ao meio socioeconômico, a gente tem a mesma área de influência. A mesma área diretamente afetada. A área de influência direta. Um entorno imediato. As localidades que foram visitadas, pequenos núcleos populacionais, bairros, residências que estão nesse entorno imediato do projeto e foram classificados como área de influência direta e área de influência indireta. Abrangendo todo o município, todo o território do município de Poços de Caldas de Caldas e de Andradas. Isso porque os impactos do meio socioeconômico, principalmente os positivos, são sentidos de uma forma mais abrangente. Principalmente no que se refere a arrecadação. Porque espera-se que o repasse seja para todo o território. Por isso, uma área de abrangência, uma área de abrangência maior.

Para o diagnóstico ambiental. Foram definidos 3 meios de análise: o meio físico, o meio biótico, o meio socioeconômico. Para o meio físico, foram estudadas as interações entre a terra, água e o ar. Para o meio biótico, as interações entre a vegetação e os animais e para o meio socioeconômico e a interação entre as pessoas. A importância do diagnóstico ambiental é realmente fazer uma caracterização profunda da área para a gente conseguir delimitar bem esses... fazer uma caracterização, uma classificação bem robusta desses impactos e propôs medidas de mitigação e potencialização.

Então, falando um pouco do diagnóstico que foi feito para o meio físico no que diz respeito a geologia, geomorfologia, os solos, a gente tem que o projeto está inserido numa área que é uma antiga caldeira vulcânica. Então, nessa área, a gente tem um magma que foi resfriado há milhares e milhares de anos atrás e formaram essa antiga caldeira. Por conta da ação do intemperismo, que é a ação das chuvas e dos ventos, parte do material foi lavado e concentrou-se nessa área. Apenas outros materiais estão parte a parte que foi lavada foi retirada e a parte que ficou concentrada foi justamente. Foram justamente esses elementos de terras raras que ficaram concentrados nessa região. Por isso que é uma região tão única, diferente, que a gente não encontra em outras partes do mundo.

O solo da região é um solo argiloso. Isso contribui para a improbabilidade da ocorrência de cavernas. Então, isso foi confirmado em campo porque a equipe de campo percorreu toda a área. Todo o entorno de 250 metros da área. E não foram localizadas nenhuma cavidade, nenhuma caverna na região do projeto.

Então, o que a gente pode falar de potenciais impactos no que diz respeito a geologia, geomorfologia e solos? Quando eu falo potenciais impactos, é porque eles só vão ser sentidos. Eles só vão ser percebidos se eles não estiverem associados às medidas, aos programas que estão sendo propostos para mitigar e minimizar esses impactos. Então, o que a gente tem é a potencial alteração do relevo e da qualidade do solo. Isso em virtude da supressão da vegetação e das áreas de corte e aterro e disposição inadequada de resíduos e efluentes que são inerentes à implantação do empreendimento. Os cortes e os aterros.

Então, o que está sendo proposto de medidas de mitigação e controle? O Programa de Controle de Processos Erosivos e Sedimentos e o Sistema de drenagem pluvial. Isso para favorecer criar um caminho preferencial para a água da chuva, para ela não formar os processos erosivos e acabar carreando esses sedimentos para os cursos d'água. Além disso, está sendo proposto também o Plano de Recuperação de Áreas Degradadas para a gente fazer uma vegetação das áreas que hoje são de solo exposto. E o Programa de Gerenciamento de Resíduos Sólidos para garantir uma disposição temporária é a destinação final adequada desses resíduos sólidos em relação aos recursos hídricos. O Projeto Caldeira está situado num divisor de bacias. Ele está situado entre a bacia do Córrego da Anta e a Bacia do Rio Verde. E aí, nesse mapa, é importante a gente esclarecer que a contribuição do empreendimento é sobre o Ribeirão Soberbo. O Ribeirão Soberbo só deságua no Rio Verde depois da localização de Pocinhos do Rio Verde. Então, a gente não tem uma contribuição, a gente não tem impacto. A gente não espera impacto relacionado aos recursos hídricos do empreendimento.

Em relação a Pocinhos Verdes. Por conta dessa localização geográfica dessa localidade. A bacia drena do mapa de sul para norte, então é nessa direção. Então o curso d'água vai nessa direção. Foram feitas campanhas de campo para fazer uma avaliação dos cursos d'água e das nascentes da região. Como comentei, a localização das cavas não pode ser escolhida. Então as nascentes que vão ser impactadas pelas cavas. Está sendo proposto o programa de bombeamento e retorno da água para esses cursos d'água. Isso sem alterar em nada a quantidade, a vazão dessa água nem a qualidade da água. Ela vai ser retirada dessa área da cava através de bombeamento através de desvio. E vai ser retornada ao curso d'água em um ponto mais distante do empreendimento, sem causar nenhum tipo de impacto a vazão e a qualidade desse curso d'água.

Em relação às fontes termais, a gente tem que a profundidade máxima que a casa vai atingir são cavas rasas. Então, a profundidade máxima que ela pode atingir é de 40 metros de profundidade. Isso não chega a atingir o aquífero fraturado subterrâneo que que é o aquífero que abastece essas fontes termais. Então não há influência das cavas, não há influência do empreendimento no aquífero que abastece as fontes termais. Então, não são esperados impactos em relação às fontes termais.

Sobre a qualidade da água e das águas superficiais e subterrâneas, foram feitos pontos de amostragem para definição dos parâmetros dessa qualidade da água. Como ela é percebida hoje no empreendimento? Então, os parâmetros estão, em sua maioria, dentro dos limites estabelecidos pela legislação, com exceção do manganês. Isso revela uma característica natural das rochas da região, porque hoje o empreendimento não exerce nenhum tipo de atividade de influência na área. Então, o manganês, ele já é observado hoje na região por conta de uma característica natural mesmo das rochas da região.

Então, o que são esperados de potenciais impactos relacionados à qualidade das águas Superficiais e subterrâneas? A alteração da qualidade e da disponibilidade hídrica. Isso em função principalmente do uso da água pelo empreendedor e a geração de efluentes, resíduos e carregamento de sedimentos para os sólidos. Como isso vai ser evitado? Através da execução do Programa de Gerenciamento de Resíduos Sólidos para garantir esse armazenamento temporário e disposição final adequado dos resíduos. A gestão e monitoramento de efluentes líquidos. Lembrando que, como o Eder comentou, o empreendedor vai gerar o efluente, vai tratar o efluente e vai circular esse efluente no projeto. Não vai ter lançamento de nenhum tipo de efluente, nem efluente doméstico, nem efluente da mina, no meio ambiente. Ele vai ser totalmente reciclado.

Além disso, a gente está prevendo também o monitoramento das águas superficiais e subterrâneas justamente para conferir se os programas estão sendo efetivos. Porque se o monitoramento, revela um padrão diferente do que é observado hoje, a gente vai ter como propor medidas mais para mitigar esse impacto. E, também, o Programa de Controle de Processos Erosivos de Sedimentos e Gerenciamento de Águas pluviais para fazer o direcionamento correto das águas pluviais, como eu comentei.

Em relação à qualidade do ar, ruído e vibração. Foram feitos pontos de monitoramento. Foram feitas amostragens na área, como ela é hoje, também, para verificação da qualidade ambiental. E são propostas medidas para manutenção dessa qualidade ambiental que é observada hoje. Então, o que está sendo proposto? A implantação de cortinas arbóreas que vão minimizar o efeito da poeira, dos ruídos e das vibrações provocadas pelo empreendimento. Lembrando que o empreendimento não vai usar explosivos e não vai usar também britagem. A britagem

e uso de explosivos são os principais contribuintes da mineração para causar esse tipo de impacto. A manutenção periódica dos equipamentos para garantir que eles não estão emitindo mais gases do que é proposto. E para aferir essa qualidade do ambiente estão propostos os controles. Os sistemas de monitoramento da qualidade do ar, ruído e vibração para garantir que esses sistemas de controle propostos estão sendo eficientes. A Mariana vai continuar com o diagnóstico do meio socioeconômico e do meio biótico.

Mariana Gomide (CERN): Bom dia pessoal! Vamos dar continuidade aqui então falando um pouquinho, sobre o meio socioeconômico para os estudos dessa área, a gente faz um levantamento de dados secundários disponibilizados pelo Censo DATASUS - Dados das prefeituras, né? Como resultados principais. Aí a gente identificou que metade da população de Caldas, residente mais em zona rural, o que reflete também as atividades econômicas que mostram 22% desse município dedicado a atividades agropecuárias. O município possui um IDH médio de 0,687. O que significa o IDH da gente? É um índice que a gente mede a qualidade de vida das pessoas. Ele é baseado na longevidade, que é quanto aquela população vive educação e renda historicamente. Esse é um índice que a gente acompanha nos municípios que possuem projetos minerais ou outra atividade econômica importante. E é um índice que sempre cresce junto com a implantação e operação do empreendimento. Então, é um índice aí para a gente acompanhar ao longo desse tempo.

O diagnóstico identificou uma certa carência nos municípios, de maneira geral, na parte de abastecimento de água e coleta de resíduos. Foram identificados povos tradicionais no município de Caldas. Nos quais não foram avaliados impactos. Mas que, porém, proativamente, a empresa já está em contato. Já vem estreitando as relações não só com os povos tradicionais, mas também com a comunidade. É importante também dizer que na área do projeto na ADA, né, não existem concentrações de população, comunidades e localidades.

Além desses dados secundários que são estudados, é feita uma pesquisa de campo que a gente chama de percepção socioambiental. A gente delimita uma área ali no entorno do empreendimento e conversa, entrevista as pessoas para conhecer qual que é a relação dessas pessoas com o local e qual é o sentimento delas em relação à chegada de um empreendimento. Então, foram realizadas 363 entrevistas. Né? Nos três municípios, então, a nossa área de estudo de campo englobou os três municípios e foi identificada uma estrutura com grande potencial de melhorias também.

Então a gente conclui que, para o socioeconômico, o projeto tem alto potencial de impulsionar o desenvolvimento, trazendo empregos, renda e outras oportunidades. E vamos avaliando os impactos aqui, então, do meio socioeconômico, a gente começa pelos impactos positivos, que é principalmente gerado pela geração de impostos e

investimentos, dinamização na economia e criação de oferta de novos serviços. E qual é o impacto que ele causa? É o fomento à economia e alteração na arrecadação pública para esses impactos positivos, a gente precisa potencializá-los, convertê-los para a comunidade onde o empreendimento está instalado. Então, e através de apoio a projetos sociais voltados para o desenvolvimento econômico e, também, a priorização e capacitação da mão de obra local e dos fornecedores para que eles possam atender ao empreendimento e não haver necessidade de grandes contratações de fora da região.

Além disso, a gente tem essa alteração na oferta do emprego, que ela tanto pode ser positiva na época da implantação e operação do empreendimento e que deve ser priorizada também com a priorização e capacitação da mão de obra local. E que ela vai ser negativa quando da desmobilização do empreendimento hoje, que tem aí estimado uma vida útil de 13 anos. E que deve ser feito um programa de desmobilização para que essa mão de obra alocada no empreendimento seja direcionada para outras atividades econômicas. Além disso, a gente tem aqui, como causas de impactos negativos a circulação de pessoas desconhecidas e geração de problemas ambientais relacionados ao meio físico, que pode causar uma pressão nos equipamentos comunitários e um incômodo à população local. Então, como que a gente evita ou minimiza isso? Mais uma vez, priorizando a contratação das pessoas do local e evitando assim uma grande migração, um grande fluxo de pessoas? Um programa de comunicação social onde a empresa proativamente vai até a sociedade, vai até a comunidade explicar os passos do empreendimento, né? A segurança e o tráfego, a segurança do tráfego e medidas socioeducativas que serão objeto de palestras, né? De cursos para os funcionários da empresa e terceirizados para evitar assim conflito com as comunidades e o Programa de Educação Ambiental, que visa também buscar quais são as vocações daquela comunidade e investir até, às vezes, em vocação para outras, desenvolvimento de outras atividades econômicas.

É... sobre o meio biótico, a gente está localizado aqui no bioma Mata Atlântica. O empreendimento não está localizado em nenhuma unidade de conservação. Ele não intervém em nenhuma unidade de conservação. A gente pode ver que em 'amarelinho' é a APA Pedra Branca e dentro dela tem uma Reserva da Biosfera e a norte. Aqui a gente tem duas RPPNs, então ela não está intervindo em nenhuma unidade de conservação.

Para o mapeamento de uso do solo, nós vamos a campo, né? Andamos exatamente na área onde vai ser intervindo com a implantação do empreendimento e fazemos uma classificação do que existe ali. Então, hoje a gente tem uma área de aproximadamente 465 hectares, sendo que apenas 60 hectares, ou seja, 13% apenas dessa área total, ainda está coberto por vegetação nativa. O restante já está todo alterado por outras atividades humanas. Então a gente tem um destaque para a

silvicultura, que são os eucaliptos, que perfazem aí 193 hectares, uma grande área. Também próximo a isso, outras atividades agropecuárias, plantio de cultura e, também, algumas estradas, acessos e massas d'água. E dentro dessa área, então, de 60 hectares, foram identificados 180 tipos de plantas, sendo duas ameaçadas de extinção, que é o cedro vermelho e a canela. E para essas espécies são propostas medidas de compensação específica.

Então, o principal impacto causado por essa supressão de vegetação está relacionado à perda de espécimes e alteração da paisagem. E ele deve ser principalmente compensado. Então a gente vai ficar sujeita a quatro compensações ambientais: Mata Atlântica, APP, espécies ameaçadas e mineradora. Além disso, é necessário fazer o programa de resgate da flora, onde uma equipe vai à frente coletando espécimes da flora e transplantando para outras áreas de remanescente florestal do entorno. A prevenção e combate a incêndio florestal, manutenção das áreas florestadas do entorno do empreendimento para que sirva também de refúgio para a fauna. E o trade, que é um programa de reabilitação de áreas degradadas que nós vamos fazendo concomitante com o empreendimento. À medida que uma área vai sendo finalizada, ela vai sendo recuperada.

Além da Flora, a gente fez também os estudos da fauna, onde a gente estudou cinco grandes grupos, que são os insetos. A gente estudou principalmente os vetores, a fauna que répteis e anfíbios, avifauna que são os pássaros. Mas toda fauna e ictiofauna, que são os mamíferos. Dentre o levantamento, foram identificadas espécies endêmicas da Mata Atlântica e do Cerrado, que são endêmicas. São espécies que são típicas dessa região da Mata Atlântica e do Cerrado, que são regiões muito grandes e que as espécies são também de ampla distribuição. Além disso, quatro espécies ameaçadas de mamíferos e quatro espécies endêmicas de peixes, que são também da bacia do rio Paraná, que é a grande bacia onde a bacia do Rio Grande está.

É... a condição da área. Então, como dito, é uma condição já bastante alterada, né? Então, mostrando que essas espécies da fauna encontrada são espécies mais generalistas que estão mais habituadas com áreas alteradas e que alguns fragmentos florestais existentes, eles servem para o refúgio de espécies bioindicadoras. Então, qual que é a importância de a gente tratar esse impacto potencial sobre a fauna que vem, né? Decorrente principalmente da supressão da vegetação e, também, desse trânsito mais intenso de veículos. É necessário fazer o acompanhamento da supressão, assim como vai ser feito para a flora, para a fauna também. O afugentar das espécies, né? O resgate dessas espécies para serem alocadas em outros remanescentes florestais é um programa de prevenção ao atropelamento da fauna que entra também muito nas medidas socioeducativas. A manutenção dessas áreas florestadas no entorno é o frade. A prevenção ao combate incêndio. Os controles ambientais do meio físico e do meio socioeconômico. Então.

Garantindo a qualidade da água e do ar. E, por fim, um monitoramento dessa fauna silvestre com ênfase para essas espécies ameaçadas. Onde a gente vai poder acompanhar, ao longo dos anos de implantação e operação do empreendimento, o comportamento dessa fauna local.

Então, gente, considerando aqui a importância da produção de elementos terras raras para tecnologias limpas e sustentáveis, mostrando que são fundamentais para o desenvolvimento de energias renováveis e o alto potencial de geração de receitas impostos que irá promover o desenvolvimento socioeconômico e melhorará a qualidade de vida da região, avaliando os impactos e propondo as medidas mitigadoras compensatórias, avaliou se um custo-benefício positivo desse empreendimento.

Considerando que todas essas medidas vão ser implantadas e vão dar continuidade junto do empreendimento. A equipe técnica responsável pelo licenciamento ambiental avaliou e atestou pela viabilidade ambiental do projeto Caldeira.

Então, falando um pouco aqui da Meteoric das ações que ela já vem fazendo ao longo desse tempo que ela está na região, ela já vem em contato com a comunidade proativamente apresentando o projeto. Já existe um canal de comunicação. O Alô Meteoric é um banco de currículos onde a empresa já vem recebendo os currículos dos interessados em trabalhar com eles. É um banco de fornecedores que serão futuramente os fornecedores da empresa. Então, uns exemplos aqui o projeto Cricket in Caldas. Os incentivos a manifestações socioculturais e esportivas e, também, o Dia do Voluntariado.

Queria agradecer a todos a esse momento aí, na paciência de nos ouvir e vamos ficar aqui a disposição para esclarecer todas as dúvidas de vocês. Obrigada, gente!

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado Éder, Mariana, principalmente pelo respeito ao prazo regimental. Deixa eu perguntar para o pessoal que está operando a gente tem algum sinal sonoro quando? Ok. É interessante para o momento das inscrições, porque o tempo é mais curto. Então, para evitar que eu tenha que intervir. Enfim, tá bom.

Então, ultrapassado esse primeiro momento de fala do empreendimento e apresentação. A segunda parte refere a exposição. Aliás, terceira parte é a parte dos solicitantes. Então cada um dos solicitantes que compõe a mesa terá (10) dez minutos para fazer o uso da palavra. A gente ainda não estabeleceu aqui uma ordem. Eu tinha pensado em começar da minha esquerda para a minha direita, mas a senhorita Talita nos solicitou aqui uma inversão. Eu acredito que gentilmente seus pares deverão concordar. Vocês podem se organizar também. Enfim, não vou, não vou estabelecer aqui uma ordem rígida, até porque às vezes as falas podem se conectar. Então

organizem-se. Enfim, e cada um de vocês terá dez minutos para poder fazer uso da palavra.

Outro momento não existe dentro do regimento esse momento de fala. Eventualmente nós podemos avaliar, mas eu não vou criar essa expectativa, até pela dinâmica que a gente tem dentro do rito, ok? Então identifique-se e pode iniciar a sua fala.

Com a palavra, então, Aliança em Prol da APA da Pedra Branca, um dos solicitantes dessa reunião.

Talita do Lago Anunciação (Representante da Aliança em prol da APA da Pedra Branca): Queria desejar um bom dia a todo o pessoal da mesa. Bom dia a todas as pessoas que estão presentes aqui hoje. Eu estou representando a Aliança em prol da APA da Pedra Branca. Se eu soubesse que a gente seria tão chique assim, não teria tanto papel. Mas vou pedir desculpa para vocês. Vou ter que fazer a leitura do nosso material técnico

Mas, antes de mais nada, a gente tem cartazes aqui. Aqui não. Aqui sim. É o que a gente queria deixar claro é que esse não é o momento que talvez a gente não esteja aqui para dizer que sim ou que não.

A gente está aqui para esclarecer as nossas dúvidas. Afinal, algo com um potencial tão grande e tão transformador quanto a gente viu aqui. Será que dá para a gente ir dizendo que sim ou que não sem pensar, sem conhecer? Talvez seja melhor a gente se aprofundar nesse assunto. Tenho só dez minutos, então eu vou tentar dar uma resumida no meu material. Posso ficar aqui?

A aliança em prol da APA da Pedra Branca é uma organização da sociedade civil que atua na preservação e proteção ambiental e na promoção do desenvolvimento sustentável e solidário na região de Caldas. Santa Rita de Caldas é de Minas e Andradas. Foi fundada em 2014 e formalizada em 2017. É constituída por uma agremiação de organizações e núcleos de ação. O trabalho de referência inclui ações de reflorestamento, educação ambiental, pesquisas, ação jurídica, participação em conselhos municipais, além de fomentar a produção da agricultura familiar sustentável, o turismo de base comunitária e a cultura popular da nossa terra, com instrumentos para geração de emprego e de renda.

Representando essa aliança, solicitamos essa audiência pública para contribuir com o diálogo com todos e todas sobre o que compreendemos como sendo defesa ambiental. Nosso compromisso é com um futuro sustentável, que respeite o equilíbrio das águas e dos solos, assegurando que o direito das famílias de viverem em harmonia com sua terra seja mantido.

A roça, as tradições e os conhecimentos que sustentam a vida no campo fazem parte da nossa riqueza ambiental. Parte dessa riqueza que buscamos proteger, preservando assim o meio ambiente e também os nossos modos de viver e de trabalhar em paz com a natureza.

Não temos dúvidas de que o desenvolvimento econômico e a criação de empregos podem e devem andar lado a lado com a preservação das tradições e da segurança ambiental dessa nossa terra, da nossa região.

Assim, com base em nossos princípios e valores, com base no nosso amor por essa Terra, fizemos uma análise do EIA Rima. Em diálogo com especialistas de diferentes áreas e identificamos lacunas preocupantes no documento que sistematiza. Em um ofício que protocolaram junto ao órgão ambiental e das quais citamos algumas considerações a seguir.

Então vamos lá. Agora eu vou dar início à leitura de alguns questionamentos técnicos, talvez. Caso alguém tenha alguma dúvida, não fique muito claro. São termos, muitas vezes, muito específicos, debatidos por especialistas que estão estudando esse documento. Toda essa apresentação bonita que o pessoal apresentou para a gente, né, que vocês tiveram a oportunidade de conhecer agora nós já estamos estudando esses documentos há algum tempo, com especialistas de diversas áreas, pessoas que entendem bastante do assunto mais do que eu. Inclusive estou aqui para realizar essa leitura. A minha contribuição pessoal é mais na questão social e cultural. E aí, caso alguém tenha alguma dúvida, a aliança em prol da APA da Pedra Branca está à disposição para esclarecer.

Pergunta número 1. Item número 1. Não há parecer da CERN com relação à Lei Complementar 140 para definir se o licenciamento do licenciamento é de fato da URA ou do IBAMA, já que a INB está no meio da área de mineração entre a central de beneficiamento e as cavas e a água de uma das barragens da INB. A água de uma das barragens da INB. A de Águas Claras será usada no empreendimento. Isso significa que o local onde ficará a central de beneficiamento e a argila provavelmente, possivelmente, possuirão elementos radioativos que precisam ser analisados por parecer da Comissão Nacional de Energia Nuclear da CNEN. Qual relação à radioatividade do local, direta e indiretamente afetado? Para saber se não está sendo afrontada a alínea g do nosso inciso 14 do artigo sete da Lei Complementar 140, de 2011, que estabelece que, caso seja constatada a existência de materiais radioativos na área afetada, o licenciamento deverá ser realizado pelo Ibama. Segue o texto da alínea do artigo sétimo. "São ações administrativas da União promover o licenciamento ambiental de empreendimentos e atividades destinados a pesquisar, lavrar, produzir, beneficiar, transportar, armazenar e dispor material radioativo em qualquer estágio ou que utilizem energia nuclear em qualquer de suas formas e aplicações mediante o parecer da CNEN."

Item 2. Não é verdade que o sulfato de amônia vai fertilizar a argila, pois é material estéril e, portanto, a fixação do nitrogênio só acontece na matéria orgânica. Pelo contrário, o sulfato de amônia na argila devolvida às cavas pode ser fonte de contaminação do nosso ar e das nossas águas. Então é importante que a gente saiba, que a gente trate desse assunto, já que o EIA Rima não está falando disso. Qual é a taxa e a quantidade de bactérias nitroso e outras na argila a ser lixiviação? Qual é a quantidade de sulfato de amônia que fica na argila após a lixiviação? Essas informações não constam no EIA Rima e parece não haver testes o suficiente para mensurar qual será a taxa de conversão do sulfato de amônia em amônia e, em seguida, em nitrito e em nitrato e, também, em gases nítricos. Os gases nítricos são tóxicos e cancerígenos e o nitrato é fator de contaminação das nossas águas, o que é ainda mais grave pelo fato do nosso solo caldense ser rico em águas e extremamente fraturado. Ou seja, há muitas vias de acesso aos lençóis freáticos que fornecem água para a vida e agricultura em nosso município.

Item 3. Mais grave ainda é o fato de não haver previsão de monitoramento ambiental das cavas. Após a devolução da argila lixivia ao local onde foi extraída. É necessário ter um monitoramento desses locais. As cavas não podem ser simplesmente abandonadas. Cada cava dessa precisa ter pelo menos dez anos de monitoramento para verificar se está havendo alguma penetração de nitrato no lençol freático e gases nítrico no ar. Quais são os mecanismos de monitoramento com relação a isso? O EIA Rima também está em silêncio a respeito. A própria taxa de amônia que ficará na argila não está bem definida, demonstrando o desconhecimento da própria empresa quanto a sua capacidade de recuperar o sulfato de amônia para o início da cadeia. O EIA Rima também silencia quanto ao fato que a central de beneficiamento continuará no local para além desse licenciamento específico. É preciso determinar um limite a produção anual em toneladas de carbonato de terras raras um limite quanto à distância máxima das cavas com relação à central de beneficiamento, um limite quanto à quantidade de cavas abertas simultaneamente para fornecimento de argila, argila e a total vedação da exploração e venda de argila por terceiros para beneficiamento na central.

Essa é uma das maiores preocupações, pois o elemento central deste licenciamento não são as oito ou as nove cavas e sim essa central de beneficiamento que implicará em novos e futuros licenciamentos ambientais de novas cavas de forma extensiva no nosso território, ou seja, se espalhando pelo nosso território, criando novos impactos. Sistemas sistêmicos rotas de tráfego de centenas de caminhões pesados por dia e estímulo à abertura de mais de duas cavas concomitantes.

Não temos dúvidas de que só é possível o órgão ambiental e a população aprovar este empreendimento se os limites que acabo de citar forem estabelecidos de forma objetiva e inequívoca, repetindo os limites necessários. Bom, aqui vai constar no

documento esses limites tão repetidos ali e aí, em 20 segundos, que o EIA Rima não fala, né?

Sobre a quantidade de caminhões que vão transitar pela nossa cidade, transportando as toneladas e toneladas de argila que serão retiradas e levadas de um local para o outro no nosso município. Eu encerro aqui no item cinco. Depois, se houver possibilidade de completar a fala dos meus colegas, caso eles não utilizem todo o tempo, nós poderíamos retomar a partir do item seis, que nós temos alguns outros questionamentos.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Ok.

Talita do Lago Anunciação (Aliança em prol da APA da Pedra Branca): Muito agradecida.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Agradeço a fala da Aliança em prol da APA da Pedra Branca e agradeço principalmente a compreensão quanto à obediência ao tempo que a gente tem regimental. Eu mais ou menos fui definindo aqui. Eu acho que a gente pode passar para a Central das Associações de Produtores Orgânicos do Sul de Minas OSM. E a Tatiana vai fazer a representação.

Tatiana (Central das Associações de Produtores Orgânicos do Sul de Minas OSM): Bom dia a todas as pessoas presentes nesse importante momento de Manifestação das necessidades**.** E preocupações da população.

Estou aqui hoje representando a Orgânicos Sul de Minas, uma das entidades que solicitaram essa audiência pública.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Só um minutinho, Desculpe. Retorna o tempo da solicitante, tendo em vista que ela perdeu. Aí pode soltar.

Tatiana (Central das Associações de Produtores Orgânicos do Sul de Minas OSM): Muito obrigada. Eu vou começar de novo, então eu dou bom dia a todas as pessoas presentes neste importante momento de manifestação das necessidades e preocupações da população e das entidades da nossa região. Estamos aqui hoje representando Orgânicos Sul de Minas, que é uma das entidades que solicitou essa audiência pública.

Primeiramente, gostaria de nos apresentar a Orgânicos Sul de Minas. É uma central de associações de produtores orgânicos e agroecológicos da nossa região do Sul de Minas Gerais, que foi fundada em 2012 com o objetivo de consolidar uma rede agroecológica e viabilizar um sistema participativo de garantia da produção orgânica no Sul de Minas. Atualmente, mais de 150 produtores de orgânicos são certificados

pelo SPG do Sul de Minas, por meio de um processo baseado na responsabilidade solidária, na troca de experiências e na busca coletiva por mercados mais justos para os alimentos orgânicos. O Núcleo Araucária Viva de Caldas integra esse SPG e promove a agricultura orgânica agroecológica no nosso município.

Solicitamos essa audiência pública pela grande preocupação que temos em relação a este projeto que está em processo de licenciamento e pode trazer enormes impactos para a nossa região no que concerne a aspectos ambientais, sociais e econômicos.

Devido ao grau desses impactos, consideramos extremamente necessário que este processo seja feito com ampla participação da população de Caldas e região. A história da formação de Caldas tem uma grande ligação com a agricultura familiar, sendo importante destacar a participação da viticultura e especialmente, do cultivo da Uva Folha de Figo. Uma tradição centenária que persiste em calda, sendo transmitida de geração a geração, especialmente no bairro Bom Retiro, um dos locais que estão indiretamente que estão diretamente impactados por este projeto. Segundo o relatório produzido pela Universidade Federal de Alfenas a Unifran, a região de Caldas e o Estado de Minas Gerais também tem ganhado destaque no cenário nacional de produção como um dos lugares de maior potencial para a produção de uvas e vinhos finos.

Outra atividade econômica importante para as famílias da zona rural caldense tem sido a atividade leiteira, que, de acordo também com o relatório produzido pela UNIFEI, representa uma atividade que oferece estabilidade econômica aos pequenos produtores do município. Sendo a pecuária também uma atividade econômica importante, desenvolvida por produtores e produtores rurais da área onde estão projetadas as cavas. Segundo dados do IBGE de 2017, Caldas possui 1387 unidades da agricultura familiar, sendo as unidades familiares predominantes na agricultura caldense.

Acreditamos ser importante ressaltar aqui a importância das atividades de cultivo para as famílias agricultoras. Não é apenas econômica, mas também cultural, de produção e reprodução de seu modo de vida. Convém aqui destacar também que a sustentação dessas atividades está diretamente relacionada às condições do solo e da água.

Nesse sentido, nos preocupa neste projeto não apenas o impacto na área das cavas, mas em todo o entorno do empreendimento. Sem uma determinação precisa de como acontecerá todo o processo de extração e devolução da argila nas cavas, de maneira a impedir que haja sérios danos que inviabilizam, que inviabilizem o trabalho de produtoras e produtores rurais do nosso município, descaracterizando assim totalmente a cultura e a tradição local.

A contaminação do solo e das águas pode afetar diretamente a produção agrícola, bem como a saúde dessas famílias agricultoras. Na apresentação, né? Nós vimos que a empresa colocou que o município tem uma tradição de mineração. Então eu queria ressaltar também que a tradição do município é do vinho e da produção do milho, né? E é importante ressaltar esses aspectos do nosso município que permanecem ao longo dos anos.

Nesse sentido, a contaminação do solo e das águas pode afetar diretamente a produção agrícola, bem como a saúde das famílias agricultoras. Nesse sentido, destacamos uma enorme preocupação com o processo de devolução e lixiviação da argila com sulfato de amônia e a devolução dessa argila para as casas. Sabemos do risco desse processo ocasionar a contaminação da água pelos nitratos e solicitamos informações precisas e sólidas para a execução de tais atividades.

Neste aspecto, preocupa-nos enormemente a inexistência de experiências anteriores da empresa com este tipo de mineração. Há conhecimento suficiente para a garantia da não contaminação da água e do solo? Outra preocupação que gostaríamos de indicar aqui em relação ao contexto atual que estamos vivenciando de mudanças climáticas, com a ocorrência de eventos extremos, sendo este tema imprescindível de ser considerado dentro do projeto, com a determinação do que será realizado pela empresa em relação a esta questão. Como a empresa lidará com essa questão? Pensando que não é possível determinar ações apenas considerando o clima atual, mas que é preciso considerar esses eventos extremos e a alteração nos períodos de chuva e de seca.

Sabemos que o projeto tem um período de execução e que, por se tratar de uma experiência inicial de depender também do mercado mundial, consideramos o risco de que este projeto seja interrompido ou que não haja continuidade após o encerramento do período. Como será feito o monitoramento dessa área? Gostaríamos de expressar também que nos preocupa a abrangência da área de exploração das terras raras. Embora o projeto em fase de licenciamento se destine apenas a 8... a 9 cavas em três poligonais. Sabemos que a empresa possui um número maior de poligonais e que a possibilidade de solicitação de novos processos de licenciamento para as poligonais e a ampliação da extração da área de extração na nossa região.

Agora eu queria apresentar algumas perguntas que a gente queria deixar aqui, né? Muitas estão relacionadas a um pouco ao que a Aliança pela Pedra Branca já colocou.

A região afetada é rica em produção artesanal de vinho, suco de uva, queijos, quitandas e artesanato em palha de milho. Nós gostaríamos de saber por que esses aspectos não estão considerados no estudo de impacto sobre o patrimônio cultural?

Em algumas ocasiões, a empresa afirmou que a argila lavada com sulfato de amônia voltaria para a terra e que essa terra estaria inclusive adubada. Porém, pessoas com conhecimento do solo sabem que o nitrogênio só pode atuar como adubo na presença de matéria orgânica. Do contrário, o nitrogênio vai contaminar o lençol, é o lençol freático com nitrato ou o ar com nitrito. Porque essas informações têm sido compartilhadas. Então como será feita? Como será feito o monitoramento dos rejeitos depois que os buracos forem tapados com a argila contaminada com sulfato de amônia? A população e o poder público terão acesso a esse monitoramento. Como acontecerá esse monitoramento?

Por fim, a última pergunta é qual o impacto de eventos climáticos extremos nas cavas? Onde está o plano de mitigação desses impactos? Eu agradeço aqui pela fala. Eu gostaria de solicitar a doação do tempo de fala para a aliança pela Pedra Branca que sobrou.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Ok. Obrigado. A Tatiana, representante da Central das Associações de Produtores Orgânicos do Sul de Minas, solicitou que o tempo remanescente que ela ainda tinha para fazer uso da palavra seja repassado a Associação Aliança, perdão, em prol da Pedra Branca. Como esse é um rito ainda de fala dos solicitantes, essa possibilidade é possível, fazer essa... essa compensação temporal.

Isso não acontece na fala dos inscritos. Então é importante os senhores observarem para que não haja e para que não, não criem expectativa nesse sentido. Os inscritos têm três minutos para fazerem uso da palavra. E esse tempo não pode ser compartilhado entre eles. O que acontece de maneira diferente entre os solicitantes?

Então, eu já registrei aqui a Aliança em prol da Pedra Branca. Vai ter mais três minutos e mais algum minuto, algum tempo adicional que os demais pares dela lhe concederem. Ok. Mas isso não se aplica às inscrições. Então as inscrições. Se vocês que estão inscritos dentro do rol aqui, fizerem o uso da palavra num tempo menor do que os três minutos. Esse tempo não pode ser aproveitado pelos seus pares. Então utilizem bem o tempo para que vocês não tenham prejuízo nas suas falas. Tá joia!

Então, para falar em nome do terceiro solicitante dessa audiência Planeta Solidário, eu convido Maria Carolina ou Carol, como ela prefere.

Maria Carolina Nassif (Planeta Solidário): Bom, bom dia a todos, a todas. Estou aqui representando então a ONG Planeta Solidário. É uma ONG de Poços de Caldas, né. Que já existe há 15 anos e desenvolve desde seu início atividades de conscientização, educação e promoção, né? Tanto de educação ambiental quanto a questão da agroecologia. Então, nós temos representantes dentro do Consea. Da segurança alimentar. Temos também representantes dentro do Comitê de Bacias. Então, a ONG aí e nesses 15 anos já vem atuando bastante dentro dessa grande área que é o meio

ambiente, né? E estamos em Poços, né? Meteoric tá, né? Todo esse estudo aqui é feito de Caldas, mas a gente sabe que o impacto não é só aqui, né? É até também o escritório da Meteoric em Poços. Então assim, tá tudo conectado. Então, acho que também a gente tem que frisar um pouco isso.

Nós da ONG, né? A gente vem estudando não tão profundo como o pessoal da Aliança, mas nós temos representantes da ONG junto com a aliança nesse estudo. Então até a minha fala vai ser breve. E também vou passar o restante pra Thalita prosseguir, porque é o que também nós estamos junto avaliando, né? Então a minha fala aqui vai ser até um pouco breve para eu poder passar esse tempo para ela.

Mas o que nós da ONG assim, além de tudo isso que vai ser levantado, está sendo levantado pela Aliança e fica tudo muito assim, muito vago. Então é um empreendimento novo, né? É uma forma de exploração nova e que gera realmente muitas dúvidas, né? E eu esperava até aqui hoje assim um pouco mais de detalhes em relação a todo esse processo e que confesso que não fui tão bem contemplada assim, porque não apresentaram ainda esses detalhes, essas minúcias que são importantes? Porque tudo que é novo, né? A gente fica desconfiado e aí assusta um pouco quando a gente vê assim, né? Não são esperados impactos na água termal, né? Então não são esperados. Isso gera essa dúvida, né? São esperados, não são esperados. Vai ter ou não vai ter, né? Então são coisas que vão deixando a gente receosos, preocupados, né? O impacto na paisagem, né? Trouxe, né? Na apresentação, isso aqui, isso foi falado, isso é inevitável. Isso tem, né? Por quanto tempo? Qual vai ser esse impacto? Qual é a grandeza desse impacto? E vai retornar, né? A gente fica assim. Como que vai ser esse retorno desse impacto? É da paisagem, né? Nossa região aqui é uma região turística, né? E os turistas vêm para cá. As pessoas escolhem essa região de Caldas, Poços de Caldas pelas suas belezas naturais, né? Então esse impacto vai afetar, vai afetar não só a paisagem, mas toda essa cadeia que dá da beleza, da qualidade dessa região toda, né?

E a questão da central de beneficiamento ali na INB é algo que também nos preocupa. Então essa audiência também tem que acontecer em Poços de Caldas, a meu ver, né? Porque também está impactando a nossa região ali, né?

E a questão do monitoramento e do pós? Então acabou, né? Essa exploração. E aí, como que vai? O que que vai ser feito? Quais são as pessoas que ficarão aqui monitorando? Por quanto tempo, né? Isso tudo são coisas que eu acho que precisam ser melhor detalhadas, né assim? E enfim, eu acho que eu vou encerrar minha fala por aqui e conceder o meu tempo. Então para que as nossas dúvidas são as mesmas. Obrigada.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Ok, Carol. Computado então é registrado a o fornecimento do seu tempo remanescente Aliança

em prol da Pedra Branca. Vamos passar agora! Anderson Tadeu de Oliveira. O Anderson representa um coletivo de 50 pessoas que assinaram uma solicitação para a realização dessa audiência pública. Então, a partir de agora, Anderson, você tem dez minutos para fazer uso da palavra.

Anderson Tadeu (Coletivo de 50 pessoas que assinaram solicitação para participar da audiência pública): Bom, gostaria de dar um bom dia a todas e todos. E em especial queria agradecer o povo parente Kiriri que tá aqui, que essa força que eles têm multiplique para nós aqui nesse momento, ok?

Primeiro de tudo, eu acho que todos repararam, né? Todos são instituições. E tem o Anderson Tadeu ali parado. Infelizmente, Andradas ainda não tem uma associação que batalha como a Aliança. Mas, mas que fique claro uma coisa em meio período a gente conseguiu uma um abaixo assinado para estar aqui. Então isso é importante deixar claro para vocês que a gente não é bobo, certo? Deixar claro para vocês, empresa, que a gente está aqui para batalhar pelo que é certo. Tá bom.

Então eu estou aqui. Reivindicar também o respeito a população de Andradas, 40.000 pessoas na cidade e ninguém sabe desse projeto. Se sabe, sabe porque a gente está indo atrás, sabe porque a gente recebeu o recado dos amigos de Caldas. Isso é uma falta de respeito muito, muito grande. É inadmissível. E é engraçado porque eu chego aqui em Caldas. Eu chego aqui em Caldas e vejo um letreiro 'Eu amo Caldas'. É ridículo. É um impacto visual gigantesco, começando por aí. E aí eu pergunto para os governantes dessa cidade você ama a Caldas? É isso que você quer trazer para cá? É isso? Já começou colocando um letreiro no lugar onde é uma paisagem. Você está detonando o turismo. E aí de cara você vem falar para mim que ama, ama a Caldas? Olha, olha essa empresa, como está chegando aqui? Olha a falta de informação que tem esclarecimento.

E as mineradoras? Só vem brincar com a gente. Essa semana a gente teve uma notícia. A minha cidade, Andradas, infelizmente ganhou uma ambulância de uma mineradora usada velha, porque eles trocaram a deles e deram a velha para nós. E aí a gente é obrigado a aceitar. Essas contrapartidas são ridículas. Esses furos que têm no projeto têm que ser esclarecido novamente, nossa região vira laboratório. Fomos laboratório da INB e agora vamos ser laboratório outra vez. Tá, aí não tem nada certo. Ninguém sabe explicar, ninguém conta a verdade e a gente quer clareza e abertura para tudo isso.

Eu só fui procurado pela empresa porque eu fiz abaixo assinado. Me ligaram, mas eu não recebi nenhuma convocação para estar aqui. E o abaixo assinado estava no meu nome. Não tem uma convocação por e-mail e nem por telefone. Entre todas as coisas que me preocupa dentro desse projeto eu vou citar uma delas porque tem várias sendo citadas aqui. Uma delas chama água. Recurso hídrico. Ah, vai devolver 70%.

Andradas tem um decreto de crise hídrica. A Meteoric não sabia porque quem foi conversar comigo não sabia. Isso é grave, gente. Prestem atenção no que está acontecendo. Abram os olhos, ok? Eu vou passar a fala pra Helena agora.

Helena Rosane (Coletivo de 50 pessoas que assinaram solicitação para participar da audiência pública): Bom dia a todos! Eu sou Helena Rosane. Sou da cidade de Andradas, nascida e criada em Andradas e hoje a minha fala aqui é sobre indignação, porque no projeto apresentado pela Meteoric, a fábrica que vai ser construída fica a dois quilômetros de um muro tombado. Esse muro tombado faz parte de um complexo arqueológico maior, que é o complexo do Arqueológico Lagoa Dourada, que tem vários muros que são importantes para a nossa identidade cultural.

Em nenhum momento esses muros e esse tombamento foram citados em nenhum relatório da Meteoric. Isso é um absurdo E é mais absurdo ainda que eu tenha deslocado a minha cidade para uma estrada que já está péssima para defender aqui o óbvio.

Então eu espero que se, de fato, a Meteoric é uma empresa séria, eu espero vocês em audiência pública na cidade de Andradas para a gente debater sobre a importância desse muro para nossa cidade, para o histórico da nossa cidade. Em nenhum momento é citado esse complexo arqueológico, porque ele não é importante para Meteoric, mas para nossa cidade. Ele é importante. Então espero vocês lá. A gente não vai deixar que aconteça um apagamento da história da nossa cidade.

João Carlos Landi (Coletivo de 50 pessoas que assinaram solicitação para participar da audiência pública): Pode deixar os slides passando que eles são meio autoexplicativos. Dá um play. Bom dia! Meu nome é João Carlos Landi e a nossa fala aqui será também um pouco técnica, mas um pouco técnica, mas compreensiva. Mas compreensível para todo mundo. Sr. Frederico, a gente estudou. É a Rima, né, que foi enviado a esse órgão no dia 29 de abril. E, também, temos lidos os anúncios oficiais da empresa para os acionistas, né? E de abril para cá. E o que a gente percebe que pode afirmar é que os dados fundamentais para a elaboração desse Rima mudaram assim, 50, 80% até 150% nesses poucos meses. O que, ao nosso ver, aqui invalida esse Rima. Então, na página 213 do volume um, já temos o seguinte: A vida útil estimada para a extração do minério em todas as cavas é de 13 anos. Com base na produção de 5 milhões de toneladas de terra retirada por ano.

Bom, é o relatório da empresa para os acionistas anuncia que será de 20 anos. Inclusive, isso é detalhado no informe ano a ano. Foi emitido. Falaram em setembro, depois emitiram em outubro. Então tem a cópia aqui detalhadamente. Então, assim são sete anos de diferença. Isso aí dá 55% a mais, de 13 para 20. É demais. Só a movimentação de terra, que em 13 anos seria 65 milhões de toneladas, passa para 100 milhões de toneladas. Agora eles estão falando da mesma área. Esses três

polígonos que vocês estão vendo ali, aqueles três quadradinhos que aqueles quadradinhos, para quem não sabe. Eu não sei. Aqui em Caldas, talvez, qual a maior fazenda aqui de Caldas? 100 hectares. Sem desculpas e cem alqueires. Esses três quadradinhos têm 600 alqueires. 600 alqueires. Eles não têm só esses três. Eles têm 70. E a outra empresa, Viridis, tem mais a mesma quantidade. Então, assim, é uma quantidade absurda. A gente não vai falar nisso. Essa retirada de 45 milhões de toneladas de terra a mais vai ser onde? Vai aprofundar a cava, inclusive, é de 40 metros de profundidade. É uma igreja matriz e meia. Para colocar dentro dessa cava, para vocês terem a noção do tamanho. Inclusive aí, olha, vocês estão vendo? Eles colocam aquele desenhinho lá de cima um pouco infantilizado, mas a imagem real da cava é essa.

E nas páginas 218 a 231O plano sequencial de Lavra então ficou completamente prejudicado porque passou para 20 anos as informações do cálculo de compensação ambiental prejudicado. A estabilidade prometida para depois de 12 anos passou para 25. Eram 13, mais cinco de recuperação. Agora são 25. É o rebaixamento do nível da água. Eles estudaram só até 11 anos. Não chegaram nem nos 13. Então, realmente é um relatório que eu, que não sou técnico, não sou especialista. Eu leio e vejo essa quantidade de... Ou seja, passaram o carro na frente dos bois, naquele slide que mostraram: primeiro pesquisa, depois faz o projeto de engenharia e depois faz a Rima. Não aceleraram, né? E aí os dados em poucos meses estão completamente defasados. E tem mais.

Bom, aí vamos falar desse tamanho, né? Eles falaram isso, que são três anos aqui, que é o que a gente está tentando. Eles estão tentando licenciar, mas possuem 70. O presidente executivo afirmou, assim, foram 69 aquisições até agora. Isso, isso está escrito. Nem a Rima que eles têm. Esses 70. E por que não foi feito um impacto ambiental desses 70? No mínimo, de relacionar quais são as outras 70? Onde? Onde é que elas estão? Aí elas são contíguas, porque se forem contíguas, isso faz total diferença, né? Bom, essas 70 poligonais, para vocês terem uma ideia, somam 193 quilômetros quadrados. Isso dá 8000 alqueires para uma empresa. São duas a Viridis e a Meteoric. As duas juntas dão 17.000 alqueires. Caldas, Poços e Andradas. Está entregando para essas duas empresas uma cidade maior que Belo Horizonte. Maior, muito maior que Belo Horizonte. Um pedaço de Caldas, um pedaço de Andradas, um pedaço de poços e duas empresas. Depois eles vão responder. Vão poder dizer que são medianas, são médias. Não são empresas grandes.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): João, seu tempo esgotou

João Carlos Landi (Coletivo de 50 pessoas que assinaram solicitam para participar da audiência pública): Tá bom, então é só isso.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Eu agradeço a fala do coletivo representado pelo senhor Anderson Tadeu de Oliveira e chamo agora para participar. O senhor José Edilberto representando a Associação Poços Sustentável. O senhor tem dez minutos para fazer o uso da palavra.

José Edilberto (Associação Poço Sustentável): Oi, bom dia! Primeiro, respeito à população de Caldas e peço licença em falar em vosso nome, porque eu certamente vou me emocionar aqui por falar, mas quando eu vejo, se puder deixar aquela foto que estava aqui, quando eu vejo a energia que está vertendo nesse momento aqui e a energia dos indígenas que se manifestaram ali fora. É isso que a gente vem falar aqui agora.

Mas por que de energia? Qual a vocação de Caldas? Qual a vocação de Caldas? Então, alguns questionamentos que eu faço para vocês aqui e vejo na cara de vocês esse vínculo com Caldas? O prefeito está aqui. Eu já vi outros prefeitos aqui e de responsabilidade que a gente vai falar aqui agora. Qual que é a vocação de Caldas? Qual que é a diferença de ambiente e ambiência? Caldas precisa de uma relação de causa e efeito, alterar o seu ambiente e prejudica a sua ambiência. É isso. Eu estou aqui representando a Associação Poços Sustentável, que é uma das subscritoras desse evento aqui. Agradeço a presença do presidente aqui e demais.

Mas o que é mais importante aqui é o seguinte quando a gente observa uma figura, um mapa, um mapa, é a relação da água. Por acaso essa aqui é de Lindóia, que hoje está sendo afetada por uma por água? De Minas Gerais, que está saindo contaminada pra Lindoia? E aí? É essa a relação? Quando eu vejo a planta da INB indústria Nuclear do Brasil passar ali discretamente nessas figuras e ninguém mencionar, nós estamos falando de um passivo ambiental *ad eternum* que ninguém quer assumir, que ninguém toma providência nenhuma.

E o que é mais importante? Faço uma pergunta aqui tem algum representante da Funai aqui nesse espaço, eles foram convidados. Por que que a Funai está ausente nesse esse momento aqui? Porque a legislação quando cita bioma Mata Atlântica, quando cita DN Legislação, eu vou usar uma linguagem aqui mais acessível. Quando fala bioma Mata Atlântica. Se você entrar no Instituto PISTINO, e qualquer configuração do mapa, o ex-secretário está aqui, sabe do que eu estou falando. Áreas prioritárias da conservação do meio ambiente. Você vai colocar ali toda a região que foi citada aqui foi citada e a área prioritário de conservação. Aí, quando você vê uma figura em 3D, acho que faltou óculos aqui para a gente ver em 3D a planta. Mas quando a gente vê uma figura funcionando sem essa relação do espacial do impacto propriamente. É isso que a gente tem que tem que mensurar.

E aí? Bastante discreto também quando se fala de fraturas geológicas. A gente está numa região fraturada, fraturada. Em que sentido que a água que penetra vai colar nas fraturas geológicas e que vão retornar em Pocinhos do Rio Verde, aqui convertendo em saúde e saúde pela água? Alguém falou isso aqui? Bastante superficial também. Mas por que que eu chamo a atenção disso aí? Se vocês verificarem hoje, lá dentro da ADA, da planta da INB, tem 37 quilômetros de fraturas geológicas que estão sendo mapeadas, mas que estão contaminando o rio soberbo. E, por outro lado, a parte de água superficial da planta lá está contaminando o Ribeirão das Antas. Então, tudo está conectado via água. A água é a fonte da vida. É a água que a vida nasceu na água. Nós nascemos na água. Então, não tem como a gente separar uma ação ou uma atividade sem correlacionar esse aspecto.

Então, quando a gente fala de vocação, é a vocação de Caldas. Pergunto para a população de Caldas vocês querem terem alterado seu processo? O prefeito está aqui, os vereadores estão aqui, mas em qual sentido? A legislação local tem o poder de ocupar e autorizar a ocupação do solo. Nesse sentido, então, quem determina o que vai ser ocupado? O solo é a população. É o voto que você coloca na urna. Ali você elege o seu representante. Sobre esse aspecto. Mas quando a Carol assume que fala que tudo está conectado, nós de Poços de Caldas temos muita preocupação com isso também, porque a água que cai aqui, em algum momento ela vai encontrar o mesmo, o mesmo tributário ou mesmo a mesma bacia até chegar no oceano, que não é que em Ubatuba igual alguns pensam. É lá na Argentina, na Bacia do Prata. Então, a ação, o ato de ocupar de alterar. É isso. O verbo é esse. Uma vez alterado. Eu tenho o vínculo.

Quantas pessoas de uniforme têm aqui? Todos no mesmo padrão. Todos uniformizados. Mas em qual sentido? Para demonstrar força? Do mesmo jeito que a cara de vocês. As expressões de vocês aqui. Devolve para mim uma expressão de susto. Então, essa reação, esse poder que esses olhares estão reverberando para mim aqui é que me move, me move a falar aqui.

O Landi falou aqui de Cultura, já conversei com ele em alguns momentos. A história de Caldas está vinculada a história do Brasil. Isso é o que conta. É necessário. Aí, dos 16, três, vão ser explorados elementos de terras raras lá. Mas e o restante? Quando a gente faz uma pesquisa dos direitos minerais que estão lá na ANM, é muito, é muito direito mineral. E os outros? Minérios e outros direitos? Então, à medida que dos 13 anos, dos 13 anos que forem explorados, outro direito mineral vai suceder, aquele e outros elementos se sucederão e outras explorações ocorrerão.

Então, quando a gente olha uma figura até 30 metros, mas alguém colocou na figura ali tem até 60 metros. Uma cava de 60 metros com a argila de até 90%. E aí tem uma informação. Eu repito como necessária e importante que em algum momento foi falado em sulfúrico. A gente tem, em Poços de Caldas, nove reservas, nove represas,

tamponar com ácido sulfúrico lá. Então, nós estamos falando de segurança de barragem, que não é o caso aqui, mas tudo está conectado. Então causa e efeito é a história. O momento é esse de decidir e definir qual é o rumo.

E porque eu falo desse, desse vínculo com ou da ou da própria ação de profundidade lá de 60 metros lá. A planta aí de novo nós não vimos, não vimos a planta real, mas sim virtual. Então, quando retornar esse movimento de argila com 90%, 90% para a cava, as cavas certamente estariam ou estarão ocupadas com água. E essa água? Essa água vai para onde? Quando a argila preencher? Física básica tem que estar cheio de professor aqui. Dois corpos não ocupam o mesmo espaço, no mesmo ambiente. A hora que essa argila ocupar ali. E o pior ainda vai ser compactada depois de compactado essa cava. Qual que vai ser a relação daquela daquele solo para receber a água que já que o solo vai estar compactado e a gente precisa dessa permeabilidade e de abastecer o lençol freático?

Alguns documentos foram, foram entregues e disponibilizados, mas eu repito como muito importante aqui mencionar uma figura bastante didática que foi apresentada aqui do ciclo da água. Então, simples. Entenda o processo da água que está por agora prestigiando e testemunhe aqui. A água, ela sempre vai estar circulando. Então, a cada momento que essa água voltar aqui, ela vai estar alterada. E aí eu digo isso sobre o impacto sobre das águas superficiais e subterrâneas.

Eu já falei sobre Pocinhos, do Rio Verde, da saúde.

Então, essa, esse impacto. Ah, vai ser a montanha vai ser a jusante do soberbo. Não importa o empreendimento vai estar lá. O que importa é que naquele momento, um corpo hídrico vai estar recebendo eventual impacto. Eu não estou afirmando aqui que é o impacto, mas sim eventual, sempre hipotético, o a condição que foi mencionada aqui.

Então, sobre as comunidades indígenas, eles têm direito da CONAMA três, cinco, sete de ter a água categoria classe um. Isso jamais eles terão onde, eles estão ali. Por isso que eu perguntei da Funai. E por outro lado, hoje, o que qual que predomina em termos de uso de recursos hídricos é a ocupação do solo, contaminando os recursos hídricos e a própria omissão de alguns.

Então a minha última fala vai ser essa aqui: contamina o solo. Quem que é o primeiro prejudicado? É o município, é o cidadão. Essa pirâmide tem que ser invertida no topo da pirâmide. Tem que ser o município, não estadual ou federal. A legislação quem determina o rumo é o próprio município. Encerro minha fala aqui. Permaneço à disposição. Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Muito obrigado ao representante da Associação Pó Sustentável no apanhado aqui do tempo.

Nós tivemos um saldo remanescente de nove minutos em que os colegas decidiram por conceder a Aliança em Prol da Pedra Branca da APA da Pedra Branca, que aí, nesse momento eu passo a palavra para Talita, para Talita, para que ela conclua sua explanação.

Talita do Lago Anunciação (Aliança em Prol da APA da Pedra Branca): Obrigado e bom dia novamente. Porventura, caso tenha chegado, alguém, não tem escutado a fala anterior, estou representando a Aliança em Prol da APA da Pedra Branca. E como tenho alguns pontos, alguns itens mais técnicos para retomar com vocês, eu queria antes de começar a minha fala, eu queria pedir, por favor, que todas as pessoas que estão aqui possam abrir os olhos, os ouvidos, o coração, para de fato entender que o que está em jogo aqui é algo muito grandioso. E nós estamos acostumados com uma sociedade muito polarizada. É "sim", é "não". Nós estamos aqui, não é para falar sobre isso, se é sim ou se é não. Mas em primeiro momento é para falar como, que jeito. Como assim um negócio desse tamanho vai indo por "sim", correndo sem a gente pensar direito. Tem gente que não está sabendo sobre esse assunto, tem gente que não conhece nada sobre o tema. Então, eu acho muito importante. Temos aqui o nosso prefeito. Fui informada que a prefeita de Andradas também está por aí. Eu acho que assim, vocês não estão nesses cargos por acaso. São pessoas que amam esse território. São pessoas dessa região. E eu queria pedir muito carinho, muito cuidado para a gente olhar para essas questões com o amor que a gente tem pela nossa região. Em primeiro lugar, não é dizer 'não' para a Meteoric, não é dizer 'sim' para Meteoric, mas é dizer 'sim' para Caldas, é dizer 'sim' para a história que Caldas tem, é dizer 'sim' para a nossa região, para as nossas tradições e para as nossas necessidades. Eu vou retomar então o item cinco, que eu acho que ele é muito importante. Queria pedir, por favor, que vocês escutassem com muita atenção o item cinco. O EIA RIMA, que é esse documento que foi apresentado, contando as análises que estão sendo feitas no nosso território, esse documento não fala do porte dos caminhões que serão usados para transporte de argila, ida e volta entre a cava e a central de beneficiamento para a produção de 15 a 18000 toneladas de carbonato de terras raras, a uma taxa de aproveitamento de 1,5 a 3 kg por tonelada de argila. Estamos falando de 10 a 24 milhões de toneladas de argila transportadas por ano, da cava e para a cava ida e volta, o que dá entre 30 e 60000 toneladas de terra transportadas por dia. Considerando a operação, 365 dias por ano, isso vai equivaler a quantos caminhões por dia? Eu acho que isso é uma informação importante para nós, cidadãos e cidadãs de Caldas. Quantos caminhões vão estar transitando aqui por dia? Por exemplo, se o caminhão tiver capacidade de transportar 200 toneladas de argila. Estamos falando de 150 a 300 caminhões de toneladas de argila. Caminhões gigantescos transitando nessa cidade por dia, 150 a 300 caminhões por dia. O impacto do transporte dessa quantidade massiva de argila em caminhões de grande porte está subdimensionado no EIA Rima. E a população não está com clareza quanto às rotas que serão usadas. Onde esses 150 ou 300 caminhões irão transitar? Na frente da

minha casa, na frente da sua? Não sabemos. Então queremos clareza em relação aos futuros licenciamentos que podem tornar esse projeto ainda mais expansivo. A partir desse modelo de mineração que está sendo analisado, eu acho que esse é um dado muito relevante. Não só eu, mas a Aliança, todos os especialistas que analisaram esse projeto. Afinal, isso tem potencial de transformar profundamente a cara da nossa cidade. Imagina o trânsito desses caminhões.

Item seis: existe algum tipo de comprovação, testes ou dados empíricos com relação ao fato de que a matéria orgânica ficará em uma pilha durante um ou dois anos antes de ser colocada de volta sobre a cava. O EIA/RIMA não detalha o fato de que vão ter nascido árvores, sementes vão ter apodrecido. A água de chuvas terá empobrecido o solo pela lavagem da matéria orgânica da pilha? O EIA/RIMA também não detalha o método utilizado para devolver a matéria orgânica às cavas, nem traz dados concretos quanto a real fertilidade e capacidade da terra, após a devolução da matéria orgânica, em ser utilizada para recomposição de mata ou de agricultura.

O item sete diz o seguinte: o EIA/RIMA simplesmente não considera importantes aspectos sociais e culturais que definem nossa identidade e as características socioculturais do nosso município. O perfil histórico e cultural da região, descrito pelo Estudo Prévio de Impacto Cultural e pelo Relatório de Impacto no Patrimônio Cultural do Empreendimento, deixa de lado as nossas tradições: o artesanato em palha, a produção de queijos, nossos parreirais e vinhos, as festas populares e religiosas, os campeonatos de futebol, o torneio leiteiro, a pecuária, a nossa agricultura familiar, a plantação de abobrinha, de mandioquinha, a nossa roça. Isso não aparece com clareza nesse estudo. Essa é a nossa história. Essa é a nossa vida. Essa falta de atenção ao patrimônio local revela uma fragilidade séria nos estudos e inviabiliza qualquer aprovação consciente desse empreendimento. Um estudo de campo realizado em apenas três dias. Então essa equipe chegou nesse território, nessa área, muito próxima da área diretamente afetada. Provavelmente vai ser muito impactada. E foram apenas três dias. Em três dias, será que é possível conhecer todos os mais de 210 anos de história desse município? Em três dias dá para conhecer? Em três dias que eu digo é caminhando no campo, né? Essa pesquisa de campo, de trajeto, de realizar observação, de conversar com as pessoas ali no território... será que dá para conhecer mesmo o Bom Retiro? Dá para conhecer a Lagoa? Dá para conhecer a Bocaina somente em três dias?

O documento não menciona, não menciona nossos parreirais. Nós temos aí produtores que estão presentes, que podem confirmar, né? Se eu não me engano tem mais de 50 produtores de uva ali naquela região. E aí, né? Como assim? Eles não apareceram nesse estudo. Esses sete pontos levantados hoje, além de outros, serão protocolados esta semana pela Aliança em prol da APA da Pedra Branca, junto ao órgão ambiental, para contribuir com a análise do EIA/RIMA apresentado e do empreendimento pretendido. Nossa intenção é garantir que a transparência e a

responsabilidade ambiental, social, cultural e econômica sejam respeitadas em cada etapa do processo. Precisamos destacar que, sem as devidas respostas e esclarecimentos, há o risco real de incorrer em irregularidades. E diante de um processo como esse, não podemos ser irresponsáveis, pois afinal, aprovar algo sem uma análise profunda é correr o risco de tomar uma decisão irreversível. Esta análise foi construída coletivamente pela Aliança, envolvendo diferentes especialistas e vozes que conhecem a fundo nossa região e seus valores. Então, ao mesmo tempo que nós consultamos doutores da Unicamp, nós também consultamos doutores em Bom Retiro, doutores em Lagoa, doutores em Caldas. Esses são os verdadeiros conhecedores dessa terra. Essa análise foi feita a muitas mãos.

Lembramos que Caldas possui mais de 200 anos de histórias com raízes profundas nessa região do Bom Retiro, onde os primeiros povoamentos começaram. Temos registros, histórias e laços ancestrais que merecem respeito. Temos então essa análise como fruto de um trabalho coletivo, de uma entidade socioambiental que conhece os problemas e identificou possíveis falhas graves. Essas deficiências tornam impossível a aprovação de um empreendimento de Classe 6 sem comprometer nossa comunidade e o que construímos ao longo de gerações. Só para terminar: esse licenciamento Classe 6 é o com maior potencial de impacto e o mais alto. Agradeço a presença, aos ouvidos e o coração de vocês.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Muito bem, Thalita. Obrigado pela fala, pela complementação da sua fala, utilizando o tempo que é regimental de todos os solicitantes e que a gente fez uma divisão aqui, acredito eu, que tenha ficado equânime. O empreendimento também é um dos solicitantes. E aí, naturalmente, pela própria Deliberação Normativa 225, ele tem esse direito enquanto legitimado. E, naturalmente, teria também o prazo de dez minutos para falar. A princípio, eu havia retirado esse prazo para que pudesse dividir entre os demais solicitantes. Contudo, eu entendo que por tudo o que foi levantado aqui, seja necessário que a gente solicite ao empreendimento que utilize esses dez minutos que ele tem nesse momento para fazer um esclarecimento sobre os pontos. Então, Éder, em nome da Meteoric, eu lhe concedo dez minutos para que você esclareça principalmente os pontos que foram levantados nesse momento. Eu espero que você tenha os anotado. Enfim. E a gente também tem aqui uma anotação, ainda que superficial, mas eventualmente os solicitantes podem também se dirigir a mim. A gente vai bater nesse papo, tá?

Éder Santo (Meteoric): Ok. Bom, bom dia novamente, pessoal. Eu não me apresentei da primeira vez adequadamente, porque a gente tem um tempo para seguir para apresentação do empreendimento. Eu sou um cara que eu nasci de uma família de lavradores. Essa família de oito filhos. Eu fui o filho mais novo e o primeiro a ter acesso à universidade. Estudei o tempo todo na escola pública, desde o primário até a universidade. Tive a possibilidade de ter isso. Nasci numa cidade de 8000 habitantes.

Ela é a metade do tamanho de Caldas. Eu vivi na pele a dificuldade de ser... trabalhar na roça, né? De ser parte de uma família que produzia na agricultura familiar. E eu tive a dificuldade de viver numa cidade que não me propiciou possibilidade de eu trabalhar. Eu saí de lá com 17 anos e caí no mundo para poder sobreviver.

Então, assim, eu tenho... eu não conheço tanto Caldas, né? Infelizmente eu não tive a possibilidade de conhecer Caldas como as pessoas que aqui vivem. Mas eu tenho certeza [de] que a experiência de vida que eu tive, ela foi muito similar a experiência de vida que muitas pessoas aqui em Caldas têm. E essa dificuldade é real, né? Essa dificuldade de você não ter emprego, de você não poder trabalhar, de você ter que sair da sua casa muito novo para poder sair para o mundo, sozinho, é complicado.

Então, assim, a gente está e vai responder a todas essas perguntas que foram feitas pelas pessoas que aqui estão representando as instituições e, também, pelo Anderson, que fez a colocação dele. Faço questão. Assumo pessoalmente essa responsabilidade, mesmo que não seja definido pela URA. Faço questão de responder porque nós temos respostas para tudo isso e algumas coisas que foram ditas aqui que não existe no EIA, sim, consta no EIA. Então eu faço questão de responder pessoalmente a todas essas perguntas. Feita essa introdução, eu queria responder alguns pontos que foram levantados aqui.

Primeiro: radioatividade. A região aqui, ela tem uma radioatividade natural no solo, nas rochas, principalmente nas rochas. E não é à toa que a INB foi fazer a extração de minérios de urânio em rocha. Porque ali o conteúdo de urânio e tório, que são os minerais radioativos, é muito maior. Diferentemente do que tem na argila, que é o material que a gente vai trabalhar. Mas só falar, não adianta, só a gente vir aqui falar para vocês não adianta. Nós analisamos esse material e nós analisamos 22.250 amostras. Como que é feito isso? A sondagem está aqui trabalhando já há algum tempo, fazendo perfuração no solo em cada cerca de um metro e meio, porque não é muito exato. A cada um metro e meio da perfuração da sondagem, nós coletamos uma amostra. Essa amostra é coletada. Ela vai para o laboratório. Qual que é o nosso principal objetivo? Analisar quanto de terras raras tem esse material? Mas, no entanto, a gente não despreza a possibilidade de ter radioatividade nesse material.

A gente analisou também urânio e tório, e baseado nessa, vou ressaltar novamente 22.250 amostras, a radioatividade natural desse material é ínfima. Ela existe, mas é ínfima. Ela não vai contaminar o meio ambiente e ela não vai contaminar as pessoas. É lógico que vai ter alguém que não acredita nisso, mas isso tem um documento que demonstra isso. Então é importante que as pessoas entendam que a radioatividade não está presente nos materiais que a empresa vai trabalhar. E por isso que a definição do licenciamento... ele é estadual, ele não é federal. Então, a gente está muito certo de que a gente está seguindo o caminho correto. E essa foi a situação que a gente colocou para URA no início do desenvolvimento desse projeto.

Com relação à presença de sulfato no material, é óbvio que vai ter, que a gente vai utilizar o sulfato de amônio e ele vai estar em contato com esse material. É o sulfato de amônio que vai fazer com que o terras raras se separe da argila. Sendo separado essas terras raras, ela vai seguir o caminho dela até que seja produzido o carbonato de terras raras. A argila... ela vai seguir por uma outra linha dentro da planta de beneficiamento. E nessa linha ela vai – eu comentei isso na hora da apresentação – mas ela vai ser submetida a três estágios de lavagem subsequente. E por quê? Justamente para gente tirar qualquer tipo de contaminante que possa estar vinculado a essa argila. A gente vai recuperar o sulfato de amônia e vai retomar esse sulfato de amônia no início do processo de beneficiamento da argila. É aquele circuito fechado que eu comentei para vocês no fluxograma que foi apresentado durante a apresentação.

Essa lavagem da argila... ela vai fazer com que esse material esteja atendendo a todos os requisitos legais com relação à contaminação de água que vai estar contido nele e contaminação do próprio material com sulfato de amônia e qualquer outro. É isso. É dessa forma que está sendo desenvolvido o projeto. Mas eu fui uma pessoa que dentro desse projeto... eu batalhei para que tivessem condições adicionais para que esse material não contaminasse a água. E é daí que surge a questão da compactação desse material.

Então os caminhões que vão sair da planta carregando essa argila que foi lavada, ele vai ser retornado para dentro da cava. Esse material vai ser espalhado e vai ser compactado. E o que que a compactação vai promover para garantir, para ter uma garantia adicional da não contaminação a partir desse material? É porque qualquer contaminante que estiver preso e que seja resíduo de possível contaminação, ela vai ficar presa nesse material através da compactação. Então a gente está. A gente está... [fala inaudível vinda do auditório]. Assim... eu respeitei todos que falaram aqui. Eu acho que... está bom... ok.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Pessoal, vamos manter... vamos manter a urbanidade para que a gente siga a nossa reunião.

Éder Santo (Meteoric): A compactação desse material... ele vai ser justamente para isso. Isso daí aprovado... é provado tecnicamente. Eu não estou aqui para contar mentira. Eu estou aqui para falar o que é tecnicamente correto.

A questão do monitoramento dessas cavas: está previsto também no EIA, né? O monitoramento, aliás, não é só o monitoramento do entorno das cavas. Esse material que vai ser retomado para dentro das cavas... ele vai ser analisado também antes de retornar. O monitoramento que está sendo previsto e que está colocado no EIA é o monitoramento de vazão dos córregos próximos; é o monitoramento da qualidade da água dos córregos próximos; é o monitoramento da água subterrânea no entorno das

cavas; é o monitoramento da qualidade do ar; é o monitoramento das emissões que possam surgir na planta de beneficiamento, que tem um sistema específico para tratar qualquer tipo de emissão atmosférica. Então é um monitoramento completo que vai ser feito. Isso daí está no EIA também.

A questão dos impactos nas águas termais. Infelizmente eu não vou conseguir, no tempo de dez minutos, responder a todas as perguntas. Mas, novamente, Fred [Frederico Augusto], assumo o compromisso de responder a essas perguntas que vão ser direcionadas a vocês. Impacto na qualidade das águas termais: uma empresa de Belo Horizonte, é uma empresa que mais que tem mais de 30 anos de experiência em avaliação de estudos de hidrogeológicos. Ela fez um estudo justamente para avaliar qual é a possibilidade que existe do empreendimento do Projeto Caldeira, das cavas que vão ser construídas, de impactarem as águas termais. E o estudo concluiu que não existe essa possibilidade. Foi apresentado aqui também pela Alger que existem dois aquíferos distintos, um aquífero que é o aquífero que está na argila, que é superficial, e outro aquífero que é profundo, que é fraturado. E é nesse aquífero fraturado que nascem, que brotam as águas que são termais. Os dois não têm contato.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Senhor Éder, terminou o prazo regimental.

Éder Santo (Meteoric): Muito obrigado, pessoal.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Senhor Éder, demais solicitantes, ao público que nos assiste, tanto aqui fisicamente quanto na nossa plataforma no YouTube... o que eu quero deixar registrado: de fato, ficaram alguns pontos sem serem respondidos, principalmente a questão do tráfego de caminhões. Enfim, são pontos caros e importantes dentro do contexto das dúvidas que a população tem através dos seus representantes. Contudo, eu tenho que seguir o prazo regimental e tratar de maneira equânime todos os atores que estão aqui envolvidos. Os solicitantes tiveram os dez minutos. O senhor também teve seus dez minutos. O que que eu vou sugerir ao senhor: ao final, nas considerações finais, o senhor vai ter mais dez minutos. Então processe essas dúvidas, sintetize essas respostas para que ao final o senhor possa responder a contento, ok?

Porque agora nós vamos entrar na parte dos inscritos. E como que é a dinâmica? Nós temos 36 inscritos que falarão em bloco de três inscritos por vez. E assim que acaba esse bloco, a empresa vai responder as perguntas desses três inscritos que vão se manifestar no bloco. Então, nesse ponto, os debates vão se finalizar a cada bloco, e necessariamente não ficarão dúvidas remanescentes. Então essas dúvidas que surgiram nessa oportunidade, que não conseguiram ser respondidas, a gente joga elas para o final. Nas considerações finais, eu peço ao senhor, Sr. Éder, e aos demais

representantes do empreendimento, da consultoria, que retornem para que a gente possa ter um melhor aproveitamento desse momento.

Bom... então a gente entra agora na terceira fase da nossa audiência, que é o momento em que nós vamos chamar os inscritos que fizeram aí as suas inscrições para fazer o uso da palavra. Rememoro a vocês que eu vou fazer por blocos. Blocos de três inscritos a cada vez. Eu vou chamar os três. Os senhores podem fazer o trajeto que a Caroline falou no início da nossa audiência: passar por trás aqui, dirigirem-se ao púlpito. Vocês, os inscritos, terão três minutos para fazer o uso da palavra, improrrogáveis. A cada três inscritos que fizerem o uso da palavra, eu chamo o empreendimento. Ele terá seis minutos para se manifestar em relação às falas. E aí a gente conclui o bloco e passa para o próximo, ok? Então eu vou chamar aqui os três primeiros inscritos que comporão o primeiro bloco: Dr. Maurício Lemes de Carvalho, Karla Brandão Franco e Danielle Wanderley. Os três primeiros inscritos podem se dirigirem ao púlpito para poder iniciar o primeiro bloco. Dr. Maurício Lemes Carvalho, Karla Brandão e Daniela Wanderley. Nessa ordem, gentilmente. Pode dirigir-se ao púlpito, Dr. Maurício. E demais também. O senhor tem três minutos.

Dr. Maurício Lemes de Carvalho: Bom dia a todos. Cumprimentar a mesa, o nosso prefeito Ailton, a nossa prefeita Margot, aqui de Andradas, e os demais presentes. Realmente eu tive dois momentos quando eu soube dessa audiência pública. O momento de felicidade extrema, que eu percebi que os avanços estão chegando em Caldas. Seria muita renda, muito dinheiro. Vai dobrar a renda da Prefeitura de Caldas. Vai trazer muito emprego. Caldas vai crescer. Foi um momento de euforia. Mas tive outro momento de preocupação. E hoje aqui eu deixei de ficar tão preocupado, porque eu vi que o pessoal de Caldas, de Poços de Caldas, de Andradas, as associações, a APA, estão muito preparados com relação a essa questão. Estão fazendo questionamentos importantes. Nós sabemos que o nosso governo tem o Ministério do Meio Ambiente. Eles são extremamente radicais com relação à fiscalização. Nós tivemos no mês passado uma audiência pública, [em] que eu participei como deputado que sou... sou deputado estadual, lá em Paracatu, porque a fiscalização do meio ambiente era tão rigorosa que caiu a produção agrícola. Eles não deixavam produzir, não aceitavam reservatório de água. Não aceita muita coisa.

Então, eu sei que a fiscalização, no Brasil, é rigorosa com relação à sustentabilidade. Nesse caso aqui, eu sei que a Meteoric, tem várias... vários estudos. Estão dizendo para nós que são estudos que... não tem radioatividade, não tem urânio, não tem risco. Mas logicamente tem que ser fiscalizado, como nós temos no governo do Estado. Eu sou deputado estadual pelo partido Novo, partido do governador Zema, aliás fui o mais votado lá. E nós temos... e nós tivemos aqui no estado de Minas um governador que era o Pimentel do PT. Foi o que mais progrediu com as minerações. E, inclusive, Minas Gerais é o segundo estado mais rico do Brasil, porque tem muitas minerações, mas fiscalizadas. E o governo federal, nosso governador, o presidente Lula, tem uma

fiscalização rigorosa. Por isso que nós fomos a Paracatu para diminuir o afã dos fiscalizadores que não deixavam nem produzir.

Então eu estou tranquilo aqui hoje porque os questionamentos das associações foram muito pertinentes, interessantes. Eu vi que vocês estão defendendo a nossa cidade. Eu também tenho amor aqui. Eu nasci em Santa Rita de Caldas, fui criado aqui, minha família é daqui, estudei aqui, então aqui é minha cidade. Então eu tenho defendo Caldas com unhas e dentes!

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora) Sr. Maurício, seu prazo se encerrou.

Dr. Maurício Lemes de Carvalho: Então é isso aí. Muito obrigado! Saio tranquilo porque o momento de euforia... eu acho importante. O momento de tranquilidade... com as associações cobrando. Muito obrigado!

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Dr. Maurício, seu prazo se encerrou. Eu chamo agora ao púlpito a Karla Brandão. Por gentileza. Karla, a senhora tem três minutos para se manifestar e eu peço gentilmente que respeite o nosso prazo regimental.

Karla Brandão Franco: Bom dia. Meu nome é Karla. Eu sou engenheira química. Também sou consultora ambiental. Eu queria aproveitar um pouquinho... solicitar para a empresa... foi falado sobre essa questão da diferença entre a lavra de terras raras em rochas duras e a diferença para a argila iônica. Foi citado que Poços e Caldas serão municípios-laboratório, mas a gente sabe que já existem alguns exemplos de argila iônica. E eu queria também que vocês falassem um pouquinho sobre a questão do... da imagem internacional desse negócio aqui, desse empreendimento perante as mudanças climáticas e a transição energética, que é o principal aspecto que as terras raras estão trazendo, né? Então, acho que vale a pena se... ficou claro os três pontos? A questão da argila iônica, de não ser um laboratório necessariamente porque já existe; as diferenças em relação à rocha dura; e o cenário internacional, como que está sendo visto pelo cenário internacional o negócio, e como é que isso traz de impactos para Caldas? Obrigada. Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado. Ao final do bloco a empresa responde os questionamentos dos três primeiros... dos três inscritos no bloco, Sr. Éder. Eu chamo aqui, então, Danielle Wanderley. Por gentileza, a senhora tem três minutos para fazer uso da palavra.

Danielle Wanderley: Obrigada. Bom dia a todos e a todas. Primeiro, eu gostaria de ressaltar que o que nós estamos aqui hoje discutindo vai ao encontro de todas as discussões mundiais no que tange à minimização ou até mesmo à redução da utilização dos combustíveis fósseis. Inclusive, por tudo que nós temos acompanhado

aí no que tange às mudanças climáticas, aquelas questões todas no Rio Grande do Sul, mais recentemente, inclusive na Espanha, né? Bom, nesse sentido, hoje também nós não estamos tratando nem da instalação, nem da operação do empreendimento, mas tão somente da licença prévia.

Bom, não podemos deixar de destacar ainda os pontos positivos que aqui foram trazidos pelo empreendedor. O primeiro deles: o preenchimento da cava, o retorno do material que foi extraído às cavas, o que contribui para a redução dos impactos visual e ambiental. Temos também o processo... o projeto Caldeira, que não vai fazer uso das barragens de rejeitos, né? Temos também a reutilização de 75% de água, não utilização de explosivos e não utilização da moagem. Temos também a redução dos efeitos dos gases de efeito estufa. Bom, uso do solo.

Alguém comentou aqui sobre o que seria... o que aconteceria com esse solo após a utilização, após a extração das terras raras. Consta dos estudos de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental que esse solo poderá ser reutilizado posteriormente. Bom. Ademais, gente, todos os impactos negativos, possíveis impactos negativos que venham a ocorrer aí pelo empreendimento... eles serão mitigados, controlados e compensados durante toda a sua vida útil. Isso consta dos Estudos de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental, que está inclusive ali logo na entrada para consulta de todos.

Por fim, eu gostaria de ressaltar que o presente processo tem por objetivo a extração e o processamento de terras raras, que vai ao encontro de todo o contexto da transição para uma economia pautada em energias limpas e sustentável. Elementos esses que contribuem sobremaneira para a fabricação de tecnologias verdes, como turbinas eólicas, celulares, materiais de saúde, de exames que nós utilizamos. Muito obrigada!

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado. Obrigado, Danielle. Terminamos então o primeiro bloco. Primeiro bloco de três inscritos. Eu chamo os representantes do empreendimento para que em seis minutos faça o apanhado e a resposta daquilo que foi questionado. Identifique-se, por gentileza.

Marcelo Carvalho (Meteoric): Sim. Bom dia, pessoal! Sou Marcelo Carvalho.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Marcelo, o senhor tem seis minutos e eu solicito que respeite o prazo regimental, por gentileza.

Marcelo Carvalho (Meteoric): Claro. Eu sou diretor da Meteoric, sou geólogo. Então, vou responder ao deputado. Primeiro, deputado, obrigado pelo questionamento. Eu também acho que nos tranquiliza ter a representatividade da comunidade aqui, porque o que a gente quer aqui é estabelecer verdades e inverdades e,

principalmente, sanar todas as dúvidas que a comunidade tem. Então, quanto mais gente, melhor para a gente.

Quanto aos dois tipos de depósito de terras raras, depósito de terras raras e rocha dura... são depósitos que são muito caros e são agressivos ao meio ambiente, porque o mineral que contém as terras raras, eles estão preservados. Então você tem que moer, tem que britar, tem que usar explosivo e tem que atacar esse mineral com ácidos fortes e com temperatura para extrair terras raras desse mineral. Esses depósitos hoje eles estão em... existem dois principais depósitos no mundo, um na Austrália e nos Estados Unidos, que são das maiores mineradoras de terras raras do mundo. Mas hoje eles estão decaindo, declinando pelo custo e pela agressividade ambiental. Nas argilas iônicas, a natureza fez todo o trabalho. Ela, a natureza, destrói o mineral, transforma a rocha em argila. E esse... os íons de terras raras ficam aderidos a placas de argila. Por isso que a gente só tem que lavar a argila com uma solução fraca, que pode ser sulfato de amônia, pode ser sulfato de magnésio, por exemplo, ou pode ser sal de cozinha, por exemplo, né? Se existem exemplos mundiais, existem alguns exemplos mundiais, alguns na Austrália, mas principalmente um aqui no Brasil, que é a Serra Verde, que é uma mineradora brasileira que está no norte do estado de Goiás, que opera já com excelência esse tipo de depósito.

Então, sustentabilidade... são os depósitos mais sustentáveis, uma mineração diferente. Tem uma outra empresa, a Aclara, que está fazendo o desenvolvimento da mina deles no norte de Goiás, que eles chamam até de coleta de terras raras, em vez de chamar de mineração, porque realmente não é a mineração tradicional. Quanto ao impacto global, o nosso projeto é considerado hoje o melhor projeto do mundo, tanto em termos de sustentabilidade, quanto em termos de impacto para a positividade de transição energética. Um exemplo disso é que foi lançado agora pelo Fernando Haddad e pela Marina Silva, ministra do Meio Ambiente, uma plataforma de investimento que chama Plataforma de Investimento do Brasil, dentro do âmbito do G20. Essa plataforma de investimento foi lançada em Washington três semanas atrás e vai ser relançado na reunião do G20, no Rio de Janeiro.

Nós fomos a única empresa de produção mineral incluída na plataforma. Essa plataforma, defendida pela Marina Silva, congrega empresas que tenham projetos com forte impacto no controle das mudanças climáticas e que façam isso de forma sustentável. Eu acho que isso ser incluído nessa plataforma, e essa plataforma foi lançada pela Marina Silva... eu acho que demonstra um pouquinho de qual é o impacto desse projeto no âmbito global. Éder, você tem que responder a última.

Éder Santo (Meteoric): Bom... bom dia novamente, pessoal. Danielle, agradeço pela pergunta. Realmente o projeto Caldeira tem alguns diferenciais com relação aos projetos normalmente executados em termos de mineração. A gente viu uma imagem, eu não me lembro, acho que foi o João Landi que projetou, aquele lá é o

aspecto de uma cava que não é recuperada, ou seja, ela vai ficar aberta à eternidade. Os projetos de mineração normalmente são dessa forma. Gostaria de reforçar: a gente traz uma outra proposta. A proposta não só de fechamento dessas cavas, mas de recuperação dessas cavas. E daí quando a gente fala de recuperação, envolve também o plano de fechamento dela. O plano de fechamento, ele é dividido em várias partes, mas principalmente revegetação dessas áreas. É óbvio que novamente, a gente está... o projeto atinge algumas propriedades particulares e isso tem que ser... os proprietários estão sendo ouvidos de como que essa área tem que ser recuperada. Mas, por exemplo, área de APP, né? A gente fala muito ainda hoje de pagamento por serviços sociais. As áreas de APP, que muitas vezes não existem nas propriedades e que serão afetadas por essas cavas, elas também vão ser recuperadas, vão ser recuperadas com espécies nativas. Hoje a gente vê na área uma quantidade enorme ou uma área enorme de plantio de eucaliptos. E a gente já conversou com vários proprietários que nos relataram que nascentes estão sendo comprometidas por conta do plantio de eucalipto. Então, o que a gente propõe é o contrário: a gente voltar a preservar as nascentes, fazendo a recuperação, fazendo reflorestamento com espécies nativas. E a gente está iniciando... iniciando não, porque na verdade isso começou em 2023. A gente está fazendo um trabalho de diálogo com a comunidade, embora tenha sido colocada aqui que não. Mas a gente iniciou já há algum tempo o diálogo com comunidades justamente para identificar qual que é o apoio, qual que é o apoio que...

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Seu tempo se esgotou, Sr. Éder. Na próxima rodada, talvez o senhor... Então encerramos o primeiro bloco. Vamos dar início ao segundo bloco, pelo qual eu convoco aqui Adrien Junqueira Raimundo, Fabiano Rodrigues, Marcelo Portela. Nessa ordem para se manifestarem.

Adrien Junqueira Raimundo: Bom dia. Não sei se é bom dia ainda. Meu nome é Adrien e algumas pessoas aqui me conhecem. Eu sou caldense. Assim como os meus pais, meus avós, meus bisavós. E eu vou ler aqui o que eu escrevi, porque esse assunto da Meteoric, desde que ele surgiu para a gente lá na roça, ele tem me trazido um certo nervosismo. E aqui, com muitos olhos falando também. Bom, eu sou formada em Engenharia de Produção e, também, possuo especialização. Eu já trabalhei em obra de grande porte e, enfim, eu poderia trazer questionamentos mais técnicos. Mas não. Hoje eu vim falar como uma mulher da roça e eu vim falar como uma filha dessa terra, como uma produtora rural. Eu também poderia vir aqui falar como professora de 300 alunos no ensino médio, mas não, eu vou falar como uma mulher da roça, uma produtora.

Uma das minhas principais fontes de renda e da minha família é com a vitivinicultura familiar no bairro do Bom Retiro. Essa cidade aqui já foi uma grande produtora de uva e hoje ainda continua tentando manter viva essa tradição. Nós temos a EPAMIG, que desenvolve pesquisa nessa área, possuímos grandes nomes e referências mundiais

com a dupla poda. Além disso, lá no Vale da Pedra Branca, resiste e insiste o cultivo da uva por pequenos produtores. Temos um concurso, que é idealizado por um vereador do nosso bairro, e que reúne em torno de 50 produtores de uva que nem sequer foram mencionados, inclusive quando foram em casa fazer pesquisa com a gente, a gente falou que a gente era produtor e que tinham outros produtores, mas a gente não está sendo mencionado nisso. Inclusive, tem produtores que estão vindo de fora investindo também muito dinheiro na produção do vinho artesanal aqui, que não estão sendo levados em consideração. Enfim, a gente tem muitas riquezas aqui.

Nos convites para essa reunião, a gente pôde perceber chamado para emprego, desenvolvimento, comércio, Ok? Mas e nós, que somos produtores rurais e que moramos do lado desse empreendimento, onde a gente fica? A gente está sendo levado em consideração ou a gente está sendo deixado de lado assim? Bom, a empresa, sim, faz reuniões com a gente lá no bairro. Mas o mesmo questionamento que eu tinha um ano atrás, eu tenho hoje e não estão sendo solucionados. Eu peço, assim, que vocês tenham mais embasamento para essas respostas, tá? Bom, será que nós da população de Caldas, a nossa cidade que tem 200 anos de história, ela não precisa de mais tempo para ser estudada e contemplada? A gente não está pedindo que não venha. A gente entende a importância disso tudo, mas a gente precisa de um plano de desenvolvimento, sabe?

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Seu tempo se esgotou. Eu chamo aqui, senhor Fabiano Rodrigues, por gentileza.

Fabiano Rodrigues: Bom dia a todos. Meu nome é Fabiano. A gente sabe da importância do primeiro emprego, do emprego para o desenvolvimento de uma região. Então eu gostaria de fazer uma pergunta para a empresa sobre se ela tem algum projeto de capacitação aqui para a região de Caldas, se ela vai dar oportunidade desse emprego para a população de Caldas, vai preferenciar a população de Caldas e se vai haver alguma bolsa para que esse jovem, que está ingressando, ele consiga se formar e ingressar nesse primeiro emprego. Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado senhor Fabiano. Senhor Marcelo... Portela?

Marcelo Portela: Exatamente.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado. O senhor tem três minutos para se manifestar.

Marcelo Portela: Pessoal, bom dia. Eu sou o Marcelo Portela. Eu sou engenheiro químico. Sou especialista em meio ambiente. Eu sou especialista em mineração. Tenho 30 anos de experiência na área. Já fui gerente de empresas de mineração. E eu só quero, primeiro, parabenizar a Thalita pela fala, né? Essa audiência, Thalita,

realmente não é para falar se é 'sim' ou se é 'não'. É o 'como', né? E como o Éder bem disse, esse 'como' vai se dar através do diálogo. Então é o diálogo, é a gente entender, é a convergência entre as ideias, porque é possível, sim, coabitar de forma sustentável.

Eu vim de muito longe para poder participar. Eu não sou daqui, mas eu sou apaixonado. Eu sou um mestrando na área de sustentabilidade lá na USP. E eu resolvi vir aqui para poder participar, porque quando a gente fala de mineração, a gente fala de extração, a gente fala de alteração de um determinado ecossistema e como isso se dá? E qual o impacto disso para a sociedade?

Então, de um lado, nós já temos uma cultura que está implementada e de outro lado nós temos uma cultura que vai ser implementada, e sem determinado momento existirá um conflito? Então nós temos uma audiência pública que nos permite convergir para o mesmo objetivo. Eu nasci numa cidade de 4000 habitantes e eu saí dessa cidade porque não existia esperança para mim, para eu poder ter um crescimento profissional. A cidade não tinha uma esperança para poder ter um crescimento econômico. E fui para uma outra cidade, há 30 anos, onde tinha a mineração e a siderurgia, com a metalurgia, estava começando. Só que as audiências públicas não eram deliberadas dessa maneira, com um diálogo tão informativo e participativo na época.

E o que que é bacana neste momento: aqui nós estamos falando não de minerar, mas nós estamos falando de uma transição dentro da mineração. Então, assim, nós temos hoje a transição energética, que é inevitável, e para proporcionarmos uma transição energética, nós precisamos da transição mineral. Então, assim, nós temos terras raras. Ao mesmo tempo, nós temos o nióbio. Nós temos outros tantos minérios que estão sendo colocados hoje no mercado, porque é um recurso não renovável e as fontes de lavra vão acabar.

Então, assim, o que eu trago para vocês é, pela minha experiência, eu nasci dentro da indústria, indústrias todas multinacionais, é que quando eu vejo no viés da lavra, quando a gente está extraindo uma tonelada, duas, 100, 200, 1000 toneladas, eu não vejo ali somente um minério que está sendo retirado. Eu vejo a felicidade de um pai que está trabalhando ali, que vai ter um salário, que vai realizar o sonho de um filho, que tem vontade de fazer um curso; ou do próprio pai que quer estudar e quer crescer, quer comprar uma casa. Então, assim, imagina Caldas, a gente vê falar de tantos investimentos chegando aqui no Sul e no Brasil e agora chegou em Caldas. Então eu penso que esse é o momento de Caldas, é o momento de Caldas crescer. E naturalmente, Andradas e outras cidades que estão aqui. Mas o recado, pela minha experiência, é: o diálogo, gente, resolve tudo. Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Eu convido, então, o representante do empreendimento, para que faça as considerações referentes aos três inscritos que se manifestaram nesse bloco.

Mariana Gomide (CERN): Em resposta à Adrien: a gente fez o levantamento tanto de dados secundários, a gente faz um levantamento extenso de dados secundários para depois vir a campo. Então essa conversa foi feita com a comunidade. Foram identificados, sim, os diversos, as diversas atividades econômicas de recreação na área de entorno do empreendimento. Tanto é que a gente colocou que metade da população de Caldas é residente de zona rural, representando aí 22% da renda com a agricultura. Então, isso foi sim identificado. As ofertas de emprego serão para aquelas pessoas que têm interesse. E as demais atividades econômicas serão respeitadas e até fomentadas através dos programas sociais socioambientais que serão desenvolvidos. Esses programas vêm desde a comunicação social, onde a gente vai informar todos os passos do empreendimento; os programas de parceria, onde o empreendedor vai atuar em parceria com também programas já do município ou da comunidade, das associações.

E, também, o programa que é o PEA, que a gente ajuda e desenvolve as demais atividades em que a comunidade tem vocação. No EIA, esses programas são descritos de forma conceitual, porém no PCA, que é uma fase seguinte, na LI ainda, esses programas serão todos descritos de forma executiva. Então haverá ainda uma próxima etapa de desenvolvimento, de detalhamento desses programas. E, também, complementar as ações socioambientais, a gente tem os programas do meio físico e biótico, onde a gente vai garantir, através das medidas de controle, de mitigação e monitoramento, a qualidade ambiental da área, que é de suma importância para que as atividades agrícolas continuem acontecendo.

Éder Santo (Meteoric): Queria agradecer a Adrien, o Fabiano e o Marcelo pelas perguntas ou pelas considerações. Vou responder especificamente da capacitação das pessoas em Caldas. A empresa tem sido muito demandada por essa questão da capacitação das pessoas aqui em Caldas. E quem é representante da empresa que está em contato normalmente com as pessoas deixa muito claro que a capacitação é em Caldas, a capacitação para que pessoas possam ter a possibilidade de trabalhar na empresa. E por que isso é importante? Quando a gente fala de impacto social, existe uma preocupação da empresa e existe uma preocupação da sociedade com relação à migração de pessoas para a região. E essa capacitação, além de dar oportunidade para as pessoas que são locais, ela também mitiga esse possível impacto de migração de pessoas. Então, quanto maior o número de empregados, seja de Caldas, seja de Andradas, seja de Poços, a gente conseguir contratar, menor vai ser o impacto em termos de migração de pessoas para trabalhar aqui. Então, esse programa de capacitação, ele já está sendo trabalhado junto com a FIEMG, junto com o SENAI, e a gente está fazendo o desenho desse programa para que ele seja iniciado

em Caldas e, se necessário, se a gente identificar que o número de pessoas que possam ser contratados em Caldas ele não seja suficiente para atender a demanda de empregos da empresa, ele vai ser estendido para outras cidades da região. Novamente, Ailton, reforçar com você esse compromisso, né? A gente tem já discutido isso por várias vezes. Eu acho que é importante a gente citar, Marcelo...

Marcelo Carvalho (Meteoric): Quero só adicionar, Éder, na tua fala, que eu estava com... Ailton, prazer ter você aqui. Eu estava com o presidente da FIEMG na semana passada, lá na Austrália, o Flávio Roscoe. Agradeço à FIEMG por todo o apoio que tem nos dado. E existe um compromisso da FIEMG, de nós, junto com a Viridis, que está aqui também, estamos direcionando os cursos de profissionais que nós vamos precisar para trabalhar no nosso empreendimento, no empreendimento da Viridis. E o Flávio Roscoe pessoalmente nos garantiu trazer essas escolas aqui para o município de Caldas, em conjunto com o SENAI, que já existe em Poços de Caldas, para fazer essa formação das pessoas aqui. Isso palavra do presidente da FIEMG. Então agradeço muito ao Flávio Roscoe e ao SENAI.

Éder Santo (Meteoric): E só para complementar, pessoal. Eu não enxergo que a mineração seja uma competidora de outras atividades econômicas na região. A gente gostaria muito de se sentar com as organizações que estão aqui presentes e discutir qual que é a possibilidade que a empresa tem de fomentar também as atividades com as quais vocês estão desenvolvidos. Então a gente não fechou as portas. Pelo contrário, a gente tentou alguns diálogos e nós não tivemos sucesso. Até que a gente começou a discutir com o Daniel. Eu acho que o Daniel pode ser a porta de entrada para que a gente possa discutir, sentar e discutir civilizadamente quais são as possibilidades.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado. Obrigado. Aparentemente. Vamos dar sequência aqui em mais um bloco e eu chamo Daniele Cristina, Tânia Mara Junqueira, Fernanda Queiroz.

Daniele Cristina: Bom dia aos presentes. Eu me chamo Daniele Ferreira. Sou funcionária da empresa Meteoric há nove meses. Eu atuo no Departamento de Segurança do Trabalho. Sou nascida em Caldas, onde reside grande parte da minha família. Nossa realidade sempre foi ter que deixar nossas casas e familiares muito cedo, devido à falta de emprego e à possibilidade de crescimento profissional. Hoje me sinto privilegiada em poder trabalhar em uma empresa local e estar próxima à minha família. Pude conciliar as duas áreas mais importantes da vida de uma pessoa. A Meteoric investe fortemente na qualificação de mão de obra e segurança dos seus funcionários e sabemos que mão de obra qualificada gera automaticamente uma base salarial maior e o que gera uma qualidade de vida melhor às nossas famílias. Estou muito feliz pela certeza da melhoria de renda da nossa cidade e dos nossos

familiares, com a geração de emprego e renda na nossa região, com o Projeto Caldeira.

Tânia Mara Junqueira: Bom dia, pessoal! Bem, para quem não me conhece, eu sou a Tânia Mara Junqueira, nascida no bairro Pedra Branca, zona rural daqui de Caldas. Vivi a infância até a minha adolescência na Pedra Branca. Sem oportunidade, vim para a cidade, me tornei comerciante. Atuo no ramo de atividade como comerciante há 24 anos. Fui presidente da Associação Comercial. Sinto e vejo na pele a dificuldade que nossa cidade tem por ser uma cidade pequena, sem oportunidades, sem empregabilidade.

Bem, a transição energética é um fato e vai acontecer. Para isso, nosso município precisa estar preparado. E, também, sou secretária, estou como Secretária de Desenvolvimento Econômico daqui da minha cidade. Nós, da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, estamos aqui para apoiar a vinda desta empresa e de outras, desde que estejam dentro das leis ambientais, que tragam emprego, renda e desenvolvimento sustentável para o município. Uma mineradora pode ajudar a impulsionar o desenvolvimento econômico de um município, criando emprego, gerando imposto, incentivando a infraestrutura e apoiando projetos sociais, e, também, o comércio local.

No entanto, o sucesso deste impacto positivo depende de uma gestão responsável, tanto por parte das autoridades locais quanto das próprias empresas ou mineradoras, que aqui é o fato que estamos a falar, para minimizar os impactos negativos e garantir que a riqueza gerada seja distribuída de maneira justa e sustentável. Então nós, da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, temos a obrigatoriedade de representar as empresas, os empregos, as pessoas caldenses, desde que esteja dentro das licenças ambientais que trabalham com sustentabilidade, que gerem renda, sim, empregabilidade para o município, mas que trabalhem justamente pensando Caldas, não hoje, mas Caldas daqui a 20, 30 anos ou até mais por... pelas dificuldades que eu já vivi, pelas dificuldades que eu passei e entendo que a população caldense passa. Somos a favor. Estou aqui para apoiar, para ajudar, porém dentro das normas. Obrigada.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Senhora Fernanda Queiroz.

Fernanda Queiroz: Bom dia. Meu nome é Fernanda. Eu venho aqui trazer algumas palavras do deputado Noraldino, representante da Comissão de Meio Ambiente e Defesa das Causas Animais. Quando esse assunto chegou ao nosso gabinete, foi uma preocupação básica: porque a mineração está vindo para aqui, sendo que ela tem sido extinta? Primeiro, nos foi dito que ela não é a mineração em rocha dura e, sim, por isso não se utiliza explosivos. Não é... não vai ser utilizada a barragem de rejeitos. E

perguntamos uma outra coisa: é possível fazer compensações ambientais também na fauna? Eu acho que essa foi uma pergunta que ficou pendente para a nossa área, que é importante, é cara ao mandato do deputado.

Geração de emprego também será uma preocupação para fixar a população, que muitas vezes também procuram outras cidades em virtude de outras atividades. E uma pergunta que foi feita também aqui, anteriormente, para outras pessoas, a preocupação com a questão hídrica. Nos foi dito que quase a totalidade da recirculação de água em circuito fechado. Para nós que entendemos, ficou claro. Gostaríamos que isso também fosse explicitado para a população e a comunidade caldense e gostaríamos de contar mesmo com a compensação para a nossa fauna. Muito obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Vou chamar o representante do empreendimento para que em seis minutos responda os itens trazidos nesse bloco. Eu preciso sanear uma questão, Éder, e aí vou deixar a seu encargo e a sua equipe me auxilia. O artigo 13, parágrafo terceiro, da DN, fala, salvo engano, que até oito funcionários ou prepostos do empreendimento podem se inscrever. Como a inscrição ficou a cargo do empreendimento, naturalmente até pelo rito aqui da audiência, a gente aqui da Mesa, Presidência e Assessoria, não teve condições, não tem condições de saber quem são seus prepostos e nem quem são seus funcionários. Pelo meu cálculo aqui, dois prepostos do empreendimento já se manifestaram. Então, depois eu só gostaria que vocês fizessem esse cômputo e que os seus prepostos e funcionários identificassem-se, para que a gente não perca...

Éder Santo (Meteoric): São sete...

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Ok. Eu fui informado de que são sete, mas na minha conta aqui deram oito. Enfim, eu só estou pedindo a gentileza para que a gente não tenha nenhum problema, nem nenhuma alegação de nulidade nesse sentido, tá?

Éder Santo (Meteoric): A gente... Frederico...

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Danielle Wanderley não é preposta de vocês, e nem funcionária?

Éder Santo (Meteoric): Não, não, é só...

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): A única funcionária que falou até agora foi a Danielle Cristina.

Éder Santo (Meteoric): Isso...

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Então talvez tenha havido um equívoco aqui na informação da ata.

Éder Santo (Meteoric): Não, não é. Não é empregada.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Então está saneada essa questão. Vocês estão cientes de que até oito funcionários ou prepostos podem se manifestar, dos 36 que a gente tem como legitimados.

Éder Santo (Meteoric): Perfeito, perfeito.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Então esteja com o seu tempo aí de seis minutos para poder responder o bloco.

Éder Santo (Meteoric): Frederico, vamos seguir, tá? A gente vai, obviamente, seguir o rito normal, que é de oito empregados ou prepostos. E a Carol... ela está lá justamente para garantir isso daí, tá? Ok, não tem problema. Eu agradeço a Danielle, agradeço a Tânia e agradeço a Fernanda pelas considerações. Queria falar um pouco sobre como que a empresa trabalha... como que a empresa trabalha para fomentar a vinda de mulheres para trabalhar conosco. Além da área ambiental, eu sou responsável também pela área de sustentabilidade e ESG da empresa. É importante lembrar, pessoal, que essa empresa, ela está muito no começo. A gente ainda está na fase do primeiro licenciamento, de três licenciamentos possíveis. E a gente, desde já, a gente trabalha com a questão da igualdade, com a questão da diversidade dentro da empresa. A gente já definiu quais são, quais... qual é a matriz de materialidade, que é um termo difícil... mas quais são os indicadores, os indicadores de desenvolvimento sustentável. definidos pela ONU. Os indicadores que a gente vai reportar em relatório de sustentabilidade no próximo ano, que a empresa tem que atender. E um deles é justamente esse: diversidade e igualdade. Isso daí está previsto nas nossas políticas. Isso daí a gente segue à risca. Por isso que eu gostaria de agradecer e cumprimentar a Danielle por essa fala dela. Tânia, a gente já colocou aqui para vocês que o projeto... ele atende às normativas específicas de meio ambiente, que não são poucas. Quem leu o EIA ou quem teve contato com o EIA... existe um capítulo específico que levanta todas as considerações legais que tem que ser atendidas por um empreendimento dessa natureza. Não sei quantas são, mas são muitas. São muitas, realmente, e a gente vai atender todas. Além de minimizar os impactos negativos que a gente colocou aqui como medidas mitigadoras, medidas mitigadoras e, justamente, aquelas ações que a gente coloca em prática para evitar que o impacto ambiental seja maior do que está previsto dentro da legislação. O que que isso quer dizer? Por exemplo, legislação relacionada à qualidade de água. Existem legislações relacionadas à qualidade de água aqui em Minas Gerais e que são definidas pelo Estado e que também são definidas pelo governo federal.

Essa qualidade da água, ela tem que ser seguida por todos os empreendimentos e inclusive pelas prefeituras. Então, se a prefeitura faz um tratamento de esgoto, aquele esgoto tem que ser descartado dentro de uma determinada condição que a legislação define. E é a mesma forma para a mineração. Então a qualidade da água, seja ela subterrânea, a qualidade da água, seja ela superficial, ela vai ser atendida pelo projeto. E como que a gente vai garantir isso? Através daquelas ações que foram propostas e, ao mesmo tempo, o monitoramento que vai ser feito. Então alguém perguntou, e eu já não me lembro, eu peço desculpa quem é... mas o monitoramento... ele vai ser entregue ao órgão ambiental. E esse monitoramento de qualidade da água superficial, subterrânea, atmosférica, isso daí eu imagino que esteja disponível para que seja consultado. Desenvolvimento sustentável: a gente está falando de um projeto que ele tem a capacidade de impactar mundialmente o fornecimento de terras raras. Eu acho que as pessoas que acompanham um pouco noticiários de TV ou que tem a possibilidade de ler um jornal, pode ser um jornal em papel, eu pessoalmente gosto de ler o jornal em papel, mas a gente acessa muito através do celular, e a gente está vendo que existe uma demanda muito grande pela questão dos minerais críticos de transição energética, dentre eles as terras raras que a gente busca licenciar aqui nesse empreendimento. Por favor.

Mariana Gomide (CERN): Vou responder sobre a fauna. Para a fauna, em si, não há previsão de compensação. Tem a previsão do programa de resgate e afugentamento, quando está sendo feita a supressão vegetal, para que a gente consiga afugentar a maioria dos espécimes, resgatar ninhos, filhotes ou, eventualmente, espécimes machucados, então, realocando eles para os fragmentos florestais. E temos as compensações florestais e todos os outros programas também de manutenção de remanescente florestal, combate a incêndios, que aferem uma melhor qualidade ao ambiente e, com isso, sirvam também de refúgio para a fauna. E o monitoramento contínuo para que a gente possa acompanhar como está sendo a evolução, a manutenção dessas espécies identificadas na região. Então, tem diversos programas associados à manutenção da fauna.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Ok, obrigado. Encerramos então o terceiro bloco. Vamos dar início ao quarto, chamando aqui para fazer uso da palavra: Senhor Luiz Carlos Souza, Isabelly Lopes e Rogério Oliveira. Olá, senhor Luiz Carlos Souza, Isabelli Lopes e Rogério Oliveira.

Luiz Carlos Souza: Boa tarde já, né, a todos. Eu sou o Luiz Souza. Trabalho na Meteoric... e a palavra lá é conscientização. O que a gente ouve de todo mundo lá é conscientizar. Conscientizar os empregados e, também, a comunidade aqui de Caldas. Eu sou nascido aqui na roça e, como muita gente, eu fiquei pouco tempo aqui e fui para a cidade grande, para trilhar os caminhos e poder colocar alguma coisa para a família. Então a Meteoric, ela tem o compromisso e está empenhada na construção de uma relação pautada na confiança, no respeito e na transparência com toda a sociedade

de Caldas, promovendo o desenvolvimento sustentável com o apoio de todos na região. Essa valorização visa priorizar os profissionais e fornecedores da cidade. Por isso, já realizamos reuniões com vários aqui comerciantes, a fim de estreitar essa nossa relação, com o trabalho digno e ético, garantindo um ambiente livre de discriminação e respeito à liberdade de associações. O concentrado de terras raras que iremos retirar do solo servirá para a transição energética em nível mundial, para se ter um planeta sustentável. Esses materiais serão utilizados em diversas tecnologias modernas, como celulares, motores, veículos elétricos, equipamentos de ressonância magnética e vários outros com energia limpa. Então eu pergunto, já perguntaram isso, mas eu quero que o Éder reafirme: o desafio de fomentar a valorização do comércio local. Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Senhora Isabelle... senhora Isabelly Silva Lopes.

Isabelly Silva Lopes: Boa tarde a todos. Eu sou Isabelly Silva Lopes. Tenho 18 anos e venho aqui como uma jovem... uma jovem que sempre trabalhou, que sempre buscou o melhor para a população caldense, dizer para vocês, primeiramente, que não é válido vir com discursos ensaiados, tá? A gente precisa falar que uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Primeira coisa: não é válido... quero ressaltar que o prefeito, meu prefeito, disse assim uma vez, Ailton Goulart: 'extremismo não leva ninguém a lugar nenhum'. Só que hoje eu vou ser extremista com vocês. A primeira coisa é: eu sou jovem e eu já tive a dificuldade de procurar um emprego. Eu sou jovem e a minha família não tem condições de, por exemplo, me manter fora da cidade para estudar. Então eu sei que eu vou ter que trabalhar para conseguir estudar em, por exemplo, São João da Boa Vista; vou ter que conseguir me esforçar para estudar, por exemplo, em Poços de Caldas. E a pergunta é: aonde a Meteoric é capaz de chegar pela nossa juventude? É isso que eu quero: condições sociais. Onde vocês são capazes de chegar com a nossa juventude, né? Eu costumo dizer que Caldas tem um medo, há 40 anos atrás, com a questão da INB, Caldas ficou receosa com as questões que a gente vem levantando. Quando a Meteoric chegou, então, foi pior ainda. Caldas ficou ainda mais preocupada. Só que... qual a resposta de vocês para nós na questão da juventude? Porque ninguém pensa nisso, muita gente chega e fala assim: 'poxa, a juventude ela não está ativa em Caldas'. A gente está assim. A gente existe aqui. E o que a gente quer é essa resposta: onde vocês são capazes de chegar por nós, né? E quando se trata também de falar sobre Caldas, eu acredito que deveriam ser pessoas nascidas e criadas aqui, não pessoas que vão levantar um falso testemunho. Nós somos a verdadeira Caldas. Nós queremos verdadeiramente um empreendimento que vai levar a gente crescer. A gente quer algo válido e, como disse Albert Einstein: 'esforcem-se para ser um sucesso...', 'não se esforcem para serem um sucesso, mas, sim, para serem valiosos. Então é isso que a gente quer: que vocês sejam valiosos conosco, como população. E, também, aos demais que irão se apresentar, que obtenham mais respeito ao falar sobre as questões, por exemplo, da nossa prefeitura,

as questões, por exemplo, da nossa cidade, dos marcos que nós temos aqui no nosso ambiente, né? Porque se nós temos um 'Eu amo Caldas' ali na frente, é porque nós estamos mostrando para quem vem nos visitar que nós somos o cartão postal, que nós temos coração e que nós somos a população verdadeiramente ativa. Caldas não quer ser mais antagonista e, sim, os protagonistas da situação. Muito obrigada!

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Senhor Rogério Oliveira.

Rogério Oliveira: Boa tarde a todos, né? Já passamos do meio-dia. Meu nome é Rogério, eu sou advogado aqui e quero dizer que eu amo Caldas também. Estou aqui há 25 anos. Minha esposa é daqui, tenho três filhas e trabalho muito em prol da educação. Num primeiro momento, o que eu queria deixar é que eu verifico que muitas pessoas, além da profissão, como professor e como advogado, e nós, antes de tudo, a gente já falar de determinada empresa, de determinada pessoa, sem conhecer a fundo cada projeto, cada ser humano, porque a gente já tem isso instintivo na nossa pessoa. Quando vem alguma coisa nova, a gente já fala: 'vai destruir'; ou não: 'vai levantar a cidade', sem conhecer a fundo. Então, no primeiro momento que eu cheguei aqui, hoje, 07h30 da manhã, eu fui ler realmente o projeto Caldeira. Novamente, porque já tive a oportunidade de ler e todos devem ter essa oportunidade de realmente ver o Projeto Caldeira na sua essência.

Como advogado, eu acredito na lei. Meteoric, eu acredito que a empresa vem fazer o trabalho dela dentro da legislação e se não tiver a aprovação da lei, não terá o trabalho. Então eu acredito na lei e eu acredito que, com a aprovação da licença ambiental, de todas as licenças para que possam trabalhar e que venham trabalhar, mas dentro da legalidade. A gente não quer a destruição de Caldas. Nós amamos Caldas, porém a gente quer o progresso e muitas pessoas que eu converso falam assim: 'nossa, meu filho teve que ir para Poços', 'meu filho teve que ir para Andradas', 'meu filho teve que ir para São Paulo', porque não tem oportunidades de emprego para cá. Essa... eu acredito que sejam 520 empregos diretos. Então a minha pergunta é referente aos 2500 empregos indiretos. E a pergunta que eu faço para a empresa é se já foi dialogado e se pode ter uma garantia de um percentual significante para que sejam pessoas de Caldas que realmente trabalhem na empresa. Esse é o meu questionamento. Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado. Então fechamos esse bloco. Eu solicito ao empreendimento que se manifeste.

Antônio Malard (Alger): Boa tarde a todos. Meu nome é Antônio Malard, sou da Alger Consultoria. Senhor presidente, eu vou só retomar um ponto do bloco anterior, porque a última resposta relacionada à fauna foi dada em apenas trinta segundos, porque o tempo estava estourando. E é uma questão importante. Gostaria de aproveitar esse

tempo. Como a Mariana mencionou, não existe uma obrigação legal relacionada a fazer uma compensação de fauna, porque não existe como compensar isso. Mas estão previstas as ações de resgate, de afugentamento. Tudo isso para evitar qualquer tipo de impacto para a fauna, minimizar. Entretanto, em que pese isso, o que a Fernanda colocou é muito caro para o empreendimento. O empreendimento está à disposição. O Fernando, do deputado Noralaldino também, de conversar com instituições que têm a bandeira da fauna doméstica, para a gente fazer um diálogo e poder apoiar essas ações tão importantes para vocês, mas para o Estado e, principalmente, para essas instituições que sejam... estejam localizadas próximas aqui do território, mas não só aqui, de todo o Estado de Minas Gerais. Então fica... nós ficamos à disposição para estreitar esse diálogo. Obrigado.

Éder Santo (Meteoric): Bom, primeiramente, agradecer as perguntas do Luiz, da Isabelly e do Rogério. Começar a resposta pelo Luiz. Como valorizar, o desafio de valorizar, os fornecedores ou o comércio local? A gente, desde o início, a gente tem buscado essa aproximação com fornecedores locais, com o comércio local, justamente para permitir, possibilitar o acesso de fornecedores locais para poder prestar serviços ou vender produtos para a Meteoric. A gente tem enfrentado alguns, alguns desafios, Luiz, porque existem situações em que o comércio às vezes não está completamente regularizado ou existe a dificuldade de emitir uma nota fiscal.

Então, a gente tem que trabalhar muito em cima disso. A gente tem que fomentar ou apoiar com que os fornecedores estejam legalizados para poder fornecer para a empresa. Porque a gente não pode fazer o pagamento por produtos ou por serviços sem que tenha uma nota fiscal de contrapartida, para que seja regularizado esse processo comercial. Então a gente tem, sim, vários desafios, mas a gente está trabalhando, inclusive com a Associação Comercial aqui em Caldas, para que a gente vença esses desafios.

Com relação à Isabelly, ela falou sobre a questão da juventude aqui em Caldas, né? Eu relatei para vocês a minha situação, como que foi a minha infância e o processo de mudança que eu tive da minha cidade natal, que até hoje eu até hoje eu vou para lá. Perdi um dos meus irmãos, mas ainda tenho seis irmãos que eu visito sempre. Também não tenho mais meu pai e minha mãe, mas eu faço questão de voltar para as raízes. Tenho muitos parentes ainda lá. Tenho muitos amigos. E eu não perdi esse vínculo com a raiz que eu tenho. Isabelly, a gente vai fazer todo o esforço possível ao alcance da empresa para que a juventude possa participar também desse processo de crescimento do município. Isso significa, sendo fornecedor, fornecedor local, sendo empregado da Meteoric, sendo empregado de algum prestador de serviço da Meteoric. E para isso eu acho que o programa fundamental é possibilitar a capacitação das pessoas. Só que a gente não vai limitar isso à juventude, né? Esse programa de capacitação, ele vai estar voltado para todas as pessoas que tenham interesse, seja de 18 anos, seja de 40, seja de 50, seja de 60. Então, a gente não vai fazer

diferença nenhuma. Aqueles que tiverem vontade de se capacitar, terão a possibilidade de se capacitar para poder trabalhar conosco. E o Rogério comentou sobre a questão da legalidade. Eu já comentei, Rogério, a gente segue todas as leis possíveis e aplicáveis ao nosso empreendimento. A gente fez um levantamento. Nós temos um software específico para trabalhar com requisitos legais, ou seja, todas as legislações que são aplicáveis. A gente está iniciando o trabalho com esse software. E nós identificamos que 2700 requisitos legais são aplicados ao empreendimento e que a gente é obrigado a seguir. Então isso está garantido. E o percentual de emprego em Caldas, a gente não consegue prometer um percentual de empregos em Caldas. Por quê? Porque isso depende da vontade de todos vocês. Então, se vocês tiverem vontade de trabalhar pela Meteoric ou para a Meteoric, vocês terão prioridade na contratação, comparado com empregados de outras regiões. Mas a gente não tem como fazer com que vocês queiram isso. Então, se vocês quiserem, estaremos aberto e daremos prioridade. Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, Éder. Só interpretar um nome aqui. Espera aí. Então vamos abrir mais um bloco agora, convidando Eliandro Veloso, José D'Ambrósio e Lucemari da Silva.

Eliandro Silvestre Veloso: É Eliandro, viu? Eliandro.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Eliandro, perdão. A turma escreveu os nomes aqui. Não foi nada de computador, então eu estou tendo um pouco de dificuldade. Vocês me perdoem se algum nome sair errado. Não foi intencional. Vamos lá. O senhor tem três minutos para se manifestar.

Eliandro Silvestre Veloso: Boa tarde a todos. Boa tarde, senhor Ailton, prefeito de Caldas e autoridades aqui presentes. Meu nome é Eliandro Silvestre Veloso, sou professor aqui na rede municipal de Caldas e estadual, nascido e crescido e amo essa cidade. Muitos aqui conhecem um pouco da minha pessoa. Cresci aqui nessa cidade ouvindo várias vezes que vinham empresas que iam acrescentar algo em nossa cidade e não vieram e foram para outras cidades e acrescentaram algo nas outras cidades. Vieram também empresas aqui pra Caldas com o mesmo propósito, mas deixaram, infelizmente, algumas lacunas que prometeram. Então a minha pergunta, diretamente voltada para a área que eu trabalho, que é a área de educação, que eu tenho uma preocupação muito grande com as nossas crianças e jovens aqui da cidade. Para vocês terem uma noção, a grande evasão da área escolar hoje da nossa cidade é por causa de serviço. O aluno tem que sair da escola para ajudar os pais a sustentarem uma família. Então isso é muito preocupante para nós. E então a minha pergunta para a empresa seria a seguinte: qual é o propósito concreto na área da educação? O que vocês podem trazer de concreto para as crianças e os jovens da nossa cidade? Por exemplo, há possibilidade de vocês trazerem uma universidade para a nossa cidade? Há oportunidade de vocês trazerem, construírem ou ajudarem

na manutenção das escolas da nossa cidade. Posso dar um exemplo? Podemos trazer uma universidade que possa estar trabalhando nessa área ambiental, como a nossa região é tão rica, né? Nessa área poderia haver essa possibilidade. Então minhas duas questões são essas: pode haver essa possibilidade concreta de vocês trazerem alguma universidade para Caldas e trabalhar concretamente dentro da área da educação no nosso município? Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Senhor José D'Ambrósio.

José D'Ambrósio: Boa tarde a todos vocês. Meu nome é José Alberto D'Ambrósio. Eu tenho muito orgulho de ter nascido nas beiras do Rio Verde, aqui em Pocinhos. Bem ali, abaixo do pé do Morro do Galo. Toda a minha família somos descendentes de italianos. Nós fomos muito bem recebidos e acolhidos pelo povo de Caldas. Com muita luta, persistência e alegria, prosperamos juntos. Por muitas gerações convivemos com muitas outras famílias também italianas, como os Funchais, Morettis, Carvalhos, Farias e tantas outras que eu vejo aqui hoje. O fluxo da vida, assim como outros, me direcionou para mudar de Caldas e ir para Poços de Caldas. E tive a sorte, a graça de trabalhar na Alcoa, empresa de referência mundial. Foram 20 anos, onde aprendi as melhores práticas de governança, de conformidade, de integridade, de respeito e, principalmente, de cuidar de pessoas. Toda essa expertise me trouxe aqui, nesse momento, nesse dia, pois agora falo como diretor do grupo Meteoric de Recursos Humanos. Estas sincronias, depois de 67 anos, me motivaram a assumir não só esse cargo, mas também esta missão que honra toda a minha ancestralidade e todas essas famílias que eu já referenciei e todas aquelas que estão aqui. Essa missão me faz também [me] comprometer com as melhores práticas de atração, de retenção e desenvolvimento de talentos, como todos aqui colocaram como uma demanda muito grande e a gente tem esta consciência. Esse momento de falar sobre natureza e desenvolvimento me lembra uma poesia. "Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá. As aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá". E eu tenho certeza de que a Meteoric – não só certeza, convicção e visão – que gerará desenvolvimento social e econômico, e destacará Caldas no mundo da transição energética. A Meteoric propiciará aos filhos dessa terra que continue tendo palmeiras e sabiás. Mas também tem o incentivo ao empreendedorismo.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Seu tempo se esgotou, senhor José. E para a gente concluir o bloco: Lucemari da Silva...?

Lucemari Dal Ava: Da Lava. Não tem nada a ver. Dal Ava.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Está bom, então vamos lá! Então é Lucemari, né? Está ótimo!

Lucemari Dal Ava: O nome está certo. O Sobrenome, errado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Então identifique-se. Corrige para mim, por gentileza.

Lucemari Dal Ava: Boa tarde! Meu nome é Lucemari Dal Ava. Eu sou natural de Poços, mas a família materna, da minha mãe, saiu de Caldas. A família Generoso. Trabalho como Assistente de RH na Meteoric há mais de um ano. É muito satisfatório levantar cedo e ir trabalhar nesta empresa, fazer parte deste projeto inovador, que está contribuindo com uma boa qualidade de vida para várias famílias, inclusive da cidade de Caldas. Desde o início do projeto na cidade de Caldas, teve uma grande movimentação econômica no comércio, com acomodações em pousadas, locações de imóveis e outros assuntos pertinentes à empresa. Outro ponto importante a citar é que a Meteoric enfatiza a preferência por prestadores e mão de obra local. Temos informações de que as pessoas estão procurando modernizar os serviços prestados para a Meteoric e, consequentemente, podem ofertar os mesmos para a comunidade de Caldas e consumidores que surjam na cidade. Caldas...

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Para o tempo, só um minutinho. Desculpe. Pessoal, vamos fazer silêncio. Vamos manter o clima bom que a gente está. Eu sei que é um tempo muito longo, que a gente tem que ficar aqui, mas naturalmente o próprio rito traz esse tempo muito longo. Vamos manter o silêncio. Quem quiser conversar, se alimentar e ir ao banheiro, dá um pulinho lá fora e depois volta. Senão a gente desrespeita aquele que está utilizando o púlpito. Desrespeita o pessoal da mesa que está aqui acompanhando, o pessoal do empreendimento. Eu vou solicitar para vocês, então, que mantenham o silêncio, a urbanidade que a gente está tendo até esse momento, tá? Por gentileza, devolve o prazo dela e a gente dá sequência. Desculpa te interromper, mas foi para te proteger também, a sua fala.

Lucemari Dal Ava: Muito obrigada. Caldas é uma cidade acolhedora, pacífica e merece o desenvolvimento econômico e social. Sempre tive uma boa receptividade das pessoas de Caldas, as quais procurei, em nome da Meteoric, para informações, parcerias, divulgações e captação de mão de obra. Então eu agradeço a abertura que Caldas deu para nós Meteoric. Muito obrigado a todos.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Eu chamo o empreendimento para se manifestar. Deixa eu fazer só uma ressalva. Agora eu precisei interromper. Eu ia deixar para o final para falar isso. No final eu reforço, mas juiz, criança e plateia a gente não pode elogiar antes, mas eu vou fazer. Eu nunca vi assim... poucas vezes eu vi um povo tão ordeiro quanto o povo de Caldas. Vocês estão de parabéns pela condução, pela maturidade que vocês estão tratando e o respeito que vocês estão nos tratando, tratando o empreendimento, discutindo aqui em alto nível. E que assim permaneça até o final dessa audiência, porque para nós é realmente um desafio estar aqui num sábado. Enfim, eu entendo tudo que envolve

isso, a ansiedade que causa um empreendimento dessa magnitude, tanto para a empresa quanto para os interessados. E vocês estão aqui impolutos. Então eu destaco aqui, como o povo de Caldas e da região que está aqui representado, como vocês são ordeiros e educados. Meus parabéns! E no final eu espero continuar com essa impressão e refazer esse elogio. Eu antecipei. Às vezes o pessoal vai embora. Enfim, para mim está sendo muito gratificante estar aqui nesse momento, dividindo esse espaço com vocês. E ressalto a educação desse povo.

Éder Santo (Meteoric): Agradecer. Obrigado, Frederico. Essa é a mesma impressão que eu tenho, né? Parabenizar vocês por tanta ordem que está se mantendo e o respeito que está se mantendo nas discussões. Responder as perguntas do Eliandro, do D'Ambrosio e da Lucemari. O Eliandro colocou a questão da proposta para a educação. Hoje a gente está envolvido com... a gente apoia um projeto que se chama "Cricket em Caldas", junto com o projeto Arco-Íris. Esse projeto "Cricket em Caldas" atende cerca de 100 crianças no horário que é ou após a escola ou antes da escola. Esse projeto "Cricket em Caldas" se iniciou em... o projeto Cricket Brasil, na verdade, se iniciou em Poços de Caldas. Talvez nem todos conheçam, mas esse projeto é hoje um projeto referência em termos mundiais. Tanto que a seleção brasileira feminina de cricket, ela é toda criada nesse projeto e a gente tem muita, muita honra de poder fazer parte desse projeto aqui em Caldas também. A gente foi até satirizado algumas vezes. 'Ah, por que vocês apoiam um esporte que não é nacional?' Mas o esporte, ele é universal. O esporte pode ser esqui no gelo, pode ser esqui com papelão. Ele é universal. As pessoas precisam de esporte. Eu sou formado no esporte também. Vivi a minha vida inteira, desde criança, na rua, jogando futebol. Adoro jogar futebol. Passei isso para o meu filho. Que ótimo. Por que eu estou citando esse projeto? Esse projeto é um dos projetos que é apoiado pela empresa em termos de educação.

Eliandro, a gente está de portas abertas para se sentar e discutir junto com o poder público como que a empresa pode apoiar projetos na educação. Eu já citei aqui para vocês o projeto FIEMG/SENAI. Esse projeto também prevê a distribuição de bolsas para estudantes. Então a gente já começa com um pontapé inicial para poder trabalhar em parceria com a escola, com a Secretaria de Educação, o desenvolvimento da Educação na cidade.

D'Ambrósio é o diretor da Meteoric, de Desenvolvimento Humano. É uma pessoa que trouxe muito conhecimento para nós. É uma pessoa que tem trazido essa questão da inclusão, da diversidade para ser discutida de maneira muito concreta e implementada dentro da empresa. Então agradeço pelos seus comentários, D'Ambrosio.

E a Lucemari talvez seja a pessoa que mais tenha me apoiado na empresa. Por quê? Porque foi ela que me ajudou nas seleções que a gente fez para a gente montar a nossa equipe. Aproveito até para agradecer o trabalho que a Caroline está fazendo.

Ela é responsável pela organização de todo esse espaço e de todo esse evento. Parabéns, Carol! A Carol é a nossa responsável por relacionamento com comunidades. Tem abertura com várias, com várias comunidades aqui em Caldas e tem o respeito dessas pessoas. Parabéns, Carol! E não vou deixar de elogiar a Mariana. Mariana está aqui na frente também. Ela é a pessoa que tem apoiado demais nas questões ambientais. E ela é uma das que a Lucemari me ajudou para que pudesse ser trazida conosco. Marcelo, você quer acrescentar alguma coisa sobre o projeto do SENAI?

Marcelo Carvalho (Meteoric): Nessas discussões que a gente tem tido com o SENAI, o SENAI normalmente, além de pagar as bolsas e de estabelecer os cursos profissionalizantes, eles também incentivam e pagam bolsas e formam escolas para os filhos dessas pessoas que aqui trabalham ou que estão sendo treinados pelo SENAI. A gente tem hoje uma garantia do SENAI de a cada três bolsas que a empresa pague, o SENAI pague dez. Então, isso tudo está sendo conversado com o SENAI estreitamente, não só no nível profissionalizante, mas também no nível escolar para as crianças, principalmente dos que estão sendo treinados ali.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Ok. Vamos dar abertura aí a mais um bloco. Aí eu chamo Regiane Marques, Carlos Felipe Souza Lopes e Fábio César Zauli.

Regiane de Cássia Marques: Oi, boa tarde. Meu nome é Regiane de Cássia Marques. Sou natural de Poços de Caldas e resido lá atualmente também. Trabalho atualmente como analista financeira na Meteoric há pouco mais de um ano. Já atuei também em outras multinacionais como Alcoa, Danone, e comparando à Meteoric eu observo, como nas anteriores, uma grande preocupação desta empresa com saúde, segurança e meio ambiente. Além disso, eu percebo uma grande valorização de nós, colaboradores, através de seus benefícios concedidos. E, além disso, com o nosso bem-estar. E aqui eu posso citar minha experiência pessoal, porque mesmo não sendo tão jovem, eu tinha cogitado a possibilidade de ir embora da região por falta de oportunidades e salários baixos. E, por fim, mais ligado ao meu lado profissional, eu entendo que teremos vários desafios, mas também inúmeras oportunidades, onde eu posso ressaltar a arrecadação de impostos para o município de Caldas e o quanto isso impactará significativamente em benfeitorias para os cidadãos dessa comunidade e região. Obrigada. Agradeço a atenção.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, Regiane. Antes de chamar o senhor Carlos Felipe, eu só quero deixar registrado que houve uma manifestação que eu pude perceber do público em geral. Eu tenho feito a contagem aqui. Nós estamos no quinto representante vinculado ou preposto do empreendimento. Então, assim que der, assim que chegar no oitavo inscrito, eu não vou chamar mais, eu não vou permitir mais que os representantes do

empreendimento se manifestem, a fim de que eles não superem o número de vagas que o regimento permite. Então já estou deixando claro. Eu vejo na fila que temos mais representantes aí do empreendimento, mas já chegamos ao número de cinco. Senhor Carlos Felipe, a palavra com o senhor. O senhor tem três minutos para se manifestar.

Carlos Felipe Souza Lopes: Bom, boa tarde a todos. Obrigado pela oportunidade. Peço licença aqui para falar em nome do SENAI. Eu sou diretor do SENAI, atuo em toda a região, atuo em Itajubá, Santa Rita, Pouso Alegre, aqui junto a Poços de Caldas. E a gente tem acompanhado. Primeiro, vou ratificar aqui as tratativas que a gente está tendo com a empresa. A gente está vendo a seriedade, a preocupação da empresa com os jovens, principalmente. Então, primeiro, reforçar essa preocupação com o jovem, né? E a segurança do nome SENAI. O SENAI é a maior instituição de capacitação da América Latina. Então a gente tem um compromisso também com a seriedade da capacitação desses jovens. E dar o meu testemunho que a gente acompanha o processo de capacitação dos jovens, principalmente em toda a região. E a gente tem vários exemplos. Posso citar aqui Itamonte, onde a gente há pouco tempo a gente inaugurou um polo do SENAI lá. Isso fixa o jovem na cidade. Isso traz dignidade. A nossa capacitação visa não só transformar a vida profissional do jovem, mas também a vida pessoal do jovem. A gente tem a preocupação com a formação do cidadão, um cidadão crítico, responsável, ético. Então, eu estou aqui para dar meu testemunho de que a educação profissional realmente transforma a vida das pessoas, traz qualidade de vida e traz dignidade. O jovem, podendo ficar na cidade, ter dignidade, ter uma melhor qualidade de vida, poder trabalhar. Isso impacta nos índices de violência, nos índices de droga, de suicídio, de uma forma muito positiva. Então, torço para que toda essa conversa chegue num consenso e que o desenvolvimento realmente venha para a cidade e que seja positivo para todos. Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado. Obrigado, senhor Carlos Felipe. Eu chamo então o Fábio César Zauli. O senhor então é o sexto representante, preposto ou vinculado ao empreendimento, senhor Fábio. O senhor tem três minutos para se manifestar, ok?

Fábio César Zauli: Boa tarde a todos aqui presente. Meu nome é Fábio César Zauli, sou natural de Conceição da Aparecida e resido em Poços de Caldas há 24 anos. Trabalho como almoxarife e vim aqui para demonstrar a minha satisfação em trabalhar na Meteoric, onde estou há cinco meses. Escolhi a Meteoric com muito entusiasmo, porque é uma empresa que se dedica à produção de concentrado de terras raras, que contribui diretamente para a transição energética, para um futuro sustentável. Essa matéria prima é essencial na fabricação de diversos equipamentos que fazem parte do nosso dia a dia, como celulares, notebooks, dispositivos médicos, além de insumos para carros elétricos e motores usados na geração de energia eólica. Despeço por aqui. Muito obrigado.

Anderson Siqueira (URA Sul de Minas): Dando continuidade... representante do empreendedor para fazer uso da palavra por seis minutos.

Éder Santo (Meteoric): Agradecer a Regiane, o Carlos Felipe e o Fábio, que vieram aqui para prestar o seu depoimento. E eu gostaria, se possível, continuar com as respostas que foram feitas pela APA da Pedra Branca. Pode ser?

Anderson Siqueira (URA Sul de Minas): Você tem seis minutos para falar em nome do empreendedor...

Éder Santo (Meteoric): Então eu posso responder, né? Legal.

Anderson Siqueira (URA Sul de Minas): O assunto fica a critério...

Éder Santo (Meteoric): Posso responder?

Anderson Siqueira (URA Sul de Minas): Sim, sem problema.

Éder Santo (Meteoric): Vou responder aquelas que eu anotei. Uma questão que foi levantada aqui, que era o número de cavas ao mesmo tempo, né? Como que isso vai acontecer? Então, a gente tem um tempo muito pequeno, muito curto, para apresentar o projeto todo para vocês, em 15 minutos. O trabalho que é feito, o trabalho que vai ser feito, aliás, é de você fazer o fechamento progressivo das cavas. Ou seja, eu começo a fazer a escavação, retiro o material naquele ponto ou naquela porção aonde o material já foi retirado. Mesmo que eu esteja avançando com a lavra em outro ponto, eu já volto fazendo a recuperação dessa cava. Então essas cavas, se a gente pegar treze anos de empreendimento dividir por oito cavas, a gente vai ter um tempo médio de abertura dessa cava de um ano e meio, aproximadamente. Então esse processo garante que a gente não tenha oito cavas abertas ao mesmo tempo. Pelo contrário. Eu tenho que trabalhar com diferentes teores de terras raras, e cada uma dessas cavas tem um teor diferente, uma quantidade diferente, um enriquecimento diferente de terras raras. E para eu poder alimentar a planta, eu tenho que ter uma quantidade de terras raras homogênea. Então, a abertura de diferentes cavas, né? – e a gente vai abrir duas ou três cavas no máximo contemporaneamente – é justamente para a gente poder fazer essa mistura. A partir do momento que eu misture o material de uma cava que tem um teor elevado com o material de uma cava que tem um teor baixo, eu consigo equilibrar o teor médio dessa cava. Então esse é para esclarecer como que vai ser esse processo de abertura de cavas ao mesmo tempo. Quantidade de caminhões no município. Eu peguei até uma colinha. Na verdade, não vai haver caminhão de terras raras, seja de minério, seja de estéril, ou seja, de produto químico circulando por Caldas. O que está desenhado no projeto é que tanto os insumos quanto o produto saiam via estrada de ligação de Poços a Andradas, seguindo o caminho de Poços e daí indo em direção ao porto de Santos. O que vai ter de caminhão circulando, transportando minério, transportando estéril, é

dentro das áreas fechadas, das áreas internas da empresa. Então não vai competir com o trânsito, que é o trânsito normal das estradas rurais de Caldas. Perguntaram também sobre a questão do tamanho dos caminhões. Os caminhões terão capacidade para transporte de 40 toneladas. Então é o tamanho dos caminhões rodoviários que hoje trafegam nas estradas do Brasil. Já disseram que vai ter bitrem, que vai ter tritrem... não. O projeto prevê o transporte de material com caminhão caçamba, único, com 40 toneladas de capacidade de transporte. Por favor.

Cezar Augusto Fonseca e Cruz (Alger): Cezar, Alger. Sobre essa questão do tráfego de veículos, eu queria só fazer a complementação que, além do fato do transporte ser todo desse minério que sai da mina para a planta, da planta para mina de volta, ele vai ocorrer, além de ser em vias internas, vai haver também medidas de controle ambiental, como aplicação de polímero, como aspersão das vias com água, exatamente como medidas adicionais para poder fazer a mitigação dos impactos ambientais que decorrem justamente desse tráfego de veículos, né? Então, naquilo que usualmente mais pode afligir a comunidade, que é justamente esse tráfego entre Caldas e a área da planta do empreendimento, ali a gente vai ter o transporte de funcionários que vão estar vindo de Caldas até a planta de processamento e vão estar fazendo isso através de ônibus fretados da empresa que vão estar fazendo esse transporte.

E aproveitando dentro desse mesmo contexto, para aproveitar também sobre as preocupações que envolvem as propriedades rurais que vão continuar existindo e praticando suas atividades no entorno do empreendimento. Essas mesmas medidas mitigadoras que eu citei se estendem diversos outros programas e que visam trabalhar todos os aspectos potenciais de impactos ambientais. Então, o estudo detalha o aspecto de potencial impacto, como que seria se nada fosse feito. E para todos esses impactos foram desenhadas medidas mitigadoras, de forma que há o compromisso da empresa e as ações são para que as produções, para que tudo que é feito nas propriedades possa continuar ocorrendo.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Vamos dar início a mais um bloco, então. Eu chamo Leandro Aparecido Honório, João Batista e Daniel Tygel. Pode se dirigir aqui, senhor Leandro Aparecido Honório. O senhor é vinculado? Preposto da empresa? Então nós temos o sétimo. Já temos o sétimo vinculado. Nós só temos mais uma vaga de inscrição pelos prepostos da empresa, pessoal. Fiquem atentos. O senhor tem três minutos para se manifestar, seu Leandro. Fica à vontade. Obrigado.

Leandro Aparecido Honório: Boa tarde. Meu nome é Leandro, sou funcionário da empresa há cinco meses. A Meteoric é uma empresa incrível para se trabalhar. Aqui, além do ambiente acolhedor, colaborativo e de oportunidade de aprender, crescer constantemente. A cada dia sinto que estou desenvolvendo pessoalmente e

profissionalmente, absorvendo os novos conhecimentos, experiências, impulsionando ainda mais. Trabalhar na Meteoric é uma experiência incrível e valoriza o desenvolvimento contínuo.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Senhor João. João Batista? Quem é o próximo que está na listagem aí? De nomes? Pois é, Leandro Aparecido Honório... eu acredito que seja João Batista. E o próximo é Daniel Tygel. Senhor Daniel, o senhor tem três minutos. Fique à vontade.

Daniel Tygel (Presidente da Câmara dos Vereadores de Caldas/MG): Meu nome é Daniel. Sou presidente da Câmara. Prazer estar com vocês. Saudar todos e todas, especialmente os funcionários da mineradora que estão aqui presentes, tomando o uso da palavra. Isso é muito bom e muito positivo para o nosso município. Lembrar que nunca estamos falando mal dos funcionários, então sempre serão bem-vindos e acolhidos no nosso município. Não é disso que se trata. Queria saudar Frederico. Saudar o Germano. Saudar Éder. Saudar o Marcelo aqui presente também. Os prefeitos Margot de Andradas e Ailton, aqui do município. Quero saudar as entidades, lembrar que se não fossem as entidades, gente, não teria essa audiência pública, porque foram elas que convocaram a audiência pública e só em seguida a Meteoric fez a solicitação. A gente está de novo numa encruzilhada das novas energias. Há 40 ou 50 anos atrás, era encruzilhada da nova energia do urânio e agora é a nova energia transição energética. Nós temos que decidir a respeito disso.

Com relação à questão da radioatividade. Laudo da CNEN. É isso que é necessário para nós. Com relação ao caminhão, se é 50 toneladas, estamos falando de 600 a 1200 caminhões por dia, transitando entre cava e unidade de beneficiamento.

A questão que eu quero colocar para a SUPRAM, para o Frederico e para os demais técnicos: o que é central nesse licenciamento é a central de beneficiamento, minha gente, porque depois que abre, ela tem uma capacidade de produção. Se a capacidade de produção for alta do carbonato, e essa mineração é uma mineração extensiva, vamos ter novas e novas e novas cavas para frente. E eu acho um absurdo um licenciamento ambiental não pensar no futuro, não pensar no que vem para frente. Não tem lógica. Isso aqui é a ponta do iceberg que está sendo discutida. E pode ser positivo para o município, mas tem que pensar a largo prazo. Quem é que casa pensando só em 13 anos ou casa para a vida inteira? O casamento é para vida inteira e tem que ser pensado. A questão é a central de beneficiamento. A capacidade de produção dela vai ter que ser usada porque a empresa tem capital aberto e ela precisa satisfazer os acionistas. É o que a gente quer para Caldas? É isso que a gente vai ter que decidir.

E com relação à cadeia produtiva, para poder terminar. Minha gente, minhas amigas e meus amigos de Caldas: se não houver o crescimento da cadeia produtiva aqui na

nossa região, da gente aqui separar o carbonato e aqui criar o ímã, a resposta para esse empreendimento é não, porque senão nós vamos estar exportando carbonato, ficar com os piores empregos e esses empregos vão ficar lá fora. Então a briga, enquanto cidadania, enquanto caldenses é: sem garantia da cadeia produtiva, não! Muito obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, senhor Daniel. Helena Sasserom. É isso? Sasserom... perdão. Até o final da audiência, eu começo a acertar o nome de todo mundo, viu, gente?

Helena Sasserom: Bom, primeiro, obrigada Caldas por receber a população de Andradas. Um pouco representada aqui. Só vale lembrar que a gente está aqui... eu fiz quase um rally na estrada de terra para chegar aqui, porque a gente não vai receber uma audiência em Andradas. Ela foi recusada. Então a gente veio aqui para agregar às vozes de Caldas. Eu queria continuar a fala do Daniel, porque eu acho que tudo que eu escuto aqui é extremamente colonial. Nós vamos explorar as terras, nós vamos explorar as pessoas, porque todo mundo está convidado a ser empregado da Meteoric, e não a colaborar com a Meteoric ou a conversar com a Meteoric. Então, aqui 2500 empregados, emprego, renda, desenvolvimento. Mas esse desenvolvimento também vem a muitas custas, né? Então, a gente está falando de impacto de muitos caminhões que vão passar necessariamente na estrada Poços-Andradas. E a gente não tem uma audiência pública em Andradas. Começa por aí. Quais são os impactos disso na estrada? E o imposto arrecadado, que vai precisar ser destinado para cuidar dos estragos que vocês vão fazer? Vão compensar? Será?

Uma outra coisa que, lendo o EIA... eu meio parei ali. Eu nem consegui ler muito o EIA porque eu fiquei um pouco chocada, que na página 20, logo ele fala que o projeto vai impulsionar diversas indústrias cruciais para o desenvolvimento econômico, como equipamentos de defesa que dependem fortemente dos ímãs de neodímio, catalisadores e outros produtos que incorporam esses elementos, que são os elementos que vão ser explorados a partir do carbonato aí das terras raras. E aí ele fala que, no setor de defesa, as aplicações das terras raras se destacam em caças, sistema de controle de mísseis, defesa antimísseis, comunicações e satélites. Os ímãs neodímios ferro boro desempenham um papel crucial em muitos armamentos militares. Por outro lado, os ímãs samário-cobaltos são ideais para tecnologias militares, como mísseis guiados de precisão, bombas inteligentes e aeronaves. E aí eu me pergunto o que isso tem a ver com a energia verde, né? Outra pergunta: a que custos a gente vai gerar essa energia verde? Porque... e o diesel que vai ser usado nesses caminhões, nesse maquinário de extração? Eu acho que a gente fala do futuro, mas a gente vai ficar aqui com o impacto, de novo, como povo colonizado, inclusive sem futebol e com críquete. Por que, por que não aprender uma coisa nova? E aí eu só queria fechar com uma frase, uma parte de um poema do Carlos Drummond de Andrade, mineiro, que fala: 'Esta manhã'. Ele está falando das montanhas. 'Esta manhã

acordo e não a encontro. Britada em bilhões de lascas, deslizando em correia transportadora, entupindo 150 vagões no trem-monstro de cinco locomotivas – o trem maior do mundo, tomem nota – foge minha serra, vai deixando no meu corpo a paisagem. Mísero pó de ferro. E este não passa'.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Vamos encerrar. Vou chamar o empreendimento para que possa fazer a sua manifestação.

Marcelo Carvalho (Meteoric): Daniel. Cadê o Daniel? Oi, Daniel, tudo bem? Então, eu vou responder a tua pergunta, tá? A gente tem já, assim como você sabe, provavelmente, né? Semana passada, quer dizer, eu vou a Brasília quase toda semana, junto com o resto do pessoal do *management* da empresa, exatamente para mudar políticas públicas para atrair a indústria para o país. O projeto foi incluído na Plataforma Brasil de Investimento, visando exatamente a atração de investimento para construção da indústria de *downstream* das terras raras aqui no país. Na semana passada a gente estava em Brasília com o CEO da Ucore. A Ucore é uma das refinarias de terras raras mundiais. Eles são canadenses, estão construindo uma planta na Louisiana e iam construir mais duas plantas nos Estados Unidos, né? O que nós estamos tentando fazer é que o Ministério da Economia, que o Ministério das Minas e Energia, que o Ministério da Indústria e Comércio e que o BNDES conjuntamente atraiam essas empresas para cá. Então a gente está ajudando o governo federal a criar novas políticas de atração, de investimento para a cadeia de terras raras no Brasil. A gente não está só querendo que isso aconteça. A gente está fazendo política pública junto com o governo federal. E você tem ligação com vários ministros. Claro, né? Você pode checar essa informação lá em Brasília, né? E a semana que vem a gente vai ao Ministério da Economia de novo, Tesouro Nacional e Ministério do Meio Ambiente. Tudo para congregar esses ministérios e o BNDES, para construir essa cadeia aqui no país. Então te garanto que esse é o nosso desejo. E você vai ver notícias aparecendo sobre isso no curto espaço de tempo, sobre mudança de políticas públicas para atrair investimento nessa cadeia.

A outra coisa. Respondendo à questão da aplicação militar. Sim, tem aplicação militar, mas a aplicação principal... aplicação militar é uma aplicação das terras raras, moça. É uma... mas... [Fala inaudível de pessoa no auditório]. É óbvio. Óbvio que é. [Fala inaudível de pessoa no auditório]. Não, não é a maior. Não, não é a maior. Não, não é a maior. Se o senhor ler, o senhor vai ver que não é a maior. A maior é... cada turbina eólica para geração de energia eólica leva duas toneladas de imã de neodímio. O Brasil está licenciando o maior parque eólico *offshore* do mundo no Nordeste brasileiro. O parque *offshore* vai levar mais ainda neodímio, porque não há como fazer manutenção desses geradores de energia eólica. Cada carro elétrico leva dois quilos de ímã de neodímio. O carro elétrico é carregado aqui em Minas Gerais, na tomada, com energia 100% limpa. Aqui em Minas Gerais, a Matriz Energética de Minas Gerais, a

matriz energética de Minas Gerais é 100% limpa. É só você checar. É 100% limpa. [Fala inaudível de pessoa no auditório]. Isso. Exatamente.

Outra coisa, Daniel. Viu, Daniel? Outra coisa é o seguinte: a gente assinou... não só nós, como a Viridis, a Stellantis, a WEG e outras empresas... assinamos um *MoU* [Memorando de Entendimento] com o SENAI e com a FIEMG, para a construção da cadeia industrial das terras raras, da mina até o ímã. Esse projeto está sendo apresentado ao BNDES. Foi no dia 31 de outubro. É um projeto que visa levantar 60 milhões de reais, com contrapartida das empresas, para construir a cadeia toda de desenvolvimento de terras raras em Minas Gerais. Coordenado pelo SENAI. Já está assinado e já é público. [Fala inaudível de pessoa no auditório]. Eu posso continuar respondendo?

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Eu acho que, assim, a gente vai perder o escopo da reunião, se o debate ficar nesse sentido. Fique à vontade para responder...

Marcelo Carvalho (Meteoric): Eu me comprometo a responder todas as questões de vocês. Depois daqui a gente se compromete, tá? Fico aqui até a hora que for preciso. Ou que vocês podem nos encaminhar nos canais de comunicação que a gente tem.

Pessoa não identificada no auditório: [Inaudível] Só eles que podem responder?

Cezar Augusto Fonseca e Cruz (Alger): Presidente do empreendimento...

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Segura um pouquinho, Cezar. Segura o tempo aqui. De fato, não existe a tréplica pelo regimento, senhor. O que que acontece? Existe a inscrição. Vocês falam no bloco, aqueles que se inscreveram. O empreendimento vem fazer a resposta. O que eu não posso abrir aqui é um debate que não tem uma moderação. Senão a gente não sai da discussão.

Pessoa não identificada no auditório: [Inaudível]

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Vamos lá, pessoal. Pode dar sequência, Cezar.

Cezar Augusto Fonseca e Cruz (Alger): Só complementando aqui sobre a questão. Foi trazida a questão sobre o impacto da estrada Poços-Andradas. A gente está falando aqui de sete caminhões que vão estar circulando com insumos e saída de carbonato de terras raras que vão estar circulando por esse tráfico. É uma rodovia federal, pavimentada, dotada de infraestrutura de segurança e sinalização rodoviária, né? Então, o empreendimento fez, sim, essa avaliação e a quantidade de veículos que vão circular por essa estrada está perfeitamente adaptada à capacidade dessa rodovia de sustentar esse tráfego previsto.

Éder Santo (Meteoric): Só para esclarecer: são sete caminhões por dia, que entram e saem da fábrica. Sim, porque a circulação de materiais de estéril e de minério são em estradas internas. E ainda agradecer ao Leandro, ao Daniel e à Helena os questionamentos.

A questão do laudo do CNEN, Daniel. O documento está em posse do CNEN. Daí a gente não tem como acelerar o processo. Novas cavas pela frente ou o licenciamento de 70 processos minerários ao mesmo tempo: não é possível. A gente nem sabe se existem terras raras nos outros processos minerários ou nas outras áreas que estão em Andradas ou em Poços.

A questão das emissões atmosféricas: o empreendimento vai trabalhar com energia 100% renovável. Vou só corrigir uma fala do Marcelo. Energia renovável em Minas Gerais é 84%. Elétrica. Energia elétrica do empreendimento: 100%. A empresa vai adquirir energia 100% renovável elétrica e nós estamos estudando a possibilidade de utilizar caminhões elétricos também na operação.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Beleza, obrigado. Vamos dar início então ao próximo bloco. E aí eu convido Miriam Oliveira, Antônio Claret e Régis Vilela para poderem fazer o uso da palavra.

Mirna Oliveira: Licença. Bom dia a todas e todos. Só corrigindo meu nome é Mirna.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Perdão.

Mirna Oliveira: Imagina. Não tem problema.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): É só mais um. Eu errei aqui. Me desculpe.

Mirna Oliveira: Não tem problema nenhum. A empresa fala muito desse compromisso com a transparência e com respeito. Eu valorizo muito esse compromisso. E digo que se eu estivesse um pouco mais distraída eu acreditaria nesse compromisso. Mas porque de fato existem discursos muito bem construídos e existe um preparo da empresa para estar aqui. Mas eu tenho um questionamento que é o seguinte: desde que esse diálogo com a comunidade começou até agora, o discurso de vocês mudou algumas vezes, né? Então, antes se dizia que eram duas cavas concomitantes. Agora se diz que são três. Antes se dizia que 80% da água iria ser reaproveitada. Agora se diz que são 70%. 30% do volume que vai ser utilizado já é muita coisa, não é gente? Assim, antes se dizia que a terra voltava fertilizada com sulfato de amônia e viram que esse discurso não colou. Então, aí não se diz mais isso.

Então agora se diz que essa terra vai ser lavada três vezes e depois compactada. A questão é: que estudos garantem que de fato esse sulfato de amônio vai ser todo extraído. Eu não vi isso no EIA/RIMA e eu não acho que... esse é um discurso novo que

surgiu porque antes se dizia que não, vai voltar a fertilizada. Então, assim... a minha confiança está abalada e eu venho aqui para falar como moradora de Pocinhos do Rio Verde, como mãe, como alguém que veio para Caldas preocupada com a qualidade de água que a minha filha bebe, com a qualidade do ar que a minha filha respira. Minha filha tem problemas respiratórios por questões genéticas, enfim, e está com três anos, já teve pneumonia três vezes e assim, de fato, eu não estou conseguindo ter plena confiança de que esse cuidado todo que vocês estão dizendo que vocês estão tendo é real. Porque esse discurso está se transformando, está mudando à medida que essa conversa vai acontecendo.

E, claro, existe uma mudança que tem a ver com um diálogo com a comunidade, com as coisas que vão sendo apontadas. Existe. Mas existe uma outra coisa que é ir esticando esses limites, né? Então, 'ah, não são só duas cavas'; não, agora são três. 'Ah, não, vamos... 80% que vai reaproveitar da água'; não, agora são 70. Então assim, gente, desculpa. É difícil olhar para isso como transparência, né?

Obrigado, cara amiga.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, senhora Mirna. Eu convido o senhor Antônio Claret para poder fazer uso da palavra.

Antônio Claret: Bem. Boa tarde a todos. Antônio Claret. Sou um cidadão caldense e como a nossa última apresentadora falou, a falta de confiança e tranquilidade de que esse projeto realmente vai trazer todos esses benefícios vai continuar sendo, mesmo com essa audiência, uma grande dúvida. Os impactos ambientais que ela provavelmente vai provocar, sem dúvida nenhuma vão afetar muitas outras atividades econômicas da região. Eu assisto há 40 anos morando em Caldas o que aconteceu com o Bom Retiro. O Bom Retiro é uma terra maravilhosa. É uma Faixa de Gaza, onde por baixo pode ter até petróleo e que, infelizmente, hoje nós temos essa busca de minérios e que vão inviabilizar outras atividades agrícolas como houve no passado. A viticultura teve um grande auge graças à imigração italiana que aconteceu naquele bairro. Depois da viticultura, nós tivemos a mandioquinha, que foi um momento primeiro da expansão da mandioquinha no estado de Minas Gerais, que depois foi transferida para outros locais. Por último, a gente está vendo o crescimento da viticultura em outros bairros. A comunidade de Andradas, as viticulturas de Andradas dependem da produção de uvas do Bom Retiro. Quando eu falo Bom Retiro, estou falando de Bom Retiro, estou falando de Lagoa, estou falando de Bocaina. E eu pratico uma atividade de venda de artesanato local de palha e que durante esses últimos 20 anos eu tive no Bom Retiro as melhores artesãs que eu já conheci em Caldas. E com elas eu produzi objetos de artesanato que chegaram até Paris numa exposição em 2008, pela beleza e pela qualidade que tinha. Esse artesanato de palha no Bom Retiro, para quem não sabe, alimentou muitas famílias, estudou filhos de muitas famílias. E a decadência começa quando entra a mineração de granito. A

mineração de granito causou um impacto absurdo no Bom Retiro, quando ela então começa o transporte de minério, no caso do granito, que começa a afetar minas de água, começa a afetar as próprias residências, de caminhões que passavam pesados na porta. Então, essa questão levantada da água pelo Tadeu.

A questão levantada do transporte e essa questão da falta de confiança que infelizmente a gente ainda não consegue ter com as explanações que foram colocadas. É uma preocupação que permanece e que eu acho que é um desafio para vocês colocarem isso mais claro.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, senhor Antônio. Chamo então Régis Vilela para fazer o uso da palavra.

Régis Vilela: Bom dia a todos. Nascido em Poços, criado em Andradas com família em Caldas. Vou começar pelas perguntas para não perder o tempo. Se Andradas está diretamente envolvida... por que seus agentes públicos simplesmente não foram nem convidados para estar aqui? Não é uma falta de respeito com as regiões que estão realmente envolvidas. Qual será? Quando será a audiência pública em Andradas que nós queremos uma audiência pública lá? Gente para ter a mesma, a mesma discussão lá. Estamos envolvidos. E se os caminhões não vão passar por estradas, vão sair por aviões? Qual estrada será usada? Porque alguma estrada será utilizada? Correto?

Então, aqui, só para ilustrar a gente, as ações prioritárias para conservação da biodiversidade da Mata Atlântica. Foi um estudo feito pela Convenção Internacional do Brasil, Fundação SOS Mata Atlântica e diversos outros institutos, com 198 cientistas envolvidos no seu desenvolvimento.

Dentre os 3429 municípios que está a Mata Atlântica, apenas 182 foram citados neste estudo. E a nossa região foi citada. Lembrando que apenas um hectare, 458 espécies podem ser encontradas na Mata Atlântica em apenas uma das 182 regiões que foram classificadas como baixa, média, alta e muita, muito alta. É extrema importância biológica. A nossa região é de extrema importância biológica e a mais restritiva para a questão de mineração.

Então a nossa biodiversidade também é rara e insubstituível. Baixo impacto significa o menor impacto possível, mas o impacto é gigante. Gente, o impacto é enorme e nós estamos aqui na nossa região há décadas, trabalhando para o desenvolvimento do turismo e do turismo sustentável.

E tudo isso, todos esses desempregos já gerados e os que estão por vir serão impactados diretamente com essa questão da mineração. Então nós estamos aí jogando, colocando, matando realmente a galinha dos ovos de ouro dessa discussão que vem sendo feita há muitos, muitas décadas aqui na nossa região e caso nós

queiramos brecar a mineração. Gente, eu penso que não há outra possibilidade se não criarmos unidades de conservação. E a minha sugestão para os envolvidos aqui com questões de ONGs e associações é uma proposta de desenvolvimento de uma ideia para a criação de um Parque Nacional do Vulcanismo, atingindo Serra de São Domingos em Poços, a Pedra Branca, a Pico do Gavião e Andrade, Serra do Caracol. Também a Serra da Paulista, em São João da Boa Vista e Águas da Prata. Somente desta forma nós conseguiremos barrar, porque, caso contrário, não seremos nem notados. Simplesmente rolo compressor. Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Então eu convido o empreendimento através do seu representante para poder fazer as considerações acerca deste bloco.

Éder Santo (Meteoric): Ok. Obrigado, Mirna. Obrigado, Antônio e obrigado, Régis por suas considerações e perguntas. Começar respondendo às perguntas da Mirna.

Mirna! A gente começou a desenvolver o projeto Caldeira. Eu não estou localizando a Mirna. A desculpa Mirna foi em meados do ano passado. Então, a gente começou a conversar com as comunidades. Foi a partir de setembro do ano passado. O projeto foi protocolado em maio desse ano. Então, desde quando a gente começou a desenvolver o projeto, ele vem sendo construído, né? Então, algumas alterações que você diz, por exemplo, o que eu falei foram duas a três capas, né? Você falou da recirculação de água que era 80, passou para 75. Então, conforme os estudos vão sendo avançados e isso a gente apresentou para vocês que o estudo, o projeto de engenharia também avança vão sendo feitos ajustes nesses estudos. Então é por isso que pode causar essa, essa confusão.

A questão da extração do sulfato de amônia. Então é como eu havia comentado durante a apresentação, já não me lembro se é durante a apresentação ou durante a resposta de alguma pergunta, mas essa lavagem é justamente para poder separar esse sulfato de amônia da argila, né? Então, o que que a gente vai fazer? A gente vai analisar esse material, essa argila, antes de poder recolocar nas cavas. É isso que garante que o teor de sulfato de amônia vai ser baixo.

A legislação, ela define o seguinte não altera nem qualidade do meio ambiente nem a saúde das pessoas 250 miligramas de sulfato na água. Isso é o que define a legislação. A gente vai atender essa legislação especificamente. Ok.

Cezar Augusto Fonseca e Cruz (Alger): queria trazer alguns apontamentos quanto à fala do senhor Régis, né? De fato, a gente está numa região cuja prioridade para a conservação, assim definida pelos próprios regulamentos estaduais. É extrema, tá? Isso está lá. E é exatamente por isso que o órgão ambiental ele fez os estudos de critérios vocacionais que são legalmente exigidos. É importante destacar aqui também que quando a gente fala da área do empreendimento, a gente está falando

de uma área que hoje ela é 87% ocupada por atividades humanas. Estamos falando de silvicultura. Estamos falando de estradas. Estamos falando de pequenos açudes. Estamos falando de atividades agrícolas que já hoje são exercidas lá. Então, só 13% disso é a área de fato que foi conservada ao longo do tempo. E nessas áreas que estão conservadas é que vão ser servidas.

Eu quero destacar aqui que vão ser praticadas compensações ambientais e recuperações ambientais dessas áreas também. Em paralelo a isso, exatamente em função desses critérios vocacionais e dessa relevância ambiental, existe todo o programa de resgate de flora. O programa de resgate de fauna. Os trabalhos de monitoramento. Então a empresa. Ela procurou cuidar de todos esses aspectos e apresentar todos esses aspectos para avaliação do órgão ambiental que, dentro da sua análise, pode exigir aquilo que ele entender que seja necessário fazer algum tipo de complementação. Mas naquilo que cabe ao empreendedor, o empreendedor considerou todos esses aspectos, fez inclusive, ajustes nas suas áreas operacionais, de forma a resguardar o máximo possível dos recursos naturais locais, né? Então, existe esse cuidado do empreendimento, de promover sim as suas operações, mas de uma forma sustentável e em harmonia e dentro daquilo que envolve a comunidade de Caldas e aquilo que a comunidade de Caldas também entende como seus diversos modos de vida.

Antônio Malard (Alger): Bom, só complementando também em relação às perguntas realizadas primeiro para o Régis sobre mais uma vez para deixar claro para todo mundo em relação ao transporte de material. Tem dois, dois transportes que vão ser realizados. Um ele é interno em relação ao empreendimento, porque é o que sai da cave, vai para a planta de beneficiamento e o que sai da planta de beneficiamento e vai para a cava. Esse que tem um número grande de veículos, mas são estradas internas ao empreendimento. O que sai do empreendimento é o material concentrado de terras raras, que é um volume muito baixo. É um volume de sete caminhões por dia. O que vai trafegar na rodovia federal? Então, a gente não pode confundir o que é fora do empreendimento, que é interno ao empreendimento. E sobre a participação do pessoal de Andradas, não só de Andradas, mas também como de Poços de Caldas, foi disponibilizado veículos e divulgado nas comunidades mais próximas, principalmente do empreendimento para vir até aqui. Então houve esse convite. Houve o convite também de todas as autoridades, de todos os agentes públicos, para que pudessem participar. Então, foi dada ampla divulgação para que todos pudessem contribuir com esse momento tão importante no dia de hoje.

Audiência (Inaudível): Eu não vou. Desistir? Quando será o dia?

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Vamos. Vamos dar. Vamos. Vamos dar início então ao nono bloco da nossa série aqui. E eu convido o

senhor Marcos Raimundo, Jayne Mariana Barbosa e Lucas Faria Reis. Senhor Marcos, isso.

Marcos Bruno Raimundo: Eu sou o Marcos Bruno Raimundo. Sou morador do Bom Retiro há 47 anos.

E, deixa eu falar eu vou ser vizinho de vocês lá. E vocês? Até o momento não é o tipo de vizinho que eu quero. Até que me prove o contrário, certo? E quando fala se de progresso, eu quero que alguém fale para mim, mostre para mim algum município que foi para a frente, que tem o progresso com mineradora, porque eu não conheço, entendeu?

Mas eu não sou contra o progresso. A gente quer o progresso, mas a gente quer o progresso de uma forma que não tira a nossa tranquilidade da nossa cidade. Você tá entendendo? Eu acredito que a nossa cidade vai. Vai mexer com a rotina da nossa cidade, vai mexer com o as coisas que a gente gosta. Eu não quero saber do chiclete, eu não quero saber disso. Eu quero saber. Eu quero saber: cadê a indústria de ímã? Cadê a fábrica de ímã que vocês estão falando que o produto vai tirar daqui e vai embora in natura? Ok. Mas por que levar lá para o Ocidente? Vamos fazer as fábricas aqui, ué. Vamos fazer o ímã aqui? Aí. Isso é progresso. Agora vir cavar, tirar o produto in natura e levar lá para o Ocidente?

E eu acho que isso daí não é o progresso para nós. Eu acho que no presente momento eu acho que a gente não precisa de vocês aqui, eu acho. Eu tenho certeza de que vocês vão vir. Vocês vão ser meus vizinhos lá. Mas eu acho que o que vocês estão apresentando para a gente aqui, eu acho que vocês estão fazendo mais ou menos o que os portugueses fizeram lá no começo. Você tá entendendo? É que eu escutava os índios e todo mundo pelado aí picando no outro, picando as pedras preciosas aí. Aí o português veio e deu o pente, deu, deu espelho. E o que acontece? Levou as riquezas embora. Então eu acho que tudo que vai ficar nesse município no final de tudo, no final. A hora que acabar tudo aqui, eu acho que tudo que vocês vão deixar aqui para a gente, até onde eu entendo ou vocês falem que eu estou errado, eu acho que a gente vai ficar só com o pente e o espelho. E a minha fala é essa aí. Muito obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, senhor Marcos. Eu chamo a senhorita Jayne Mariane Barbosa. Você é preposta? Representante do vinculado, tá? Então é o oitavo inscrito com essa natureza e com essa situação, razão pela qual a empresa já esgotou o número seu de representações nesse púlpito. E você tem três minutos para se manifestar, senhorita.

Jayne Mariane: Boa tarde. Muitos aqui já me conhecem, né? Meu nome é Jayne Mariane. Eu estou há nove meses na empresa Meteoric como auxiliar de sondagem.

Eu sou daqui de Caldas. Fui criada na zona rural de Caldas, no bairro da Lagoa. Meus pais são agricultores da área. Eu conheço muito bem a dificuldade que a galera tem lá. Então, eu gostaria de falar um pouquinho da minha trajetória na empresa. Eu fui a primeira mulher na sondagem imagem aqui da Meteoric e a segunda brasileira a entrar como auxiliar de sondagem numa empresa. E eu era leiga, não sabia nada, não entendia nada. Fui contratada e treinada pela empresa para ter experiência e efetuar a tarefa que eu era destinada ali. E eu vi de perto a preocupação da empresa em treinar os colaboradores. E enfatizar isso é fazer essa inclusão de que a gente, mulher, tem sim um lugar em qualquer lugar que ela quiser. E hoje eu me sinto satisfeita em fazer parte da Meteoric, que é enfatizando que eu amo Caldas. Eu amo Caldas. Gente, Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, senhora Jayne. O senhor Lucas Faria Reis.

Lucas Farias Reis: Olá pessoal! Boa tarde. Na pessoa do Prefeito Municipal, sou Ailton Pereira Goulart. Cumprimento a todas as autoridades aqui presentes, na pessoa do mediador da Audiência Pública, o Senhor Frederico. Cumprimento a todos os presentes na mesa, em especial os representantes da sociedade civil organizada. Bom, inicialmente eu gostaria de dizer que a chegada de uma empresa do porte da Meteoric aqui na cidade de Caldas, sempre foi muito aguardada pela comunidade caldense. Desde que me lembro por gente. Sempre foi falado da necessidade da instalação de uma empresa que gerasse emprego e fonte de renda para nossa população, em especial para nossa juventude. Há um triste histórico de migração dos nossos jovens, que inclusive eu fiz parte para outras cidades por aqui não haver postos de trabalho suficientes. Portanto, a chegada da empresa é vista com uma certa ansiedade por todos. Todavia, a instalação de uma empresa desse porte também traz uma série de preocupações.

Como aqui foi exposto, a expectativa de criação de mais de 500 postos de trabalhos diretos, mais 2500 postos de trabalhos indiretos. Guardo comigo um certo receio de que nossa cidade não consiga preencher todos esses postos, pois, como é do conhecimento de todos aqui, trata se de uma cidade pequena. Ao não preencher, portanto, todos esses postos de trabalho, cerca de 3000, somados os diretos e indiretos, consequentemente novas pessoas, novas famílias serão acolhidas por nossa cidade e serão muito bem-vindos, por sinal.

Minha preocupação, portanto, reside no seguinte fato teremos vagas em escolas e creches suficientes para atender essa crescente demanda. Além do mais, teremos vagas em nossa Santa Casa para tantas pessoas? Creio que a questão da oferta de serviços essenciais à população seja pertinente pensarmos desde já, pois a sua ampliação com qualidade requer planejamento e investimentos robustos.

Minha pergunta, em suma, seria então a Meteoric possui alguma política interna de apoio ao município na ampliação dos serviços essenciais à nossa população, bem como aos trabalhadores e suas famílias, que serão acolhidos por nós? Se não possui, há intenção de cria-las? Em segundo lugar, a Meteoric tem a intenção de apoiar financeiramente as nossas entidades filantrópicas, a exemplo da Santa Casa de Misericórdia e a Vila Vicentina, a fim de que possam ampliar e melhorar a qualidade dos atendimentos? No mesmo sentido, observamos uma crescente necessidade de apoio a cultura de Caldas. Recentemente, inclusive, foi criada e aprovada uma lei que institui o Sistema Municipal de Cultura, permitindo o incentivo à cultura na cidade por pessoas jurídicas de direito privado. A Meteoric, que tem política de financiamento de atividades culturais a fim de cumprir com seu papel social?

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Seu prazo se esgotou. Seu Lucas. Agradeça.

Lucas Farias Reis: Agradeça e atenção.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado. Bom, concluímos então o nono bloco. E aí eu convido o representante do empreendimento para que faça as considerações.

Éder Santo (Meteoric): Pessoal, alguém esqueceu uma caneta aqui? Não sei de quem quer. Bom, vai ficar aqui depois. Se notarem falta. Ela está aqui na mesa.

Agradecer a Marcos. Agradecer Jayne e agradecer ao Lucas pelas suas colocações. O Marcos, a gente tem dados aqui, tá? Marcos, deixa eu localizar o Marcos. Onde ele está? Opa, Marcos! Opa, Marcos, tudo bom? O eu trouxe dados aqui para você que você perguntou sobre a questão de quando a mineração chega em algum lugar, se ela traz benefício ou progresso. Dados de do Índice de Desenvolvimento Humano das Cidades de Nova Lima de 2000 era 0,6921010 passou para 0,82 de Conceição do Mato Dentro 2000 era 0,43. Para ter uma ideia, hoje aqui em Caldas é 0,68, em 2010. Conceição do Mato Dentro passou a 0,64 muito parecido com o de Caldas Ouro Preto era 0,65. Em 2000 passou pra 0,75, em 2010.

[Pergunta inaudível na audiência]

Éder Santo (Meteoric): Eu não tenho essa informação. Posso trazer para você? Posso trazer para você. Com relação ao Marcos, com relação à indústria de ímãs, o Marcelo já respondeu, né? Há o trabalho da Meteoro, que é justamente para trazer isso daí aqui para nós.

[Pergunta inaudível na audiência]

Éder Santo (Meteoric): Mas não é assim, simples.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Pessoal, só pra gente poder organizar os trabalhos aqui. A previsão do Regimento Interno, ela não prevê esse embate direto. A gente tem o regramento justamente para que haja as perguntas e depois a manifestação. Então, eu solicito a representante do empreendimento que faça de maneira corrida a sua, a sua consideração. Assim como aqueles que utilizaram o púlpito também fizeram de maneira corrida. Se a gente entrar nessa do embate direto e essas discussões diretas, nós vamos acabar desvirtuando aquilo que o regimento coloca. É necessariamente bom ou ruim? Nós temos um regimento a seguir.

Éder Santo (Meteoric): Perfeito. Bom. Da minha parte, tá bem entendido. Frederico.

Agradecer a Jayne, né? Por ter, por ter feito a sua intervenção aqui. E realmente a Jayne foi a primeira pessoa que começou a trabalhar na sonda. Hoje já temos uma outra pessoa que também é de Caldas. Uma outra mulher, desculpa, trabalhando na sonda.

Com relação às perguntas do Lucas. A gente ainda não tem política interna para apoio, seja para apoio financeiro, ou melhor, para apoio financeiro às atividades. É óbvio que a gente está falando de um empreendimento que hoje ele está investindo na pesquisa, principalmente no desenvolvimento dos projetos de engenharia e no licenciamento, ambiental. A partir do momento que esse empreendimento estiver estabelecido, é óbvio que a empresa vai trabalhar junto com o poder público, junto com os diferentes segmentos da sociedade, junto com organizações governamentais, pra gente buscar desenvolver projetos juntos. E isso aí acontece em outras cidades. Basta que tenhamos diálogos e chegamos a um consenso, né? Então a gente não faz promessa desse tipo. Lucas, a gente assim, trabalha conscientemente, seguindo o passo a passo do projeto e assim que for possível e lógico, a gente vai sentar-se e conversar para desenvolver esses projetos de apoio às entidades locais.

Cezar Augusto Fonseca e Cruz (Alger): Aproveitando também o tempo que a gente tem aqui. Eu queria fazer uma complementação sobre as questões que foram citadas aqui também sobre o patrimônio e foram questões citadas. Questões como artesanato de palha de milho, né? Foi citado também um muro de pedra, né, que foi citado como como patrimônio arqueológico. A empresa não deixou de fazer essas avaliações, inclusive ela manteve pleno contato com a Secretaria de Cultura a todo tempo. Também foi elaborado o estudo de impacto quanto ao patrimônio cultural. Foi em função dessas avaliações que foram feitas e em função daquilo que foi localizado, identificado muito também com o apoio das informações que chegaram através da comunidade caldense e, também, da secretaria, que a gente conseguiu avaliar que não existe nenhum patrimônio cultural e nem esse muro também que foi relatado dentro da área de influência direta do empreendimento ou mesmo dentro da área

diretamente afetada. A gente está falando de bens que não vão ser afetados pelo empreendimento, pela sua implantação ou pela sua operação.

E esses estudos que envolvem o patrimônio cultural e mesmo arqueológico. Eles são conduzidos e vão ser avaliados pelos órgãos competentes, no caso o IPHAN, e também pelo próprio IPHAN. Então, não há impacto sobre esses bens culturais.

E é importante destacar também. Quando a gente fala do turismo, né? Dentro desse contexto, a gente lida com uma série de correlações, de sinergias que podem ocorrer dentro do desenvolvimento do município. Então, sim, a arrecadação feita e trazida pelo empreendimento, ela pode ser utilizada e o empreendimento. Ele pode apoiar o município também nesse sentido, para que esse recurso possa ser aplicado como instrumento de fomento para as atividades turísticas, né? Sendo importante destacar, inclusive, que o empreendimento não vai operar dentro da APA da Pedra Branca e que é um importante Atrativo turístico do município de Caldas. Então é possível sim fazer mineração. E é possível sim, desenvolver o turismo, assim como as demais atividades agrícolas e comerciais do empreendimento. E é possível fazer isso de uma forma sinérgica, onde todos os atores envolvidos possam interagir e devem interagir para que isso ocorra. A empresa está aberta a trabalhar dessa forma.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado. Concluímos mais um bloco de perguntas e considerações. Passamos então ao décimo bloco dessa nossa etapa. E eu vou chamar três inscritos para poderem se manifestar. A primeira delas Bianca Martinelli, Kelson Serafim e Roberto Kosuki.

Senhora Bianca Martinelli, a senhora tem três minutos para poder se manifestar. Fique à vontade.

Bianca Martinelli: Boa tarde a todos. Meu nome é Bianca Martinelli, eu sou presidente do Conselho do Patrimônio Cultural de Andradas e trouxe aqui na audiência uma solicitação de informações sobre o empreendimento. E vou ler o ofício.

"O Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Andradas, entidade que, dentro de suas atribuições e competências, visa representar e defender os anseios da população grandense quanto aos bens culturais do município, bem como salvaguardar e garantir a permanência desses bens. Vem através desse ofício solicitar que..."

Eu vou pular a parte dos formalismos para a gente chegar nas questões, certo? "Através do Decreto Municipal 2550, de 11 de abril de 2022, é que há o tombamento do bem cultural Complexo de Sítios Arqueológicos, Lagoa Dourada. Em especial consideração as solicitações dos cidadãos Andrada. Venho solicitar que essa instituição informe com a devida atenção se as áreas de Lavras, edificações e demais obras, vias de escoamento de minério e vias de acesso e trânsito de caminhões

pretendidos para o empreendimento em suas diversas fases, estão localizados nos perímetros de tombamento e ou de entorno do bem cultural complexo de sítios arqueológicos Lagoa dourada e/ou se o empreendimento lhe causará impactos. O COMPCA esclarece que os sítios arqueológicos desse complexo representam atividades dos primórdios da ocupação territorial do município e, portanto, de elevada importância para a história local. Esclarece também que o dossiê de tombamento do bem, que inclui a sua caracterização, as delimitações dos perímetros de tombamento e de entorno tombamento e as diretrizes protetivas podem ser podem ser visualizados através do dossiê."

Eu trouxe o dossiê e se os senhores me permitirem, eu gostaria de entregar em mão o ofício e o dossiê.

E o senhor adiantou, respondendo à questão, vem o nome do COMPCA pedir para que elas sejam respondidas de forma formal e todas essas questões. Eu tenho uma cópia. Eu deixo com o senhor também. Naquele momento eu estava falando.

O questionamento que eu fiz foi o seguinte aqui está sendo usado uma gramática de desenvolvimento sustentável, transição energética, energia verde. O que eu questionei ali naquele momento foi o seguinte: existe dentro do plano estratégico da Meteoric, algo voltado para o investimento em carros elétricos para o povo de Caldas. Alguma coisa nesse sentido, existe? Ou Caldas vai ficar só com as minas? Antes que acabe meu tempo. Antes que acabe o meu tempo. No documento Projeto Caldeira Volume ', página 18 do Mapa, a área diretamente afetada ultrapassa...

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): O seu tempo esgotou. Agradeço a participação. O Senhor Kelson Serafim. Por gentileza.

A senhora pode protocolar a via? Sim.

[Resposta inaudível na audiência]

Pode. Mas eu acho que o caminho é esse. Tá joia?

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Senhor Kelson? O senhor tem três minutos a partir de agora para fazer a sua fala.

Kelson Serafim: Obrigado. Boa tarde a todas e todos. É, e eu comecei. Queria começar falando que pela primeira vez na história, as abelhas entraram para a lista de espécies ameaçadas de extinção. Vocês vão tirar a vegetação e, portanto, retirar o habitat natural delas. É isso mesmo. Se não tiver abelhas, não tem alimento, não tem abobrinha, não tem parreira.

Começamos essa audiência com o Hino Nacional e eu me lembrei de presidente que defendeu a soberania nacional. Getúlio Vargas criou o Código de Minas, proibiu o

capital estrangeiro de explorar nossas riquezas. Quando o capital internacional voltou a operar no Brasil, tentou aprovar a Lei de Lucros Extraordinários, que foi barrada no Congresso por interesses ligados ao capital internacional. Engraçado de tão trágico. Primeiro se falou... Primeiro, se foi o pau brasil, a cana, depois o ouro, o café e hoje o minério de ferro, a soja, a carne e agora o carbonato de terras raras. Não somos. Não somos mais colônias. Não queremos continuar exportando commodities. Queremos. Queremos beneficiar aqui. Queremos fazer ímã aqui. Precisamos de pessoas que defendam nossa soberania. Precisamos de pessoas que valorizem a nossa cultura, os nossos potenciais. Caldas possui, naturalmente, um potencial turístico invejável. A mineração de terras raras não vai atrapalhar nisso.

A Meteoric é australiana. Austrália é o quarto país que mais tem terras no mundo. Ficamos logo depois do Brasil. A Austrália fica logo depois do Brasil, que teoricamente é o terceiro. Então por que que a Meteoric não explora as suas próprias terras raras na Austrália? É impressão minha? É impressão minha ou vocês estão querendo usar Caldas como teste? Vocês... Vocês acabaram de dizer que que estão começando no ramo. Então quem é que garante vocês que vocês têm toda a dimensão de todos os impactos que vão causar? Quem garante que tudo isso não vai sair do controle? Compensações financeiras não vão devolver a vida. Como professor, me preocupo com o futuro dos jovens caldenses. Quero ver um centro de pesquisas tecnológico. Quero ver a formação técnica superior. Quero que os meus alunos. Quero vê-los engenheiros, químicos, geólogos, dentre outros. Quero ver mão de obra qualificada caldense. Quero que essa cidade seja valorizada. Então, que tipo de empregos que a empresa desses 520, 520. Que a Meteoric que ela está oferecendo? Que tipo de emprego é esse? E que energia verde é essa que vocês vão usar? Grande quantidade de combustíveis fósseis para a própria exploração de terras raras.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, senhor Lucas. Senhor Kelson, Perdão.

Convido agora o senhor Roberto Kosuki.

Roberto Kosuki: Boa tarde. Antes da minha fala, eu gostaria de fazer um protesto, formalizar um protesto. A forma como foi, foram feitas as apresentações aqui. Esvaziaram o ímpeto de quem veio dizer alguma coisa. Mas boa parte de quem iniciou a fala aqui foi o pessoal da Meteoric. E depois vem a réplica pelo próprio pessoal da Meteoric. Daí criou um, um esvaziamento muito grande na fala.

Bom. Meu nome é Roberto, eu sou geólogo sênior de Exploração e Meio Ambiente. Eu vivo aqui em Caldas. Estou radicado em Caldas há 45 anos e trabalho na área mineral há 50. Eu estou aposentado, mas eu sou consultor ainda de algumas empresas.

Eu venho aqui representar um grupo que há duas décadas ou mais se uniu em torno de uma proposta defesa do meio ambiente de Caldas, quando ninguém falava em

meio ambiente. Eu posso citar duas colegas aqui Maria Augusta, a Lúcia Helena e principalmente, né, dando uma grande força, fazia parte desse grupo, a prefeita Margot Pioli que eu tenho o maior prazer de revê-la aqui né?

Olha, vendo todo o trabalho que foi apresentado pela Meteoric. Com a minha experiência, eu já fiz isso também. Eu já fui do outro lado, né? Eu vejo que o EIA/Rima apresentado por eles é nada mais do que uma formalidade. Contrataram uma baita de uma empresa de consultoria que trouxe um documento que agrada bastante aos órgãos fiscalizadores. Mas isso nós não sabemos se isso vai ser cumprido ao longo do tempo. Hoje nós estamos aqui, as autoridades, o pessoal de controle, a direção da mesa, todo mundo. Nós estamos conscientes, com toda a fala que houve aqui, né, que realmente há uma boa intenção da empresa. Agora o problema é se vai se cumprir, né? Se vai se cumprir. E eu? Eu vou assim, para não estender demais a minha fala. Eu vou dizer que eu assino embaixo tudo o que o pessoal da APA Pedra Branca falou. Tudo, tudo, tudo, tudo. E mais quem veio em apoio. A eles, né? Porque tem um monte de coisa mais que poderia.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Esgotou seu tempo.

Convido aos representantes do empreendimento para que façam as considerações acerca do acerca do bloco que passou. Obrigado.

Mariana Gomide (CERN): Bom pessoal, sou Mariana, da empresa CERN, uma das responsáveis técnicas. Acho que é importante a gente dizer que são diversos profissionais com CREA, CRBio. Todos. Todas as anotações de responsabilidade técnica. Além da CERN, outras diversas empresas especializadas trabalharam arduamente na elaboração do EIA/Rima. É um estudo muito complexo, muito robusto. Como o Cezar disse, ele pode ser passível de solicitações de complementações. A gente não se exime de e não se furta de responder nada que tenha ficado dúvida. Mas é importante a gente frisar, enfatizar aqui a seriedade das empresas e principalmente, dos profissionais que respondem com seus registros de classe e com seus CPFs. Tá? Então a gente, obrigada. A gente fez todos os levantamentos. Nós seguimos um termo de referência disponibilizado pela FEAM e cumprimos então todas as todos os requisitos solicitados e o prazo tempo que a gente tem aqui para apresentar é muito resultado é muito curto. Então, realmente a gente pincela, apresenta as principais e os principais pontos, mas o EIA está disponível online para quem quiser ler na íntegra.

Sobre a questão da extinção de espécies. Devido a essas intervenções, mais uma vez, a intervenção em vegetação nativa é referente a apenas 13% da área total do empreendimento. Toda essa intervenção, ela vem acompanhada de diversas

medidas de minimização do impacto de compensação, que vem justamente garantir a não extinção, a não interferência modificação daquele ambiente a ponto de extinguir alguma espécie. Então, não há previsão de extinção de nenhuma espécie. Devido à implantação e operação do empreendimento. Sobre o empreendimento, a empresa cumpri todas aquelas medidas que são propostas no EIA, que aferem assim a viabilidade do empreendimento. E cabe a nós, enquanto sociedade, ao poder público, as prefeituras, as secretarias municipais de Meio Ambiente e ao Estado, a área de fiscalização e de regularização. Cobrar não só da Meteoric, mas de todas as empresas, empreendimentos, não só o cumprimento de todo o controle ambiental e de toda a legislação ambiental existente.

Cezar Augusto Fonseca e Cruz (Alger): E complementando a partir desse ponto, é um ponto que acho que é fundamental reprisar que a gente está passando por licenciamento ambiental, que vai se dar em três fases. A gente está na primeira dessas fases e para cada uma dessas fases, né? Na medida em que o órgão ambiental entender a viabilidade do empreendimento e fizer a concessão da licença, condicionantes são impostas para serem cumpridas pelo empreendimento, para que ele possa progredir de fase dentro desse licenciamento. E esse acompanhamento ele é feito através de relatórios que ficam disponíveis em um sistema público de acesso ao cidadão, né? Então, é importante reprisar que todos os dados que forem produzidos para cumprimento de cada uma dessas condicionantes, eles são e serão públicos e todos os cidadãos poderão acompanhar. A comunidade caldense poderá acompanhar a evolução disso e, na medida do que o órgão exigir, a empresa vai praticar os atos necessários para poder fazer esses atendimentos, né? E estabelecer todo esse fluxo de forma que a comunidade caldense vai poder acompanhar isso de forma isenta.

E sobre a questão do complexo Lagoa Dourada, né? Eu queria trazer aqui que não há previsão de impacto sobre esse patrimônio. A gente vai fazer essa avaliação no sentido de responder formalmente. O COMPCA de Andradas, tá. Mas dentro dos trabalhos que foram conduzidos, não há previsão de impacto sobre o Complexo Cultural de Lagoa Dourada. Mas a gente vai fazer tudo isso de forma formal, assim como o PAC trouxe aqui para gente também. Para o órgão ambiental, o faremos também de forma e por escrito. Sim. E refrisar também que foi feito o [Epic] [inaudível]. E com base na minha afirmação, ela se dá justamente com base no estudo que foi feito para apresentação ao IEF, que foi encaminhado ao IPHAN e, também, que foi apresentado ao Conselho do Patrimônio do Município e que está tendo a oportunidade, inclusive de se manifestar. Estamos está manifestando quanto ao documento que foi produzido.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado. O pessoal do empreendimento. Atendimento. Nós concluímos então o décimo bloco

com a fala dos três inscritos e mais as considerações pela representação do empreendimento.

Eu peço a vocês mais um pouquinho de paciência para a gente poder manter a ordem, o silêncio e a tranquilidade. Eu sei que foi servido aí alguma coisa de comer. Isso gera uma ansiedade em todo mundo, mas vamos manter a ordem pra gente poder caminhar pro final da nossa reunião de maneira bem tranquila.

Bom, chegamos aí ao nosso 11.º bloco e o penúltimo eu vou chamar mais três inscritos e aí eu chamo a senhora Vanessa Santos, senhora Nathália Francisco e o senhor André Carvalho Carlos.

Ok, o último eu fui informado então que é representante vinculado ou preposto do empreendimento, razão pela qual a gente descarta a inscrição dele. Tendo em vista que o empreendimento já fez a sua participação através dos oito que lhe são de direito. E aí eu passo para o inscrito seguinte, que é o senhor Marcelo Duarte. Então, esse bloco que a gente vai acompanhar agora, ele vai contemplar a senhora Vanessa dos Santos, a senhora Nathália Francisco e o senhor Marcelo Duarte. Ok.

A senhora?

Vanessa dos Santos: Vanessa.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): A senhora Vanessa? Então a senhora tem três minutos para fazer uso da palavra. Esteja à vontade a partir de agora.

Vanessa dos Santos: Boa tarde a todos. Eu sou Vanessa, resido em Caldas a 44 anos. Sou filha de proprietários das terras que serão talvez aí uma base de rejeito da argila, após ser lá retirada e depois colocada para depois, se voltada a cava.

Eu tenho algumas, além de todas essas outras que foram colocadas, eu estou achando que tem muitas lacunas que precisam ser melhor discutidas em demais assembleias, em demais encontros, como vocês mesmo disseram. É pouco tempo para se explicar muita coisa. Então acho que tem que haver várias outras assembleias, vários outros grupos de estudo, para que a gente possa chegar num consenso aí.

Não é que ninguém está contra. A gente precisa conhecer claramente, de forma passiva, de forma de conversação, de diálogo. Porém, a gente precisa colocar aí algumas lacunas que estão ficando em abertas. A gente recebeu, né? Eu falo a gente, proprietários, envolve a minha família diretamente, porque eu não fui convidado para participar de nenhum momento. Foram só colocados os meus pais.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Segura só um minutinho. Pausa o tempo dela. Pessoal, vou reiterar o pedido pelo silêncio. Pela ordem.

Vamos respeitar a cidadã que está aqui fazendo a manifestação igual vários de vocês já fizeram e foram respeitados na oportunidade. Nós já estamos seguindo para o final. A gente já vai seguir para [inaudível]. A gente está no penúltimo, vai, já vai seguir para o último bloco. Vamos ter mais um golinho de paciência que a gente vai vencer essa etapa desse ato administrativo, do processo que está tão bacana até agora.

Os debates em alto nível e vamos permitir que a senhora Vanessa conclua a fala dela. Ela está num raciocínio legal, falando inclusive da família. Vamos deixar ela concluir em silêncio e respeitando o direito dela de fala. Pode retornar a senhora Vanessa.

Vanessa dos Santos: Continuando, isso aí é um projeto que não vai deixar minha família rica, não vai deixar eu milionária, não vai fazer nada. Isso vai afetar as futuras gerações. Eu sou a terceira geração dessa cidade. Eu já tenho uma filha, que é a quarta. Eu fui criada num espaço onde existe uma biodiversidade muito grande. E aí eu quero saber que daqui há 13 anos, será que a nossa memória afetiva estará totalmente diferente? Em uma área onde a família hoje já faz mais de 90 anos? A minha avó está com 92 anos, onde eu fui criada. Será que ela vai estar daqui 13 anos? Como ela está hoje? A gente já teve muitas perdas. Eu faço uma luta constante lá pela questão da água na minha propriedade. São quatro minas.

A outra questão que eu gostaria de saber é que no contrato das minutas dos contratos que foram enviados aos meus pais, e eu tenho eles aqui, também não fala em projeto de garantia que a gente vai ter. Se a área vai voltar ou não a ser como ela está hoje. Lá não se fala nada disso. Se voltar, ok. Mas e se não voltar? O que que a empresa vai estar fazendo pela gente? Quem vai manter? Porque a gente sabe, nem lá INB está, em constante manutenção, está em constante gente fiscalizando, verificando se não está tendo nenhuma causa. A gente sabe disso. A gente vive numa caldeira radioativa. Mas e aí? Daqui 13 anos, quem vai estar lá monitorando as minhas terras para saber se o que está lá não está prejudicando não só a minha família como toda a população caldense. A outra questão é que precisa sim, ser mais claros nas questões da água, porque quando foi perguntado pelos meus pais ao técnico que foi lá com a psicóloga sobre a questão dos lençóis freáticos que existe porque são quatro Minas, minas puras que a vida inteira meus avós estão a mais de 90 anos, sempre sobreviveu. Nós estamos com problema lá com a seca. Tem a questão climática, mas essa água daqui, depois após a exploração, ela tá como?

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado senhora Vanessa. Eu convido então a senhora Nathália Francisco para fazer o uso da palavra. A senhora tem três minutos. Esteja à vontade.

Nathália Francisco: Boa tarde gente! Chamo Nathália. Sou Poços, caldense e pesquisadora da UFMG. Inclusive alguém falou aqui sobre as benesses da Alcoa e eu pesquiso justamente as afetações à camada psicológica da população do Jardim

Kennedy, que é diretamente afetado pelas atividades mineradoras da Alcoa. E posso garantir que são muitas as afetações negativas à vida da população.

Bem, eu queria abrir minha fala dizendo que eu acho curioso que toda vez que vem alguém da representando a Meteoric aqui e fala assim 'ah, é porque isso tem respaldo técnico ai, porque a equipe técnica tem comprovação técnica. E não sei o que, não sei quê, não sei o quê'. Como se o conhecimento técnico e o saber técnico fossem mais válidos e o único legítimo em relação a todos os outros. E, ao contrário disso, o que a gente vê é que os conhecimentos que são subjugados, o conhecimento dos povos originários, o conhecimento que está além dessa epistemologia ocidental. Esse conhecimento que pensa a partir do Sul, que pensa da África, que pensa da América Latina, é justamente o conhecimento que precisa ser começado e incorporado para que as atividades que dizem ser as atividades que nos trazem o progresso tragam um progresso que não seja um progresso seletivo, que seja um progresso distribuído para a população que a gente sabe que não é na sociedade capitalista globalizada em que a gente vive.

Bem, a gente pode perceber que o discurso empresarial é unânime para a parte das pessoas que estão aqui. E é um discurso que visa associar a extração dos minérios estratégicos, que são as terras raras, a uma imagem de crescimento econômico e benefícios da comunidade local, o que é pouco ou nada comentado são os danos socioambientais que muitas vezes são impossíveis de quantificar, porque existem dimensões da vida cotidiana das pessoas que não dá para quantificar com dados técnicos. Existem dimensões que são subjetivas, que não são objetivas, como vocês tanto colocam aqui. E surfar nessa onda de transição energética é muito óbvio. Assim como justificar a criação de emprego, qualificação de mão de obra e etc. O que a gente quer saber é o que vai acontecer com a vida das pessoas que moram aqui. Porque se a gente se perguntar, por exemplo, o que está acontecendo com a vida da população do Vale do Jequitinhonha, que foi anunciado pelo governador Romeu Zema, que inclusive cabe salientar, 11% da receita da campanha dele foi financiada por empresários da mineração. Então, quando ele foi lá anunciar a exploração do lítio no Vale do Jequitinhonha, coisas que ele não falou começaram a acontecer. As pessoas estão sendo infectadas. As pessoas não podem mais se banhar nos rios e usar a água dos rios. As pessoas estão com problemas psicológicos, inclusive sobrecarregando o atendimento do SUS, que não dá conta de atender a quantidade de pessoas que está sendo afetada pelos modos de vida totalmente alterados desde a chegada da empresa de mineração de lítio no Vale do Jequitinhonha.

Eu tinha mais coisa para falar, mas eu vou deixar por aqui. Eu espero que o que o que está acontecendo lá não se repita com a população de Caldas. Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, senhora Nathália. Eu convido agora o senhor Marcelo Duarte para poder fazer o uso da palavra. O senhor tem três minutos, senhor Marcelo, esteja à vontade.

Marcelo Duarte: Não é? Bom dia! Boa tarde, já a todos, à mesa, às autoridades. Meu nome é Marcelo Duarte.

Pelo sotaque já deu para perceber que eu não sou daqui, mas me considero daqui, que eu me mudei para cá recentemente. Não só eu como várias pessoas têm feito investimentos. Assim como a Meteoric também pretende fazer. Se vai acontecer ou não, é uma outra situação. Mas também me considero um investidor na região. Tá, assim investidor. Acredito no potencial da região. Não só eu, como várias outras pessoas. Várias outras pessoas vêm e estão vindo pra cá. Estão investindo. E toda vez que você vai fazer qualquer empreendimento, o que você procura? Você procura saber quem é o seu sócio. E eu acho que é o momento da Meteoric que realmente abriu o coração e falar eu. Hoje o Google é uma ferramenta aberta a todo mundo. Eu tomei a liberdade de fazer uma pesquisa na Meteoric australiana. Você pode me corrigir ou, se não for você, alguém da Meteoric australiana. Ela tem um valor de mercado. Hoje que eu vi vocês, me desculpa. Agora vamos falar que acho que ninguém falou da grana. Hoje tem um valor de mercado meteórico de $250 milhões australianos. É menor do que o dólar. Dá em torno hoje 4 bilhões o valor da Meteoric. Observei também que as ações da Meteoric que lá fora tem caído mais de 60% nesse último ano. Tá. O valor das terras raras também em franca decadência. A pergunta que eu faço é tudo bem, está subindo. Mas vamos lá, vamos comparar. Eu não sei. Eu não sou do ramo, vamos dizer.

Daí eu tomei a liberdade de pegar o CNPJ da Vale do Rio Doce, valor patrimonial dela registrado na Receita Federal, R$75 bilhões. Alcoa aqui, nossa vizinha aqui, R$5 bilhões e meio.

E tomei a liberdade também, que é uma. Não é nem liberdade. É uma informação pública aberta para todo mundo. E viu o capital social da Meteoric e das duas, uma de 100.000 e a outra de 50. Aí sim. Aí eu fico assim você me desculpa, eu e esse passivo e essa grana, porque todo empreendimento tem 50% de chance, ou dar certo ou dar errado. E se der errado, é esse passivo quem vai arcar com isso, né? São a Meteoric Brasil e a Meteoric Australiana. E quem é o responsável por isso? Quem é que vamos? Quem que é o Zé? Huguinho, Zezinho e Luizinho? Tudo bem. Então, assim, eu acho que essa era uma questão que para mim me incomoda, entendeu? Eu acho que para alguns também. Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, senhor Marcelo. Chegamos ao fim dos inscritos nesse bloco e eu convido a equipe do empreendimento para que faça as considerações acerca das falas dos inscritos.

Marcelo Carvalho (Meteoric): Xará, tudo bem? Beleza. Então, nós somos a empresa de capital aberto, né, pessoal?

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Só um minutinho, Mais uma vez eu solicito ao empreendimento que a fala seja feita corrida, de forma a abarcar toda todas as falas que foram.

Marcelo Carvalho (Meteoric): Eu estou respondendo à questão dele só.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Bom, vamos lá. Se você for responder à questão diretamente cada um, nós vamos partir aqui para uma discussão individualizada da questão.

Marcelo Carvalho (Meteoric): Ok, e...

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Capte aqui o que foi trazido. Só um segundo que eu estou falando?

Marcelo Carvalho (Meteoric): Sim, desculpe.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Capte aquilo que foi trazido pelos três e faça de forma escorrida para que todos nós tenhamos acesso a sua, a sua fala. Eu vou repetir, nós estamos chegando ao último bloco aqui. Se a gente partir para esse, "eu vou responder o Marcelo. Eu vou responder o seu Roberto." Vocês vão. A gente vai entrar aqui num ambiente de discussões individualizadas, que não é salutar para aquilo que o regimento coloca. E aí nós vamos estender muito a nossa discussão. Então eu, gentilmente, peço até desculpe pela abordagem, pela interrupção, mas gentilmente eu peço a você, ao Éder, ao Antônio, Cézar que façam as alegações de forma corrida.. discorrida para que todos nós tenhamos acesso.

Marcelo Carvalho (Meteoric): Sem dúvida. Quanto ao capital social da empresa, nós somos uma empresa listada na bolsa, né? Uma empresa listada na bolsa. Ela varia conforme o preço da commodity, é claro, né? A gente levanta dinheiro via equity e para o empreendimento aqui a gente tem que levantar dinheiro também via BNDES ou via fundos de investimento.

Tá, desculpa. Desculpa. É, hoje o nosso. As ações estão caindo porque o preço das áreas caiu nos últimos anos devido à dominância da China, né? No mercado da China produz 70% do minério e 90% dos ímãs. E o que eles fizeram foi baixar o preço para exatamente matar o mercado externo. A China, né? E esse é um dos projetos e outros projetos que tem no Brasil que podem quebrar o monopólio da China nesse setor, porque são projetos que são mais, muito mais sustentáveis que os projetos chineses e que são muito mais baratos do que os projetos chineses. Então, em termos de custo,

né? Há essa tendência desses projetos se desenvolverem. Já está movimentando a curva de novo para cima, né?

A questão do capital social é que existem duas formas de contabilizar o capital social. Uma é via empréstimo do capital, que vem de lá pra cá, né? E a outra é que você tem que devolver depois. E a outra via a apropriação do capital, né? Nós no começo, nós optamos pelo empréstimo e agora a gente vai capitalizar o capital que foi gasto aqui, que é 80 milhões $. A gente vai capitalizar nas empresas aqui no Brasil. Então isso vai ter uma mudança. Tá, acho que respondi tua pergunta.

Éder Santo (Meteoric): Obrigado, Vanessa. Nathália. Marcelo pelas perguntas. A questão do impacto que vai haver nas propriedades. A gente tem feito algumas reuniões com os proprietários de terra. Pois não?

Marcelo Carvalho (Meteoric): Foi perguntado também pelo Marcelo quem vai responder por isso, né? Os administradores das empresas respondem. Eu sou o administrador da empresa no Brasil. Eu respondo civilmente, criminalmente por qualquer ação tomada pela empresa lá fora ou aqui. Então, Marcelo, eu respondo. E tem outros dois sócios ali que são da empresa brasileira que são, que são, que respondem civilmente, criminalmente por todas as ações tomadas na empresa. E lá fora é uma empresa listada em bolsa de valores, né? Existe um código, que é um código australiano, chamado *Jorc,* que tudo que a gente fala precisa ser auditado e se não for verdade, a gente também paga civilmente, criminalmente por isso.

Éder Santo (Meteoric): Bom, com relação aos impactos então que vão ocorrer nas propriedades, né? Já tive a oportunidade de conversar com a sua mãe e com o seu pai. Vanessa, a gente teve numa reunião em que estavam alguns dos proprietários de terra e a gente explicou, né? A gente explicou, na verdade o que a gente explicou aqui. Então, quando a gente vai fazer as intervenções ambientais, a gente precisa tomar o cuidado. Se eu vou fazer uma supressão de vegetação, por exemplo, eu preciso tomar cuidado com os animais que vivem ali. Então a gente precisa primeiro fazer com que esses animais migrem, minimizando o impacto sobre eles, para que a gente possa fazer a supressão de vegetação.

Com relação à água, a gente também faz, minimiza esse impacto ou de que forma numa nascente, eu lembro que a senhora comentou comigo das nascentes e a senhora me disse que estaria na audiência pública para fazer essa pergunta. E eu agradeço. Eu lembro que eu disse para a senhora também que seria importante a senhora participar. No momento da execução da lavra, quando a gente vai fazer as escavações, a primeira coisa que a gente faz é direcionar essas nascentes para os córregos. Então a gente direciona as nascentes para os córregos. A gente não perde em qualidade de água e não perde também em quantidade de água. No momento que a gente vai fazer o fechamento, a gente também faz. A gente faz o processo

contrário. Na verdade, quando o nível d'água começa a subir, a gente constrói drenos de pedra realmente para poder recolocar essas nascentes o mais próximo possível de onde ela estava localizada originalmente. E, além disso, a gente faz aquilo que eu comentei anteriormente, que é a recuperação e o reflorestamento de todas as áreas de nascentes. Inclusive, a gente sabe que eh... Vocês me disseram naquela noite, né, que já estavam com alguns problemas com nascentes justamente pela ocupação que havia ao redor, né? Então a gente vai trabalhar dessa forma para garantir para a senhora o retorno da água na propriedade da senhora, especificamente. É, com questão a questão. Bom, a questão do investimento, o Marcelo já comentou também. Então da empresa é isso? Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, senhor Éder. Encerramos então o 11.º bloco e partimos para o último bloco. Eu vou chamar os três inscritos para que façam uso da palavra senhora Carliusa Ramos, senhora Flávia Leão e a senhora Maristela, cujo sobrenome eu não vou arriscar a dizer. Não entendi e não compreendi. E não vou. Não vou errar. Quem é a senhora Maristela que está aí escrita? Tal senhora Carliusa Ramos, Flávia Leão e a senhora Maristela. Senhora. A senhora Carliusa. Por gentileza, a senhora tem três minutos para fazer uso da palavra.

Carliusa Ramos: Ei pessoal, boa tarde, né? Eu sou Carliusa. Sou da aldeia Kiriri, ali da aldeia Ibirama Kiriri, do Rio Verde, né?

Eu não vou fazer muitas perguntas, não vou fazer muito questionamento, porque eu já fui contemplada com várias perguntas, várias respostas, né? A resposta sempre é a mesma. E eu só queria falar assim. Tem garantia, ninguém garante nada, né? Só não vai acontecer. Mas não garanto que não vai acontecer, né? É só isso que acontece. Eu moro na margem do Rio Verde, né? E aí eu vi que no projeto vai a nascente do Rio Verde. Vai. Vai usar a água do Rio Verde, né? Então, eu moro na margem do Rio Verde. Aí, como é que eu não vou ser afetada, né? Pelas águas do Rio Verde? E nós? Nós, comunidade indígena, né? A minha comunidade indígena está sendo ouvida agora. Porque eu questionei, né? Numa reunião do CODEMA que foi apresentado o projeto. Só que não estava falando de indígena. E aí eu fui, questionei e falei que de Caldas tem indígena, tem as comunidades indígenas que por obrigação tem o direito de ser consultada, né? O que vem para o município. E aí eu fiz esse questionamento. Aí agora a gente começou a ser ouvido, né? E teve. Ouviu todos os outros, né? Menos as comunidades indígenas. No projeto não fala de indígena, fala de povo tradicional. Nós somos povo indígena. Povo indígena é comunidade tradicional. É isso que tem que ser no projeto. É povo indígena, né? Nós temos essa cultura.

Foi falado aqui, falaram, falaram de dinheiro. Quem é que não quer dinheiro? Todo mundo gosta de dinheiro. Quem não quer trabalhar, né? Só que a gente tem que prestar atenção o seguinte: será que eu tenho curso superior que eu posso trabalhar

na Meteoric? Eu tenho. Eu não tenho, gente. Eu não vou trabalhar na Meteoric. Será que 500 pessoas de Caldas têm esse curso que vai trabalhar na Meteoric? E Meteoric não vai cavar buraco de enxada não. Ele vai cavar buraco é de máquina ele vai querer engenheira. E pessoas que estão lá em cima é muito estudo e a gente tá falando assim. Vai ser muito bom. Vai ser bom sim, né?

Mas aí, o que eu queria falar com você? A cultura, né? Pensaram na cultura? Nós somos nós. Nossa cultura. Quanto mais distante. Maior impacto. Nós estamos distantes. Nós estamos a 88 quilômetros de lá. De onde vai tirar a terra? Só que nós vamos ser impactados, sim. A cultura com nosso sossego, né? Com a nossa saúde. Nós vamos ser impactados com a nossa educação, com a nossa estabilidade. Nós vamos ser impactados. Não adianta dizer que não vai não, que vai. A Meteoric que vai vim pra cá. Onda vai. Mas só que nós temos que nós vamos viver com isso, já que nós vamos ser impactados. Nós já tem que ver com isso. O que nós tem que fazer é agora. E como é que nós vamos usufruir dessas políticas públicas que vai vim pra Caldas? Como é que vai ser essa política pública na saúde? Na educação?

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, senhora. Eu convido agora a senhora Flávia Leão. A senhora Flávia, a senhora tem três minutos. A partir de agora, esteja à vontade.

Flavia Leão: Boa tarde a todos e a todas. Eu sou moradora de Pocinhos do Rio Verde e gostaria de fazer alguns questionamentos à empresa, a partir da minha leitura do EIA/RIMA, né? Eu participei de várias reuniões com a empresa, mais de uma e só acumulei dúvidas.

A partir da leitura do EIA/RIMA, que eu não consegui ter um acesso facilitado. Não acho que seja simples entrar, baixar, descompactar etc., mas na minha leitura, é 1200 e poucas páginas, se não me engano. Eu não consegui em tempo, dar conta de todo o relatório, né? Mas me chamaram a atenção alguns pontos vários que foram tratados aqui, né? Acho que a preocupação com a água é uma delas. Com os animais, com a vegetação, com a preservação ambiental e tudo o mais, né? E o meu interesse em ler o EIA/RIMA que eu acredito que o número de pessoas que tenha lido seja reduzido, né? E ele não me esclareceu. Algumas coisas, pelo contrário, me trouxeram novas dúvidas. Entre elas esta: a classificação do projeto com um grau de risco seis, que é o maior de todos. Assim, como assim, esse risco seis? É um relatório tão favorável, tão cor de rosa, tão cheio de soluções, não é mesmo?

Bom, eu queria colocar especificamente uma questão para vocês que diz respeito à supressão de vegetação, né? Acho que ninguém falou aqui do número, mas o número que vocês me deram era da supressão de 60 hectares de mata nativa. Ora bolas, 60 hectares de mata nativa não é pouca coisa. Não é? Que impacto isso terá no ambiente? Que impacto isso terá nas águas? Dado que nós sabemos que água se

planta? Que a forma como a água infiltra no solo é através das árvores, né? Então eu gostaria de saber se há uma avaliação sobre o impacto climático da supressão dos 60 hectares.

E queria saber também por que vocês disseram, você sempre diz que vão cumprir todas as leis e regulamentos e eu espero que cumpram mesmo. Então que, segundo a nossa legislação, 60 hectares deveriam ser repostos em 120. Muito bem. Se nós vamos precisar repor 120 hectares de vegetação nativa, eu queria saber onde estão os viveiros. Porque mata e floresta a gente não cria da noite para o dia. Quem já plantou um pé de salsinha, um quarteirão...

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Seu prazo esgotou. A senhora Maristela está por aí? Eu vou passar para o próximo, então, Júlia Nassif? Júlia Nassif. Tiago Mafra? Senhor Tiago Mafra, o senhor tem três minutos. A partir de agora esteja à vontade.

Tiago Mafra: Boa tarde pessoal. Agradeço a possibilidade da audiência, em especial pelas entidades que tiveram o cuidado de abrir esse espaço para nós, para que a gente pudesse tirar tantas dúvidas. O fato de a gente ter um projeto chamado Projeto Caldeira e as cidades da Caldeira não estarem sendo contempladas nessa discussão já é muito sintomático. Um outro problema também nós. Eu sou vereador recém-eleito na cidade de Poços de Caldas. Estou com meu companheiro de Ney Lennon, que é atual vereador na cidade, e nós também não tivemos os convites formais para as cidades. Acredito que as demais cidades também não o receberam. É importante que se a gente vai fazer um empreendimento dessa monta, que as comunidades possam participar, que haja controle social e que a gente possa dizer tudo aquilo que nos incomoda e que nos deixa dúvidas; isso é o primeiro passo.

A segunda questão. Nós estamos falando aqui de questões de vida, de sobrevivência. Não à toa, as pessoas preocupadas com o meio ambiente estão aqui preocupadas com as questões futuras. Os moradores estão aqui preocupados com a sua sobrevivência, com o seu sustento, com a sua produção econômica. Aqueles que estão trabalhando. Também estão aqui porque estão preocupados com o seu sustento. Não à toa a empresa os fez estar aqui hoje. E eu fico me perguntando sobre tantas vezes. que se veio aqui nessa tribuna hoje falar sobre técnico. "É um conhecimento técnico, é um discurso técnico." Vamos tirar essa ideia da nossa cabeça. Que elemento técnico é algo neutro? Não existe laudo técnico neutro. Alguém paga esse laudo. Alguém paga para se descrever determinada coisa de determinada maneira. Então, o que nós queremos hoje é primeiro clareza. Clareza nas informações. Saber realmente os impactos.

Não dá para tratar um empreendimento desse tamanho dizendo que é de futuro sustentável, de transição energética. Se esse processo ele ocorrer às custas de

empobrecimento, de dificuldades para a população? E se não houver, como disse o companheiro Daniel, se não houver uma cadeia produtiva pré-estabelecida para produzir aqui os ímãs, para produzir aqui os supercondutores, não adianta nada extrair. Vai ser uma repetição, como disse um dos que se expôs aqui antes. Vai ser mais uma repetição do processo de colonização. Extrai-se o minério, leva embora e não se agrega desenvolvimento nenhum ao local. Isso me deixa uma preocupação, porque o prazo de início, os dados para início do empreendimento, eles estão muito claros quando se pergunta sobre cadeia produtiva, construir indústria na caldeira, nas cidades. Aí nós estamos vendo. Isso vai ser para quando a China não faz processo produtivo para ver depois o que vai fazer. Tanto que ela controla toda a extração, até a produção dos supercondutores e controla porque é estratégico. Aí o representante da empresa vem e nos diz que não vai ter um impacto tão grande porque vai pra Santos. Se sabe que vai pra Santos é porque o minério in natura vai embora sem processar aqui.

Isso aí. Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, senhor Flávio. Espera aí. Quem falou agora foi o senhor Flávio. Tiago. Perdão. Obrigado, senhor Tiago. Eu vou passar a palavra aos representantes do empreendimento para que faça o fechamento desse 12.º e último bloco da nossa reunião aqui.

Antônio Malard (Alger): Bom, primeiramente, em relação à fala da Carla. Primeiro, é claro, agradecer por esse momento, essa oportunidade de falar sobre esse assunto. E foi dito sobre a necessidade de obrigatoriedade, de realização, de consulta. A gente tem dois procedimentos diferenciados. Um é uma consulta livre prévia informada, que é prevista na OIT 169. Essa não é obrigatória, não é exigida pelas legislações pertinentes ao tema, seja na esfera federal, pela Portaria Interministerial n 700 de 2015, ou seja, por um decreto estadual recentemente publicado nesse ano de 2024, pelo simples fato das dos povos tradicionais, e aí eu coloco também que foi utilizada essa terminologia, porque é a terminologia oficial. Então, as aldeias indígenas, os povos indígenas, são considerados povos tradicionais pela legislação federal. Mas a gente tem que reconhecer que nosso.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Respeito com a fala do Antônio.

Antônio Malard (Alger): É e não é pela definição. Assim, a gente tem que reconhecer. E, claro, reconhece a importância das aldeias pela sua tradição. É por esse motivo, inclusive, que, em que pese não ser obrigatório fazer as consultas que foi criado esse diálogo próximo que a gente quer contribuir. Então, está totalmente à disposição para valorizar a tradição, justamente para contribuir com que isso perpetue. Então contem com a empresa para esse, para esse trabalho.

O segundo ponto em relação ao porte do empreendimento, foi dito que a classe seis. É importante frisar para que todos saibam que a legislação no Estado de Minas Gerais ela estabelece seis classificações vai de classe um ou classe seis. Eu posso dizer aqui para vocês que existem centenas ou talvez milhares de empreendimentos que são classificados pela classe seis, só para não parecer que esse é o dos poucos empreendimentos que são classe seis. Para vocês terem uma ideia, uma empresa de fabricação de pneu com cinco hectares de área é classe seis. Uma empresa que faz reciclagem de lâmpadas pequenas é classe seis. Então, só para desmistificar, para não parecer que é um empreendimento ultra impactante por ser classe seis, não é assim que estabelece a legislação no Estado de Minas Gerais.

E por último, eu tenho que defender todos os meus colegas que fizeram esse trabalho, todos altamente qualificados. Nós estamos falando aqui. Nós estamos falando aqui de questões técnicas. É claro que não é somente a questão técnica. É importante a experiência de vocês, dos cidadãos, da região. São extremamente relevantes e é por isso que as entrevistas. A percepção socioeconômica faz parte desse processo. Mas claro que a técnica, a questão científica, é fundamental. Então, por isso a gente tem um corpo muito robusto de técnicos, composto por engenheiros, biólogos, geógrafos, com as mais diversas especialidades mestrado, doutorado. Foi dito aqui, por exemplo, sobre doutores da Unicamp. Eu sou doutor da Unicamp também. E dentro do escopo do nosso time, a gente tem vários mestres doutores também.

E foi dito aqui que a gente foi comprado, que sempre o estudo de uma empresa de consultoria é comprado para atestar a viabilidade do empreendimento. O sr. Tiago, não sei onde você está, mas eu quero que você comprove isso, porque isso é muito grave. Essa afirmação está muito grave. O senhor pode ser processado por isso, tá? É inadmissível vir aqui e soltar isso no ar sem nenhuma comprovação, tá? O estudo extremamente detalhado e bem feito. E se tiver qualquer questionamento sobre o estudo, estamos aqui justamente para responder o que fizemos hoje. Muito obrigado. Obrigado.

Mariana Gomide (CERN): É... complementando aqui a algumas... pessoal complementando aqui algumas questões técnicas.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Pessoal, Peraí, peraí, Mariana, segura a mão.

Audiência (Inaudível): Um minuto porque foi citado o nome da pessoa de maneira bastante, digamos assim...

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Daniel, nós vamos dar sequência aqui ao final. Mas de toda forma, isso passa pelo meu crivo, tá? Daniel, enquanto presidente aqui, enquanto organizador dessa reunião. Tá, vamos com calma. Mariana, conclua e a gente vê este laudo.

Audiência (Inaudível): Não existe laudo neutro, não existe laudo neutro. Não existe e aguardo processo. Pode chamar assessoria jurídica e eu reafirmo não existe laudo técnico neutro. De onde será que existe?

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Ok, o senhor já fez a sua participação, Mariana, por gentileza.

Mariana Gomide (CERN): Obrigada. Só concluindo aqui a parte técnica dos questionamentos que foram feitos nesse bloco sobre a questão do impacto climático com a supressão, né? E como a gente mostrou, vamos lá.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): A gente já está quase concluindo. Vamos. Vamos manter o nível de respeito que nós tivemos desde o início dessa reunião.

Mariana Gomide (CERN): A área, ela já é bastante pesada. Ela tem quase 83, 87% da sua área já entrosada, já possui outras atividades que suprimiram essa vegetação que existia ali pretérita mente. Então, esses 60 hectares que serão suprimidos, que deverão ser suprimidos para a implantação, ele não causará um impacto no clima, na condição climática do local, né?

E sobre a compensação não só duas vezes a área da supressão, ela pode chegar até quatro vezes. A gente tem compensação da Mata Atlântica, que é dois para um, tem a compensação mineral. Temos também de APP e das espécies ameaçadas. Então todas essas compensações estão contempladas. E sobre o viveiro? Sim, né, claramente, à medida que o empreendimento for aprovado, né? A implantação de viveiros onde as coletas do Top Soil também serão usadas, as sementes que serão coletadas na área onde vai haver a supressão, vai contribuir para esse viveiro da empresa e que esse viveiro perdura ao longo da vida útil e os plantios ocorram não só na área do empreendimento como no seu entorno.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Mariana, seu tempo se esgotou.

Vai sair aqui? Achei que minha bateria tinha acabado e que se não a do microfone, a minha, pessoal está quase indo, viu, todo mundo.... mas a minha, que eu tenho que concentrar em tudo que vocês falam.

Mas pessoal, vamos lá. A gente chegou ao fim do dos nossos e da parte que a gente tem de debates, de inscritos e apontamentos por parte do representante do empreendimento.

Essa é a terceira fase, salvo engano, da nossa reunião, a gente tem mais dois momentos. O primeiro eu vou conceder a fala. O prefeito Ailton Pereira Goulart, que é o nosso anfitrião hoje aqui, ele solicitou. Não, não está dentro do roteiro nem do script,

mas como sinal de respeito dessa unidade ao anfitrião aqui que nos recebeu, participou desde o início conosco aqui e representa a população da área diretamente afetada pelo empreendimento. Nada mais justo do que ele tecer algumas considerações, em que pese também a Prefeitura fosse um dos legitimados a solicitar a audiência pública. A gente teve a audiência pública solicitada pelas, pelas entidades. Naturalmente, a gente enquanto unidade também e muito provavelmente solicitaria e demandaria essa audiência pública, porque é um processo que demanda muitos questionamentos e seria salutar ouvir a população nesse momento. Então, prefeito, o senhor tem dez minutos concedidos por mim, não pelo regimento. Gostaria que o senhor respeitasse os dez minutos. Esteja à vontade para fazer a sua fala.

É isso. Boa tarde. Obrigado.

Ailton Pereira Goulart (Prefeito de Caldas/MG): Boa tarde a todos. Quero aqui de primeira mão cumprimentar o Frederico aqui, que está aqui brilhantemente conduzindo os trabalhos. Poucas vezes pude participar de uma audiência pública tão justa e ordeira e neutra, conforme a gente tem visto aqui. Então, parabéns pela condução e aqui na pessoa do Éder, do Marcelo. Saúdo todos os funcionários aqui, representantes da Meteoric e também em nome dos povos originários, os povos indígenas. Eu quero cumprimentar a todos vocês que fazem parte aqui dessa audiência pública. A cidade os abraça e fico muito encantado e feliz por tê-los aqui. É um tema bastante espinhoso, um tema bastante duro, mas que de fato necessita de diálogo. Tá certo, tudo que é novo causa medo, causa espanto. E comigo não é diferente. Ainda mais eu tendo a responsabilidade que tenho de prefeito e tendo que saber diferenciar uma coisa da outra. Tudo que foi dito aqui foi legítimo, raríssima. Raríssimas coisas para mim somente não desceu. Como por exemplo, a gente às vezes colocar em cheque a identidade de profissionais. Isso eu não concordo. É só a minha opinião, mas não significa que eu esteja certo.

Pois bem, quando eu fui me deparado com esse projeto, eu não sabia o que estava acontecendo. Eu fui convidado a comparecer em Poços de Caldas para um evento. Eu relutei e não quis ir. A minha equipe que me fez ir a Poços de Caldas. Quando eu cheguei, o governador chegou, se apresentou em Poços de Caldas, um empreendimento e de uma forma muito desrespeitosa por parte do governo. Caldas não foi convidada pelo governo. Também a cidade de Andradas não foi convidada pelo governo. E aqui na pessoa da querida prefeita Margot, a quem eu estimo muito, que acredito que Andradas também mereça de fato esse carinho e essa audiência pública. Porque é direito também porque está no Planalto. Poços de Caldas, assim como Poços de Caldas, também precisa ser ouvido. E eu sei que eles estão sendo ouvidos. Muitas das vezes, vocês não têm a oportunidade de apresentar esse projeto, porque às vezes as portas às vezes não se abrem para vocês com a forma que deveriam ser abertas. Mas enfim, voltando.

Quando eu cheguei em Poços de Caldas, fui convidado pelo Marcelo. Foi um choque, foi um espanto, por que onde que se tem um empreendimento dessa virtuosidade? E só falavam em Poços de Caldas, sendo que aqui estava localizado a planta, o beneficiamento. Então trataram caldas no primeiro momento com total desrespeito e me veio na cabeça o que aconteceu em Caldas há 50 anos atrás, aproximadamente, aonde Caldas virou a cobaia da radiação no Brasil. Fizeram aqui um laboratório e nos deram uma banana. Quando foram embora os melhores empregos, as melhores coisas ficavam por conta de Poços de Caldas e para nós só sobrou um passivo ambiental. Caldas foi muito maltratada e por isso é legítimo que a cidade tenha esse medo. É legítimo que a cidade venha procurar mais informações, mas não é legítimo a gente simplesmente comparar um empreendimento com o outro. É preciso que a gente saiba ouvir os dois lados. Nós somos pessoas adultas. Nós queremos o progresso da nossa cidade, em especial a mim, a mim, que estou prefeito da cidade.

Quantas pessoas não têm oportunidade de emprego? Quantas pessoas não têm uma oportunidade de melhora? Eu ouvi muito no decorrer desse tempo e agora, principalmente na campanha onde se debateu muito a questão do emprego, se bateu muito a questão da melhora da saúde, uma melhora da educação. Mas não é com fundo de participação, não é com dinheiro vindo de governo que a gente vai conseguir fazer tudo, e sim com investimentos robustos e corajosos. E para isso a gente precisa de fato, caminhar firme os dois lados. Não se trata aqui de ser contra o empreendimento, ser a favor. Talita disse aqui uma das melhores coisas que eu ouvi. Não se trata de dizer sim. Não se trata de dizer não. Trata se de entender, de tomar consciência do que está acontecendo. Eu sou prefeito e o fato de eu ter a caneta na mão não significa que eu vou rifar o município. Significa que eu tenho que ter muito mais responsabilidade. Essa decisão não é minha sozinho. Essa decisão passa por uma Secretaria de Meio Ambiente. Passa por um órgão deliberativo, que é, no caso do mapa, que é onde tem autonomia para decidir muita coisa que acontece. Para mim, só chega no final, na ponta. Caso eu tenha que assinar.

Então eu falo assim para vocês. Muito discernimento nesse momento. Não é hora de guerra. Muito pelo contrário. Vamos dar as mãos, porque lá na frente a gente vai sair muito mais fortalecido com relação a tudo isso. Nós estamos aprendendo, inclusive eu. Eu tenho a humildade de dizer que eu não conheço a fundo o que é isso? Talvez eu não tenha a total dimensão daquilo que está acontecendo. A nossa cidade não está preparada ainda para assumir um empreendimento como esse. Nós vamos caminhar juntos, vamos aprender todo mundo junto, inclusive o comércio que precisa acreditar e precisa melhor preparar para receber as pessoas que aqui vão estar.

Por fim, não gostaria de terminar da forma que vou terminar agora. Vou voltar aqui e peço licença para vocês, porque eu tenho o hábito de ser muito educado e cortês, principalmente com as pessoas que visitam a minha cidade. Mas eu quero me dirigir ao da ponta, ao sr. Anderson. Quando citou meu nome aqui como uma pessoa que

não amava a minha cidade. Ora, desculpa, meu senhor. O senhor não me conhece. O senhor veio visitar a minha cidade e é muito bem recebido, mas isso não lhe dá o direito de chegar aqui. Meteu o pé na porta e falar que eu não amo minha cidade. Eu amo minha cidade tanto quanto sua ama sul.

O fato de estar prefeito não me torna melhor do que ninguém. Eu sou um ser humano, antes prefeito é erro e acerto. O que eu quis fazer talvez não tenha sido entendido por uma minoria, mas foi entendido pela grande maioria. Cometi o erro de fazer numa área de APA. Mas isso não significa que eu não respeito a APA. Vou te contar uma coisinha. Eu tenho 46 anos de idade, sou nascido, sou criado nesse local, graças a Deus e aos frutos do meu trabalho. Eu nunca precisei arredar o pé daqui. Todo mundo sabe quem eu sou, constitui família. E aqui eu sou um empresário respeitado. Eu gero emprego e renda para minha cidade. Então, só por isso eu me candidatei a prefeito, porque me senti na obrigação de servir para a cidade que eu amo, com tudo que ela fez por mim. Eu sou um abençoado. Eu sou um afortunado por ter aqui as minhas raízes. Coisa que não aconteceu com os meus amigos que tiveram que ganhar o mundo para poder ter um sucesso profissional. O que eu quero é que a cidade se desenvolva com profissionais aqui. Agora vou dizer mais uma coisa para o senhor. Eu me senti na obrigação de devolver o bem, me candidatando a prefeito. E fui, graças a Deus, há pouco eleito, com 76% dos votos, a maior votação da minha cidade, demonstrando pelo povo da minha cidade o tanto que eu amo essa cidade. Então a vocês meu muito obrigado e eu peço para o senhor que quando foi alguma cidade, respeite as pessoas que lá estão.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado pela manifestação, prefeito, pelas palavras, pela lucidez. É... bom a gente nessa missão que é trabalhar o licenciamento ambiental. Talvez seja uma das temáticas mais polêmicas e delicadas dentro do cenário do executivo estadual. Porque a gente... Não pensa em vocês que é fácil. A nossa missão aqui é minha, do Anderson, do Loredano. A gente lida todos os dias com processos extremamente polêmicos, delicados. A gestão do território ela gera, de fato, inúmeras discussões, inúmeras frustrações de expectativas, sejam dos empreendedores, sejam do daqueles que defendem de maneira mais, digamos, radical, a causa ambientalista. Com toda a legitimidade. A gente tem que ficar nesse sempre, nesse meio de temperar a relação entre o poder econômico, o governo e a sociedade. Então, a nossa função também é muito difícil aqui e ela é desafiadora.

E todos os dias a gente aprende um pouquinho. Hoje aqui a gente aprendeu muitas coisas. Eu tive uma lição aqui com relação a exceções. Eu acho que num ambiente desse a gente abriu uma exceção de uma fala, acaba gerando direito de outras pessoas também quererem falar. Eu fui gentilmente ceder um espaço ao prefeito para que ele pudesse fazer a manifestação e de coração, o prefeito faria isso em outras oportunidades. Mas o Daniel, que é o poder legislativo do município, também levantou

a mão e me questionou, mas se o Poder Executivo pode fazer a manifestação, eu também poderia, né? Naturalmente, eu não quero ter aqui uma decisão despótica. Não quero ser imparcial nesse sentido, ainda que eu entenda que a gente tem que entender, a gente tem só um minutinho que a gente tem que saber qual é o escopo disso aqui. Então, Daniel, com a mesma educação, com a mesma urbanidade que eu te tratei, para que? Para que concedesse? Eu vou te conceder seis minutos e 30, que foi o prazo que o prefeito teve e não abrirei mais nenhuma exceção para fala que eu acho que a gente esgotou os momentos de fala. O último momento fala que nós vamos ter, com exceção do Daniel, e a fala é para encerramento da dos legitimados. Eles vão dividir dez minutos entre duas falas. A empresa já abriu mão da fala dela, o pessoal já está, né? Não abriu não. Vocês vão falar de novo, então? Então, então. Volta um pouquinho. Então volta um pouquinho. Vamos lá. Então vamos organizar.

Daniel você fala seis minutos e 30. Tá. Vocês vão falar dez minutos. A empresa fala dez minutos. Eu faço o encerramento e a gente termina este ato relacionado ao empreendimento e ao licenciamento ambiental. E vamos ter muitos outros desafios, muitas outras, muitas outras discussões. Tá ok.

Daniel, a palavra é contigo. E eu reitero meu pedido de atender ao escopo da nossa audiência.

Daniel Tygel (Presidente da Câmara dos Vereadores de Caldas/MG): Claro. Cabe a todos respeitar o escopo e não cabe a ninguém pessoalizar. Eu acho uma pena quando personaliza, porque o debate aqui não é de uma pessoa, gente. O debate aqui é do futuro de Caldas. O debate aqui vai muito além de uma pessoa se sentir afetada ou não. A questão aqui é a soberania do nosso município e a soberania da nossa história. E é disso que nós estamos falando. Então, primeiramente, eu respeito muito grande que eu tenho para o Frederico, muito antes de ele ser... muito antes dele ser superintendente, como ele é hoje chefe da URA aqui eu já conheço ele como técnico e conheço a qualidade que o Frederico tem e o respeito que eu tenho a todos aqui. Tanto da Meteoric como da Alger, com a qual nós temos tido diálogos riquíssimos que inclusive tem alterado muitas das coisas, inclusive a minha fala aqui e a fala que eu sempre repito para os colegas da Meteoric e para os colegas da Alger que fazem um trabalho excelente de diálogo.

O que a gente precisa compreender, pessoal, é que esse licenciamento ambiental, ele é grande. Pode se dizer que classe seis não seja muito para quem está mexendo com muito. Eu entendo. Já mexeu com muitos empreendimentos, mas Caldas nunca teve um licenciamento Classe seis. É o primeiro que nós estamos tendo pelo seu alto impacto, mas o problema com relação a esse empreendimento. Frederico eu gostaria muito de deixar isso claro para você. É que ele é um empreendimento que abre um setor de atividade que vai começar com a arrecadação.

Caso consiga atingir 12000 a 18000 toneladas, com faturamento bruto da ordem de 1 bilhão $, 6 bilhões R$, que é muito acima dos 75 milhões R$ do município. Se o município não soubesse colocar prefeito Ailton, a gente vai ser o otário da história, como bem colocado pelo Marquinhos. Nós temos que entender que Caldas é soberano sobre o seu território, que Caldas não é conduzida pelo dinheiro de fora, que Caldas é conduzida pelo amor a nossa nação, pelo amor a nossa juventude e pelas oportunidades que nós precisamos ter. Por isso, é natural que uma decisão dessas gere desconforto. E é natural que as pessoas estejam sentindo preocupações.

Isso não é briga, gente. Isso não é tensão. Isso é estar preocupado. Ninguém está com jogo de futebol. Palmeiras contra Corinthians. Ninguém está aqui brigando para ver quem fala mais alto. O que nós sabemos é que quem tem que definir o futuro de Caldas e Caldas é quem vai dar a palavra final sobre Caldas e Caldas. Só que Frederico, o que nós estamos falando de fundamental? Além das 08/09 cavas, eu queria pedir para o corpo técnico da URA não olhar somente as 08/09 cavas que são fundamentais, mas olhar principalmente os impactos futuros da unidade de beneficiamento. A unidade de beneficiamento. Ela é grande e se não houver condicionantes para limitar a distância máxima das cavas para limitar o nível máximo de produção, porque a Meteoric, eu aprendi a lidar muito bem com vocês e dialogar com vocês.

Mas, infelizmente, como dito pelo Marcelo, nós não temos garantia de que a Meteoric que vai operar gente, a Meteoric pode, no final das contas, passar para a frente. Não dá pra gente ter total garantia. A Meteoric, que tinha uma mineração de ouro no Pará, ela montou tudo, começou a minerar por um tempo, vendeu e passou pra cá. Então isso tudo pode acontecer. Não é nada contra o pessoal da Meteoric, que são modelos de negócio de capital aberto. Só que nós de Caldas, a gente não pode virar o sacrifício do planeta Terra.

A gente entende a necessidade de avançar com a energia verde agora. Pessoal de Caldas, os de fora nunca vão falar que a gente vale o que a gente é. Só nós poderemos dizer o que nós valemos. Por isso esse debate é rico. Por isso, além dessa audiência, teremos que ter outros espaços de negociação. Já peço isso, por isso eu peço. Aí eu tenho falado com o pessoal: vamos firmar um termo de compromisso que vá para além do EIA/Rima, que não passe pelo EIA/ RIMA porque o EIA/RIMA é muito pequeno, gente! Nós temos que definir critérios. Infelizmente, Caldas não tem um Plano Diretor. Caldas não tem um plano de desenvolvimento. O CEFEM, que é 1 milhão por ano, que vai vir eventualmente, se não for bem pensado, vai ser queimado. Esse dinheiro vai ser queimado, esse dinheiro e nós vamos perder uma possível oportunidade. Então, nós estamos numa encruzilhada em Caldas, entre uma grande oportunidade para o município ou então a gente virar um grande buraco com trânsito de caminhões.

É isso que nós vamos ter que refletir. Não é apenas a unidade atual com as oito ou nove cavas. Depois que foi criada essa unidade, eu digo para vocês e não falo sem conhecimento de causa, meus amigos. Não Meteoric vão saber. Essa unidade de beneficiamento vai ser uma das únicas dessa natureza no lado ocidental do planeta Terra. E se a gente não conseguir vincular isso a legislações que garantam o crescimento da cadeia, nós vamos pagar o pato, enquanto Caldas e não vamos ver o desenvolvimento aumento do nosso IDH.

Por isso, peço mais uma vez à SUPRAM, a URA que coloque dentro dos seus critérios questões vinculadas ao futuro do nosso município, porque para nós Caldas é 100%, para quem vê Caldas de fora, Caldas é um pontinho, mas para nós Caldas é tudo. Por isso eu peço para todos da cidade de Caldas não vamos polarizar em discurso fácil, não vamos pessoalizar, mas vamos debater o nosso futuro com fraternidade e amor que essa cidade merece. Se a gente não ama a Caldas, quem vai amar? Só nós e a nossa região, nessa linda caldeira tão rica e tão almejada por poderes externos. Sejamos atentos e vamos trabalhar para o desenvolvimento desse município com fraternidade e sem ficar nessas provocações individuais e pessoais. E quero dizer que, por favor, retirem os dados sensíveis que não estavam na lista.

Muito obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Agora nós vamos, dentro do nosso rito há as considerações finais dos legitimados pelo, pela DN 225. Eles têm dez minutos para falar e dez minutos no total. Eles se dividiram entre a Aliança em Prol da Pedra Branca e a Associação Poços Sustentáveis. Cada um dos dois provavelmente falará cinco minutos. Vocês podem dividir como quiserem. Eu só peço para que coloque o. Esteja à vontade para fazer uso da palavra.

José Edilberto (Associação Poços Sustentáveis): Por uma questão de equidade presidente. Eu peço ao senhor uma concessão para a gente também. Houve concessões aqui.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Está indeferida.

José Gilberto (Associação Poço Sustentável): Que fique registrado, porque aqui não é uma. Deveria ser uma via de mão dupla, mas eu percebo que não é uma via de mão dupla, então eu só estou consumindo o meu tempo aqui. Agradeço. Mas vamos lá para uma questão de equidade. Está registrado. Essa ausência nossa. Aqui foi pedido uma concessão de um minuto para o empreendedor. Ele sequer quis ouvir. Mas é assim. Vamos lá.

Competência do licenciamento, se é federal, estadual ou municipal.

Muito importante isso aqui, de acordo com o artigo 18 do Decreto quatro sete três oito três. Eu não vi em momento algum a certidão do Município de Poços de Caldas, Caldas e Andradas, figurando em todo esse discurso que foi apresentado aqui. A Área Diretamente afetada, ou seja, o município tem que declarar essa autorização e não consta. E eu não vi em nenhum dos anexos que foram apresentados. Então está aqui um registro de uma eventual ilegalidade nessa fala toda aqui, porque nós não vimos. Então é necessário. Nós estamos falando aqui de legalidade.

Eu prezo pela legalidade, embora eu seja... Sou advogado também, mas é muito importante falar sobre disso. Falou-se uma única vez de top soil. O que é top soil, gente? É o patrimônio genético de Caldas. Na primeira página do EIA/RIMA aparece uma perereca. E esse patrimônio biológico a gente tem que conhecer. Eu, eu desafio. Aqui se constrói todo o conhecimento do bioma e desse material que vai ser removido para ser processado e retirar as terras raras. Então, minha preocupação com o top soil é com o patrimônio genético que são desconhecidos. E aí, no caso da fauna, como já foi dito.

Então, quando menciona se legislação aqui, eu chamo a atenção para Caldas, Andradas, Poços de Caldas, que é o bioma Mata Atlântica, aonde que a água nossa fica reservada? Nos topos de morro, nas montanhas. Quando, quando se diz aqui que a água vai ser bombeada é direcionada para o rio. A água foi retirada do colchão. E aí esse é o patrimônio e o cuidado que a gente tem que ter com o reservatório. Então, todo aquele processo do ciclo da chuva que eu já falei aqui. Então, o patrimônio arqueológico entra no site do Instituto, no Faça as configurações lá e coloque patrimônio arqueológico. Vocês verão aonde está incidindo o patrimônio geológico. Se está lá não é por acaso, tem que ser analisado, tem que trazer e julgar à luz a esse processo.

Então, quando a gente olha aqui. Diretor de Sustentabilidade ESG aqui em ESG a sigla é Ambiental, Social e de Governança. Gente, é... quando alguns aqui reclamaram do lado social da empresa, a gente não tem que usar uma expressão aqui, por favor. A gente não pode ser filhote de anjo nessa hora. A regra é essa o mercado está aqui, as ações estão na bolsa, então a regra é clara. Então, se puder, a empresa vai retornar para a sociedade. Se não, é a fala do Daniel que acabou de acontecer aqui, em face da equidade que não houve, eu vou encerrar a minha fala aqui em nome da Associação Poços Sustentáveis, representando parte da mesa que cedeu o tempo pra gente aqui.

Então eu vou nomear as pessoas que abriram mão aqui o Anderson, o Planeta Solidário e a Central de Associação de Produtores Orgânicos. Mas por que que eu vou falar disso? E agradecer essas pessoas também? Porque nós estamos dando voz para alguns que estão aqui e esse é o ponto. Então, a coragem de assumir e de enfrentar

o público e de saber do que vai ser dito. De vencer as tréplicas que virão. A gente tem que assumir essa, tem essa capacidade de identificar, identidade.

Então vou falar diretamente para SUPRAM, pra FEAM, para o governo de Minas Gerais. As vítimas de eventual qualquer desastre que envolvam água, que envolva resíduo, que envolva contaminação radioativa, ela tem identidade. E o município que está aqui, que alguns se manifestaram aqui. Então, essa identidade é que a gente precisa identificar quem são as pessoas que serão vítimas. Houve a repactuação lá em Brasília, lá de Mariana e Brumadinho. A sociedade não foi ouvida, as vítimas não foram ouvidas, o dinheiro foi falado e já foi alguma coisa. Foi dito aqui. Gente, presta atenção. Quem vai ser vítima é que mora no local. Então é essa, o Marcelo. Quando ele fala assim eu vou ser o responsável, ele está falando, mas se ele vender a empresa dele aqui vai ser o segundo. É assim que funciona. A regra é clara, gente. Então a gente não tem que ter pudor é de aceitar que a regra está sendo posta para todos. Então é isso. Obrigado, Talita. Então é isso. Permanecemos à disposição. Agradecemos a oportunidade. É isso. Obrigado. Até mais. Muito.

Talita (Representante da Aliança em prol da APA da Pedra Branca): Bom dia novamente a todos e todos. Queria agradecer pela oportunidade dessa fala, dessas falas de todas as pessoas que puderam se manifestar. Agradecer ao Frederico pela condução e, também, pelo elogio. Ele disse que nós somos um povo educado. E somos mesmo, né gente? Caldas é constituída por uma diversidade de pessoas, de culturas.

Por uma natureza maravilhosa. Esse é o lugar incrível. E é por isso que nós estamos aqui. Falando de impacto. Quem não sentiu o impacto hoje? Esse impacto de estar 06h00 sentado nessa cadeira? Minha lombar sentiu, gente! Posso confessar? Então os impactos já estão acontecendo, né? Agradeço também às entidades da sociedade civil aqui presentes que fizeram o pedido dessa audiência pública. Se não fosse esse pedido, talvez hoje não estaríamos aqui tendo essa oportunidade de dialogar, deixar claro que essa prosa de hoje foi muito boa, mas não foi suficiente para esclarecer todas as nossas dúvidas.

Imagina uma coisa desse tamanho a gente decidir assim tão rápido? Então a gente quer conversar mais, a gente quer mais diálogo, a gente quer tempo. Caldas Quer tempo para saber mais sobre esse assunto. Caldas quer entender melhor? Olha quantas questões foram colocadas, quantas outras ainda podem surgir. Porque olha o pouquinho de gente que estava aqui. Olha o tamanho dessa cidade. Quantos bairros a gente tem? Olha o tamanho da nossa zona rural, então. Caldas quer saber mais? Caldas precisa de tempo.

E aqui, enquanto Aliança, a gente vai voltar e retomar essa discussão sobre os caminhões. Gente, me desculpa ficar falando de caminhão, mas é o nosso momento, né? Se não houver, se não houver limites a serem respeitados, não vai dar para a gente

começar esse empreendimento. Eu relembro esses limites e adianto que de repente a gente vai conversando, podem surgir outros. A gente quer um limite quanto a quantidade de produção anual em toneladas de carbonato de terras raras pela unidade de beneficiamento.

A gente também precisa de um limite quanto à distância máxima de cavas de argila, a unidade de beneficiamento. Isso vai impactar diretamente o trânsito desses caminhões. A gente quer um limite. A quantidade máxima de cavas de argila concomitantemente abertas não só da Meteoric, mas isso se depois outras empresas vierem. Né? Nós estamos aqui estabelecendo uma relação de diálogo, de confiança. Ok, mas e se outras vierem a pedir esse licenciamento? E se outras pessoas assumirem esse lugar? Quantas cavas nós teremos abertas ao mesmo tempo nesse município? Quem garante que depois o trânsito de caminhões vai acontecer somente internamente? É isso. A gente precisa conversar melhor. A gente precisa de uma vedação expressa da unidade de beneficiamento em receber a argila de outras empresas e empreendimentos autônomos que não sejam da própria empresa proprietária da unidade de beneficiamento.

Avanço na cadeia produtiva. Isso foi tão falado aqui hoje e isso precisa da nossa atenção. Que tipo de produto nós vamos ter? Que tipo de material vai ser produzido? Vai ser levado daqui? Que tipo de emprego nós vamos oferecer para os nossos jovens? Isso é muito importante. Isso está dentro das nossas condições para dialogar sobre esse tema. Nós queremos a separação do carbonato nos elementos unitários nas cidades da caldeira e nós queremos a produção de imãs aqui no nosso município. A gente quer a tecnologia aqui em Caldas.

Recomendamos também que o relatório da URA, o órgão ambiental, contemple também esses limites como condicionantes para esse licenciamento. Então fica aí, Frederico, a nossa reflexão. Nós precisamos avançar com essa discussão. Sem isso, estaremos abrindo a Caixa de Pandora e transformando uma possível oportunidade para Caldas em uma oportunidade perdida. Então, se tem um momento para discutir essa transformação, esse momento é agora e nós precisamos de tempo para isso. Como eu disse anteriormente, aqui não é sobre sim ou sobre não. Eu digo mais aqui é sobre Caldas. Caldas Sim. E eu vou pedir que nesse meu último minuto eu vou pedir aplausos, mas aplausos para Caldas, para nossa história, para a nossa tradição, para a nossa roça, para a nossa cesta de palha, para o nosso vinho, para a nossa uva. Viva Caldas!

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, Talita, pela manifestação. Elogio. Além do povo ordeiro dessa cidade, educado. Isso não quer dizer, é um povo passivo, porque é um povo que combate, que vai atrás dos seus direitos e que conta sua história de maneira ordeira, mas de maneira combativa. Mas eu quero estender o elogio também a você, que foi uma das legitimadas que solicitou

a reunião e que conduziu a sua fala de forma tão pertinente, tão ponderada e tão robusta nos seus argumentos. Parabéns e conte sempre conosco, com a nossa, com a nossa experiência dentro da Unidade, quando você precisar. Para além desse processo, você certamente ganhou aqui admiradores e parceiros nessa caminhada dentro das questões ambientais.

Eu passo a palavra à equipe do empreendimento ou da consultoria que queira arrematar. Vocês têm aí dez minutos para as considerações finais. Depois eu faço o encerramento e a gente conclui esse ato administrativo.

Germano Vieira (Alger): Obrigado. Obrigado. Alô, Alô, Boa tarde, pessoal! Germano Vieira, meu nome, eu sou da Alger. Queria fazer uma fala final primeiro. Antes da fala final foi José da Poços fez uma questão relativa à declaração de conformidade. Até antes da legislação de 2018 era obrigatório que antes da formalização do processo tivesse as declarações de conformidade como integrantes do protocolo. Então, foi alterada a legislação até a concessão da licença ambiental. Essa declaração é obrigatória. Então, não há ilegalidade porque o processo está em andamento, mas até agora só vai poder conceder ou não a licença ambiental através do Conselho, se essas declarações estiverem obviamente emitidas. Então é importante sua colocação.

Mas a minha colocação geral era primeiro e eu já participei assim de muitas audiências, mas essa vai entrar para a história. Eu nunca participei de uma audiência com tão alto nível de discussão e de debate. Claro, algumas colocações mais acaloradas, mais firmes. Mas tudo isso, como foi dito aqui, muito legítimo, do posicionamento do coração, do entendimento de cada um, sobre o processo. E não é diferente do que aconteceu aqui.

Mas eu queria resumir todas as colocações na palavra se me der licença da Talita que colocou algo no início. Quem dera que se todas as audiências começassem por um representante da sociedade civil como ela trouxe aqui se colocando. Olha, porque as pessoas até acham que quem pede audiência pública já é contra o projeto por natureza, né? Ninguém entende que quem está pedindo audiência pública quer esclarecimento sobre aquele projeto para até mesmo poder se posicionar sobre o mesmo. Então ela já começou dizendo olha, minha colocação não é que quero sim ou quero não, mas assim, quero que as minhas dúvidas sejam esclarecidas. De todas as demais pessoas que estejam aqui presentes. Quem dera se todos os representantes da sociedade civil fossem assim. Talita, parabéns para você. E até como conselheiros da empresa. Desde o início eu disse para eles: "vocês terão um desafio muito grande." Primeiro, vocês têm lideranças naquela região que amam a região mais do que tudo. Tanto é que nós temos aqui prefeito representando o Ailton, a Margot, lá de Andradas, que estou vendo ali, que inclusive trabalhou com o professor Anastasia. Foi na época que eu estava na SEMAD. E outros representantes de Caldas

de Poços de Caldas e as lideranças legislativas. Daniel, o Tiago veio de Poços de Caldas, outro vereador de Andradas. Mas enfim, são autoridades que querem o melhor, certamente para o seu território. Mas mais do que isso, falei para a empresa e um grande senso de responsabilidade de vir para essa região pelos não bons exemplos que foram cultivados aqui ao longo das últimas décadas. Esse era o dever principal de fazer diferente. Então a gente teve um alta cobrança gigantesca para tentar fazer o melhor do melhor. E certamente, talvez o melhor do melhor ainda não esteja dentro daquilo que vocês esperam de nós. Mas, muito ao contrário, de que senso de colonizadores, como até se induziu a dizer aqui, com muita humildade, por toda a carreira que nós desempenhamos, por muitas áreas pública e privada, eu venho a dizer para vocês estamos totalmente abertos e à disposição para além dos estudos ambientais elaborados e protocolados na URA, construir o que vocês entenderem que seja o melhor para o território, que não é da Meteoric, que o território é de vocês e vocês vão nos dar um norte para esse empreendimento ser da maneira mais sustentável possível.

Ao Daniel, me deu uma lição muito grande quando a gente chega num território e a gente vê um representante da sociedade lá na Câmara dos Vereadores, como aconteceu da mesma forma com o Ailton, de nos abraçar e dizer assim "olha, sejam bem-vindos, mas Caldas pensa dessa forma, dessa forma e dessa forma". Nós queremos também as indústrias de ímãs. Aqui não devemos nos comparar à China. Porque se nos comparássemos à China, talvez um empreendimento como esse nem deveria estar sendo discutido lá. Como as coisas são feitas lá, ainda sou mais a favor da democracia. Pra gente ter essa discussão de ímã, há dez anos atrás começamos o laboratório para refinar como produzir os ímãs. E só agora, com investimento da empresa, que é a matéria prima do ímã, é que a gente efetivamente conseguirá produzir o ímã no nosso território. Esse é um compromisso da empresa que não é verbal, é de compromisso, escrito acordado com o Senai para desenvolvimento da tecnologia aqui e já financiado com o cronograma de desembolso para a implantação dessa indústria aqui em Caldas e na região. Muito obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Obrigado, Germano.

Marcelo Carvalho (Meteoric): Ah pessoal, só para finalizar, eu agradeço Frederico imensamente. Me desculpo se me excedi ou se passei por cima do protocolo algumas vezes. Me desculpa, tá? Agradeço a toda.... assim como eu disse no começo, né? É gratificante ver a comunidade bem representada aqui. É, eu queria. Eu acho que o Daniel e a Talita, eles foram muito certeiros em dizer que isso não é uma guerra. Isso é uma... Muito pelo contrário, a gente não está aqui para acabar com a vida de ninguém, muito pelo contrário, a gente está aqui para discutir futuro. Do que vocês quiserem de fazer da melhor forma possível, né? Eu me mudei para cá, pra Poços de Caldas, de Brasília. Minha filha estuda na escola da Carol, é colega da filha do Nacho

que estava aqui fazendo. Então eu estou aberto, eu estou sempre lá. Eu estou na escola sempre falando, né? A gente não está aqui para brigar. A gente está aqui para discutir. A gente está aqui para esclarecer e para fazer com que isso seja viável e possível.

A segunda coisa é que não enxerguem a gente como uma empresa australiana simplesmente. A empresa é australiana, mas ela é feita por brasileiros. Só tem um australiano aqui no Brasil. Os outros 59 são brasileiros, tá? Eu sou diretor da empresa, sou brasileiro. Eu estou aqui, né? E ela vai ser feita aqui em Caldas, com gente daqui, com brasileiros. Se não 100% e 99,9%. Então é uma empresa que é australiana, mas é uma empresa que investe no Brasil e que vai investir aqui e que vai ser desenvolvida por brasileiros, tá?

Daniel, mais uma vez eu me comprometo, tá? A gente tem uma série de agendas oficiais, então é muito fácil de conferir essas agendas, tá? Com quatro ministérios MCTI, Meio Ambiente, Fazenda e com o BNDES, tá? São agendas que a gente tem feito toda semana, exatamente para atrair o downstream ou essa cadeia. A gente investe no [mangue] [inaudível], sabe?

Então isso não é uma promessa, não é uma, é uma realidade, tá? A gente está lutando para que isso aconteça, porque a gente entende que isso é essencial para o nosso país, para o estado de Minas Gerais, principalmente pra Caldas.

Eu também não... Você sabe da minha, da minha vertente política, que é muito parecida com a tua. Então eu não quero mais exportar commodity, né? Nós não queremos exportar. Como nós queremos desenvolver essa cadeia aqui. Isso é um compromisso que eu tenho contigo e com a comunidade aqui, tá?

Bom, e só para encerrar, eu digo que é um processo cansativo, claro, né? Exaustivo, mas que eu estou bastante contente com o resultado obtido. E que nós estaremos sempre abertos a responder todo questionamento que for nos enviados oficialmente ou não, oficialmente, a gente tem um canal para isso. Eu posso deixar meu cartão pessoal aqui, tá? E sempre que precisarem, falem comigo, falem com o Éder que a gente tem total abertura para esclarecer qualquer tipo de questionamento. Tá bom? Muito obrigado pela presença dos senhores.

Germano Vieira (Alger): Só a gente não poderia deixar de ser cortês, né? De agradecer a disponibilidade sempre da Fundação Estadual do Meio Ambiente, que sempre esclareceu todas as nossas dúvidas para a realização da audiência. E parabéns pela condução, Fred e sua equipe, pela maneira ordeira, harmoniosa que vocês conduziram. Eu acho que refletiu muito do resultado aqui hoje. Parabéns! Obrigado.

Frederico Augusto Massote Bonifácio (Presidente da Mesa Diretora): Agradeço as manifestações em meu nome, em nome da equipe. Quero agradecer também a Dr. Anderson e Eridano, que estiveram aqui comigo dividindo esse espaço. As técnicas da SUPRAM, da URA, perdão. Cátia, Alana, Natália. A Elaine que sempre nos ajuda nesses momentos de reuniões.

Eu já me estendi demais aqui. Já. Já me alonguei. Acho que está todo mundo muito cansado. Mas eu gostaria só de refrisar e registrar o quão o quão desafiador é e ao mesmo tempo satisfatório foi estar aqui com vocês durante essas seis horas que nós tivemos juntos. Agradeço imensamente o respeito e o carinho que vocês tiveram que o povo de Caldas, de Andrada, de Poços de Caldas, teve comigo e com a minha equipe. Eu vou guardar sempre a memória do dia de hoje. E a gente está sempre à disposição na unidade para atendê-los, para sanar eventuais dúvidas que sejam referentes tanto a esse processo. Mas como a gestão do território do ponto de vista socioambiental como um todo. Agradeço a vocês. Agradeço a equipe aqui de tecnologia que garantiu que nós pudéssemos fazer esse encontro sem nenhuma intercorrência, sem nenhuma intempérie tecnológica. A gente sabe que esses recursos são extremamente importantes para que a gente. Para que a gente realize um bom trabalho.

E esses recursos também são fundamentais para garantir que todos tenham acesso à nossa reunião. Quero agradecer a equipe que fez a tradução simultânea de Libras para garantir também a acessibilidade a todos. Eu desejo a todos vocês uma ótima tarde e repito depois de 06h00, declaro encerrada a nossa audiência pública no dia de hoje. Um abraço a todos.